



MUCIO TEIXEIRA

---

# Campo Santo

*Últimas poesias*

EDIÇÃO DE LUXO, ILLUSTRADA



RIO DE JANEIRO  
IMPRESA NACIONAL

1902



*A' MEMORIA*

De meu Pai, de minha Mãe e de meu Filho

Nessas tres sepulturas  
Tenho o meu Tabernáculo sagrado:  
Morreram cedo as minhas crenças puras,  
As divinas visões do meu *passado*.

Atorreado e triste,  
Sou um islenho diante duma enchente...  
Só a saudade — soberana — existe  
Na fria solidão do meu *presente*.

Vou seguindo, de rastros,  
Por entre abysmos, num deserto escuro :  
Guiam-me os versos meus, únicos astros  
Que scintillam nas sombras do *futuro*.

*Quocio Teixeira.*

Câmara Ardente



Aqui repousam meus sonhos mortos,  
Na urna funérea do coração:  
Naus, que partiram de estranhos portos,  
Para os naufrágios da aspiração.

Levantar ferro dentro dos portos...  
; Para os naufrágios da aspiração!





Velas rasgadas nas ventanias,  
Mastros partidos nos vendavaes,  
Lemes fluctuantes nas aguas frias  
Das latitudes septentrionaes...

¡ Como são longas as aguas frias  
Das latitudes septentrionaes !...



Deixei meus lares, cantando e rindo,  
Só com a idéa de — viajar :  
Mettido dentro dum sonho lindo,  
¡ Como foi triste meu despertar !

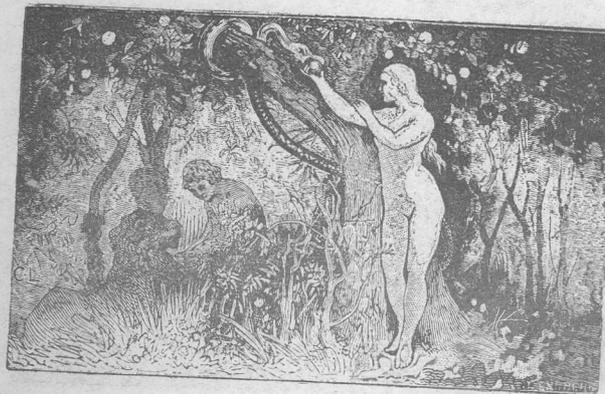
Sorri a infancia num sonho lindo...  
Choram os velhos ao despertar.





No mais profundo somnambulismo,  
Vi o que os outros não podem ver,  
O amor e a gloria, sóes num abysmo,  
Tudo que a gente quer, sem querer.

Vejo e não vejo luzes no abysmo:  
Nem sei que quero... ; só sei querer !



Eva, radiante de formosura,  
Provando o fructo do bem e o mal,  
Não tinha as graças da virgem pura  
Que entrou commigo na saturnal...

Louco VINICIUS, ; que a LYGIA pura  
Expuz ao fogo da saturnal !...





Crucifiquei-a nos meus abraços,  
Ardeu no fogo dos beijos meus ;  
Jesus piedoso lhe abriu os braços,  
E ella hoje vive perto de DEUS.

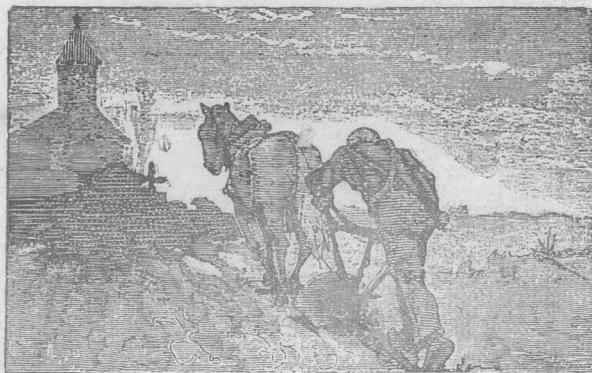
E Ella piedosa me abria os braços...  
; Talvez pedindo por mim a DEUS !



Outra...um demonio formoso e ingrato,  
; Cravou-me os dentes no coração !...  
Como a Princeza que quiz, num prato,  
Ver a cabeça de SÃO JOÃO :

E eu, ; miseravel ! triste, insensato,  
Fui, de joelhos, beijar-lhe a mão...





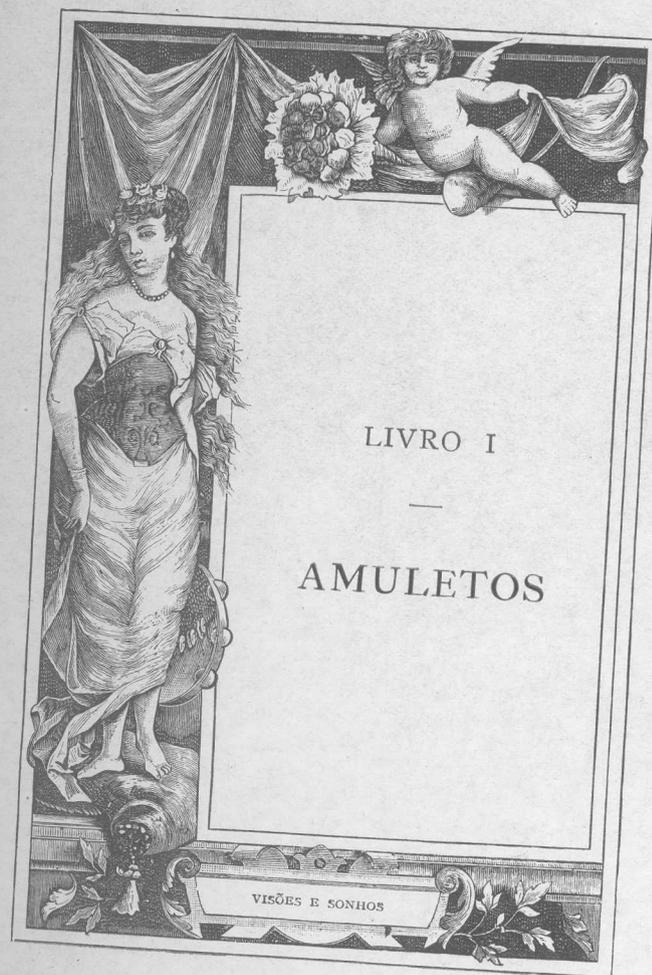
Lavrando a terra do meu Calvario,  
 Já vejo a ermida — cheia de luz :  
 Lágrimas tenho para um rosario...  
 ; E tenho braços para uma cruz !

Lágrimas...contas do meu rosario.  
 ; Duro Calvario ! ; pesada cruz !...



A Virgem Santa, de um moço enfermo  
 Curou as chagas do coração :  
 Si Ella viesse... ; teria um termo  
 Toda a miseria desta paixão !

Si Ella viesse... talvez no ermo  
Brotassem rosas — do meu caixão!





*Amar e Trabalhar.*

**N**EL *mezzo del cammin di nostra vita,*  
Não sinto ainda o mínimo cansaço ;  
Ninguém consegue interromper meu passo,  
E ância de gloria a proseguir me excita.

Prosigo. Dentro em mim o amor palpita  
 Como um sol, sem occaso, em pleno espaço;  
 A hygiene d'alma transmittiu-me ao braço  
 O vigor, que ás paixões se precipita.

Conservo as mesmas illusões de outr'ora;  
 ;Morre um sônho? — uma crença se avigora;  
 Nada me tolhe a marcha triumphante.

Arrasto a cruz nõ alto da montanha:  
 Odiado e perseguido, em guerra estranha,  
 Amei e fui amado; isto é bastante.



## II

## O AMOR

VIVE nas côrtes e nas aldeias,  
 Encontra Fadas, ouve Sereias.

Dorme em palacios, sonha em cabanas,  
 Abraça Infantas, beija serranas.

Faz mil loucuras... ¡e faz poemas!  
Tem afogado tantas Moemas...

Aos seus olhares ardeu Lindoya,  
¡E em labaredas crepitou Troya!...

Tem os espelhos incandescentes  
Com que ARCHYMEDES pasmava as gentes

Quando incendiava com arrogancia  
As naus da frota surta á distancia.

Fluctua em ondas de magnetismo  
Voando em fundo somnambulismo...

Agita um facho que inflamma as almas  
E faz mais verdes florirem palmas.

Quando em seus lábios se infloram risos,  
Abrem-se portas de paraísos.

Das mais formosas não sai de perto,  
Vivendo sempre num céu aberto.

Tem, nas viagens maravilhosas,  
Galeras d'oiro num mar de rosas.

E abrindo as velas ás tempestades  
Provoca as fúrias das Divindades.

Em noites frias, nos Pampas, — ¡upa!  
Vôa em cavallos que dão garupa...

Tem, em Veneza, gôndolas, onde  
O seu thesoiro discreto esconde:

E dos palacios á luz da lua  
Trémula a sombra n'agua fluctua.

Faz diabruras: desenha olheiras  
Nas maceradas faces das freiras.

Faz sacrilegios: em nichos santos,  
Rasga ás Madonas os longos mantos.

Subjuga as forças da Natureza,  
Como a poetisa SANTA THEREZA.

Senhor despótico e humilde escravo,  
Domina e cede... ¡covarde, e bravo!

Em serenatas, por horas mortas,  
Gemem guitarras e rangem portas.

Rivaes, que saem das mesmas salas,  
Puxam gatilhos que cospem balas.

Mulheres novas, ardentes, bellas,  
Correm afflictas para as janellas:

¡E nas compridas, desertas ruas,  
Lampejam folhas de espadas nuas!

Branças Ophelias boiam sombrias,  
Engrinaldadas, nas aguas frias.

Romeus e Faustos, de braços dados,  
Seguem Hamletos allucinados.

E estas palavras repete o vento:  
« Para o convento... ¡para o convento!»

Frescos pomares, grutas floridas,  
¡Ai, Julietas e Margaridas!

Paolo e Francesca, sempre abraçados,  
Num vôo eterno de condemnados,

Rasto de sangue deixam nos ares:  
¡Mas levam n'alma sóes e luares!





III

*TRES ENIGMAS*

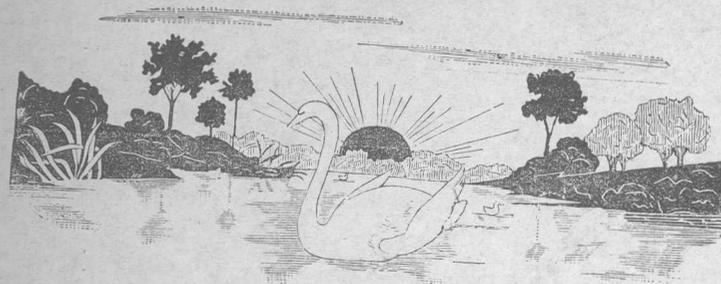
---

**N**A mesma igreja entravam nesse instante  
O enterro, o casamento e o baptizado:  
Riam os noivos, soluçava o infante,  
E o morto — duro, inerte, enregelado.

Chorava a pequenina creatura  
 Ao receber a graça do baptismo ;  
 E sorriam os noivos, na loucura  
 De quem dança nas bordas dum abysmo.

Só não chorava nem sorria o morto ;  
 Os mortos têm essa aparente calma  
 Dos velhos nautas, que ao entrar num porto  
 Nada revelam do que sentem n'alma.

E eu disse então commigo, contemplando  
 O pranto, o riso, e esse caixão fechado :  
 ; Pranto inutil ! ; sorriso miserando !  
 ; Qual é delles o menos desgraçado ?



## IV

*TORNEIO FATAL*

(No album do pintor Manuel Lopes Rodrigues)

**N**um castello alevantado  
 Num penhasco, ao pé do mar,  
 Onde o sol é mais doirado  
 E onde é mais frio o luar ;

Vive a Castellã, formosa  
 Como a estrella da manhã :  
 A dos labios cor de rosa,  
 A da face de romã.

Infanções, donzeis e pagens,  
 Todos, em justas de amor,  
 Vão tributar-lhe homenagens,  
 Abrir-lhe as almas em flor.

Perpassam hostes luzidas  
 Na sombra dos torreões,  
 Expondo por ella as vidas,  
 Com ella em seus corações.

Travam-se prélios renhidos  
 Do mais pujante valor ;  
 E ella sorri dos vencidos...  
 ¡Sorrindo-se ao vencedor!

Podemos dar testemunho  
 Desse combate cruel,  
 Eu — sempre de lyra em punho,  
 Tu — manejando o pincel.

Somos hoje os cavalleiros  
 De um tempo que não vem mais :  
 ¡Sombrios e forasteiros  
 Nas proprias terras nataes!

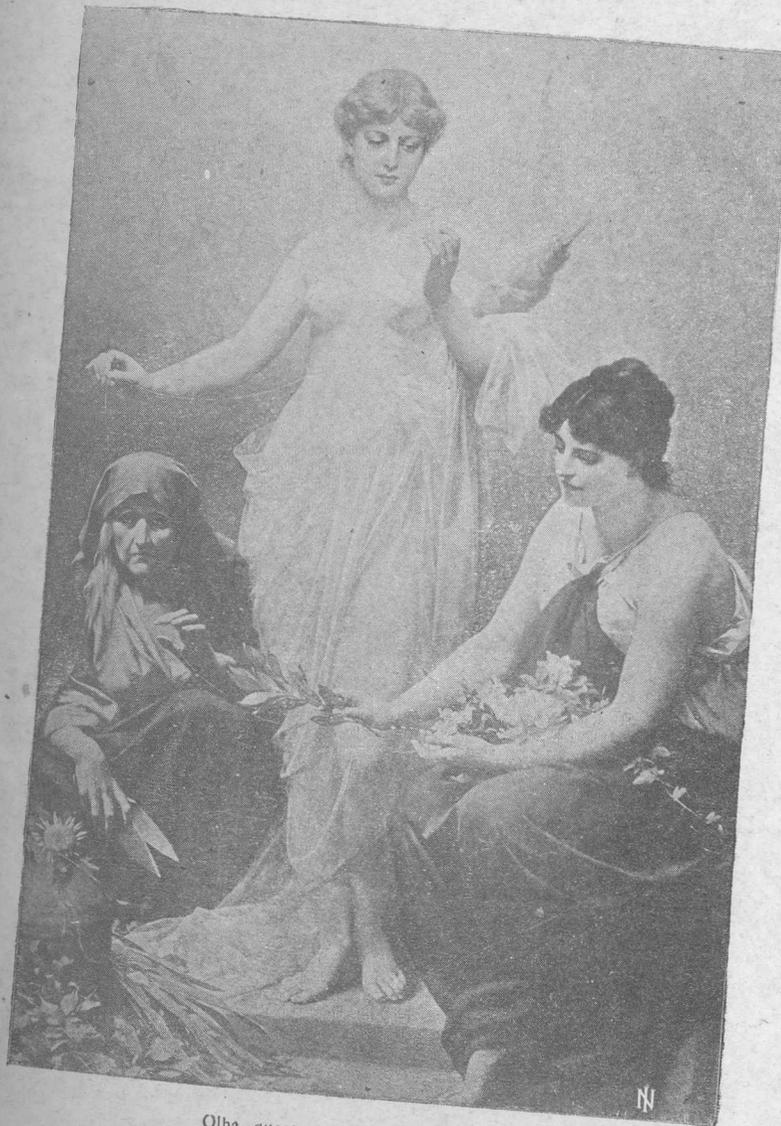
Emquanto os mais nestes dias  
 Nem lutam, para vencer,  
 Nós vivemos de utopias,  
 ¡Si é que se vive, a morrer !

Ha nestes versos a historia  
 Do nosso mútuo sentir :  
 A castellã — é a Gloria,  
 E o seu castello — o Porvir.

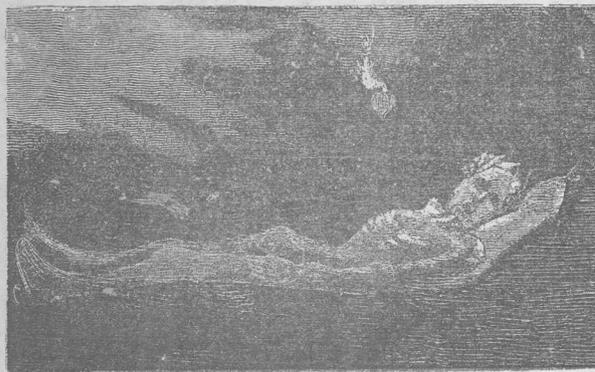
E' nobre, é sagrado, é bello  
 Seguir, sem nunca recuar;  
 Procura entrar no castello,  
 Que a Castellã sabe amar.

Teu mursello curveteia,  
 Relincha, escarvando o chão,  
 Mergulha as patas na areia,  
 Ergue nuvens na amplidão.

E já que vais na vanguarda,  
 De esporas d'oiro a tinir,  
 Olha que a morte não tarda...  
 ¡E inda está longe o Porvir!



Olha, que a morte não tarda...  
 ¡E inda está longe o porvir!



V

*MONÓLOGO DO CAVALLEIRO*

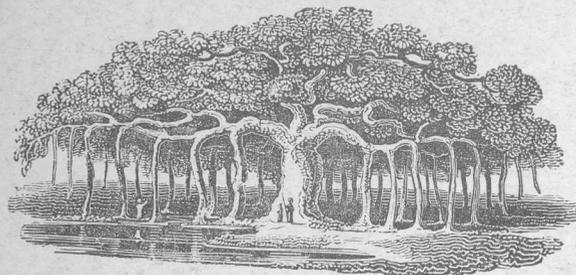
(Soneto laureado em concurso)

**P**OR minha Dama e por meu Rei, outr'ora  
A vida expuz, audaz e temerario;  
E em procura dos Sonhos, solitario,  
Fundo cravei no meu corcel a espora.

Fui Paladino e Menestrel; agora  
 Não passe de um sombrio visionario  
 Que anda espalhando as contas do rosario  
 Formado pelas lágrimas, que chora.

Eu sou a sombra tétrica de MARIO,  
 Que parece crescer, á luz da aurora,  
 De Carthago no ermo cinerario...

Tedio de morte os dias meus devora:  
 ; Mas fiz do verso um gladio de sicario  
 Por minha Dama e por meu Rei, Senhora!



## VI

A—O—U—M

(Fragmento do Poema do Occultismo)

Esta palavra sagrada, poderosa, nunca deve ser pronunciada muito alto, quando as trevas espirituaes nos envolvam, ou quando os membros da Nossa Ordem estiverem presentes.

(VAN DER NAILLEN)

*Memento, homo, qui Deum est  
 et in Deum reverteris.*

**H**A na Maçonaria  
 Claros vestigios do sagrado rito  
 Que nas priscas idades florescia  
 No tôpo das Pyrâmides do Egypto.

Mais de quarenta séculos passaram,  
Sob o giro dos corpos planetarios,  
E as gerações de espanto recuaram  
Ante esses Tres Arcanos solitarios.

Immóveis, como estatuas levantadas  
No duro chão dos frios cemiterios,  
Encerram as Pyrámides sagradas  
Setenta e Dois Mystérios.

Eram ellas os Templos primitivos,  
Onde se iniciavam  
Nos Segredos da Morte os sêres vivos,  
Que as vivas leis da Morte desvendavam.

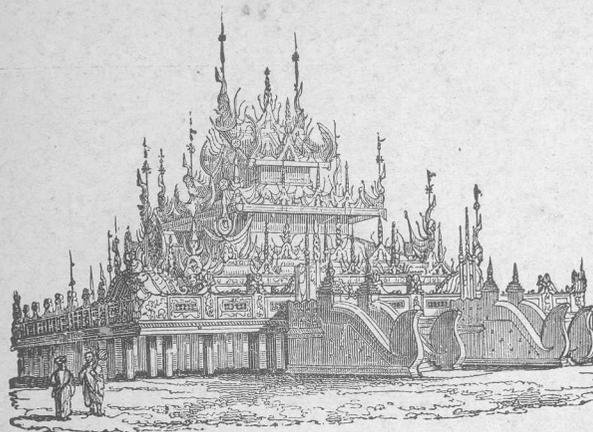
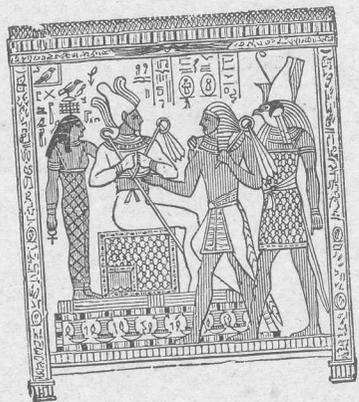
Inda hoje vemos, nos iniciados  
Do principesco grau de Rosa Cruz,  
Symbolos — que já eram explicados  
Muitos séculos antes de JESUS.

MOYSÉS e SALOMÃO, almas celestes,  
Derramam sobre nós forças occultas;  
E ostentam-se, mais firmes que os cyprestes,  
A sombrear vegetações incultas...

SANTO AGOSTINHO synthetisa a idéa  
Do Magismo da Persia em ZOROASTRO:  
Nesse tempo em que os Sabios da Chaldéa  
Passeavam á noite de astro em astro.

De Memphis na janella de granito  
(Invisível aos olhos dos atheus)  
Serve o *Karma* de escada do Infinito,  
Por onde o *Aura* nos conduz a DEUS.





VII

*NA ESCURIDÃO*

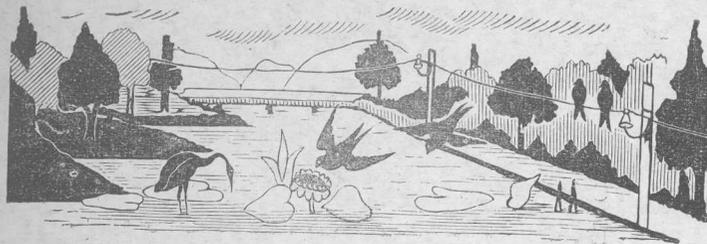
---

No altivo pedestal da juventude  
Ostentas firme a estatua, da belleza ;  
E no teu diadema de Princeza  
Ardem os diamantes da virtude.

Fazes vibrar meu lyrico alaude  
 Numa expansão de sideral surpresa ;  
 ; E eu sinto n'alma a incógnita tristeza  
 De quem só é feliz quando se illude !

Bem sei que do palacio da ventura,  
 Onde imperas, gloriosa e triumphante,  
 Não vês quem vai passando em noite escura.

; Passe de longe o peregrino errante !  
 Quanto mais negra a noite, mais fulgura  
 Das estrellas do céu a luz distante.



## VIII

## O NIAGARA

Das pestes o contagio  
 Affrontei, dos enfermos junto ao leito ;  
 E durante o perigo dum naufragio  
 Bateu-me calmo o coração no peito.

Os tremores de terra,  
 Na cordilheira aspérrima dos Andes,  
 Deixaram-me de pé : — ; e fui na guerra  
 Contra os que riam dos meus sonhos grandes !

Vi, a bem poucos passos,  
Cair, luzindo, o raio retumbante :  
E entre o corisco e Ella... ¡ abri os braços  
A' minha trémula e medrosa amante !

Audaz tenho zombado  
Das forças triumphaes da Natureza :  
Só dobrei o joelho, atarantado,  
¡ Ante esta viva e perennal grandeza !...

N'alma e no pensamento  
Sinto entornar-se uma emoção estranha,  
Vendo este claro e liquido portento  
Sempre a rolar do flanco da montanha...

¡ Prodigiosa torrente !  
Hypérbole da força e do barulho,  
¡ Tu repetes a voz do Omnipotente,  
Tu, que és das aguas o maior orgulho !

Suspende por instantes  
Esse estrondo constante e soberano,  
Que é mais forte que os ventos ululantes  
Nas solitarias vastidões do oceano.

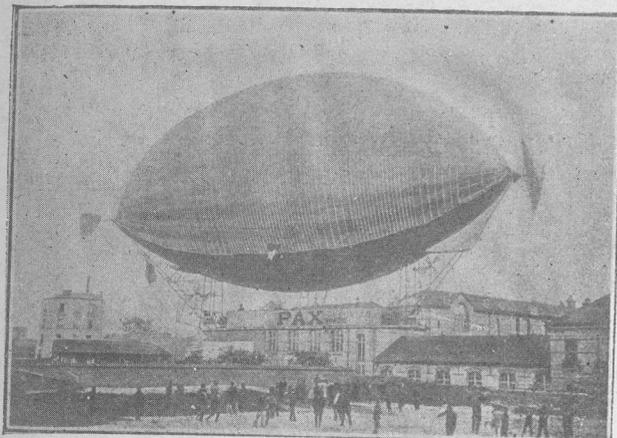
Rasga essas densas brumas  
Que te envolvem num tétrico sudario,  
Emquanto ao sol se irisam as escumas,  
Que dão á noite um grande alampadario...

Contemplo-te de perto  
Numa fascinação que não se exprime :  
¡ Espantaste o silencio do deserto !  
¡ És fantástico, horrível e sublime !

Desse throno escalvado  
Impávido te arrojas sobranceiro,  
¡ Como si um Deus, do Olympo arrebatado,  
Levasses na garupa, ó cavalleiro !...

Minh'alma em vão procura  
 Seguir-te na voragem prodigiosa,  
 Vendo-te debruçada dessa altura  
 ; O' catadupa rápida e radiosa !

Sem parar um momento,  
 Rolando desenrolas-te nas fráguas,  
 Rápida como a luz e o pensamento,  
 ; Nas altas alas d'agitadas águas !



## IX

## O AERONAUTA

A memoria dos mallogrados conquistadores do ar

(Original espanhol)

No seu balão o Aeronauta ousado  
 Vai furando as celagens do infinito...  
 Do sol poente pela luz banhado,  
 Perde-se aos poucos, como o som dum grito.

No indeciso crepúsculo do vazio,  
Sente-se o homem aturdido e lasso ;  
E nas trevas, varado pelo frio,  
Morre, perdido na amplidão do espaço.

Vil joguete do vento caprichoso,  
Que as vaidades humanas amesquinha,  
O balão, nas alturas, silencioso,  
So levava um cadaver na barquinha.

Ao calor de outros mundos se aquecendo,  
Em uma especie de ascensão demente,  
Ia ascendendo sempre, ia ascendendo...  
;Conduzindo um cadaver simplesmente !

E cahindo por fim num astro ignoto,  
De onde a Lua mais triste se avizinha,  
Rola em praia deserta, todo roto,  
Tendo sempre o cadaver na barquinha.

E depois do balão despedaçado,  
Como o último grão duma ampulheta,  
— ; Deve ser o cadaver devorado  
Pelos vermes, talvez, de outro planeta !





X

*O PROPHEA ELYSIO*

---

**O** Propheta medita

No tôpo da montanha; de repente  
Uma trémula pomba alvinitente  
Pousa-lhe sobre o hombro e diz, afflicta:

« Ampara-me; eu procuro  
O teu soccorro e protecção; de perto  
Segue-me, pelo ar, abutre escuro,  
Que quer feroz me devorar por certo ».

Qual setta sibillante  
Furando o verde leque dos palmares,  
Mal se calou a pomba, nesse instante  
Atrevido falcão baixou dos ares.

Sublime de bondade,  
O Propheta agasalha no seu manto  
A espavorida pomba. A piedade  
Transforma em ninho o coração do santo.

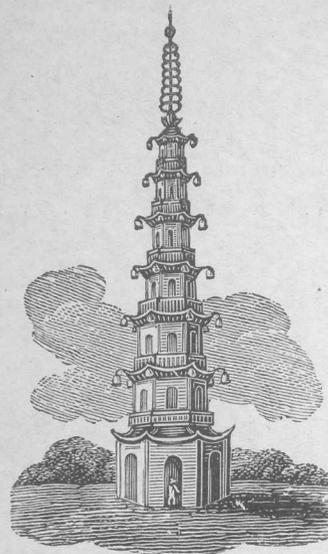
« ¿Que fizeste, Propheta ? »  
Diz o falcão : — « A angústia me consome :  
Na rocha, onde uma planta não vegeta,  
Tenho os filhinhos a morrer de fome ».

— « Ella refugiou-se  
Em mim, não morrerá ; nem teus filhinhos  
Vão de fome morrer ». — Toma da fouce,  
Com que cortava as urzes dos caminhos,

— « Vais ter o equivalente  
Da prêsa que reclamas », disse : e ia  
Cortar do próprio corpo incontinente  
Pedaço igual ao que o falcão queria :

Mas este bradou : — « ¡ Pára ! —  
Transformado no Archanjo S. MIGUEL...  
Sai-lhe do manto a pomba, e com voz clara  
Murmura : — « ¡ Eu sou o Anjo GABRIEL ! »





XI

*O SOBERANO PROSCRIPTO*

; Onde os que amei ? Sumiram-se...  
; Onde o que eu fui ? ; Não sou !  
(VISCONDE DE CASTILHO)

VENDO passar por mim os lentos annos,  
Na procissão da dor e da anciedade,  
Só não vejo os que vi na flor da idade,  
Só vejo cada vez mais desenganos.

Na torre de marfim dos meus arcanos,  
Doirada outr'ora ao sol da mocidade,  
Pernoita mudo o espectro da Saudade,  
Invisível aos olhos dos profanos.

Fervendo das paixões a louca orgia,  
Desceram pela curva escadaria  
Os Sonhos, a Esperança, o Amor, a Gloria...

¿Onde os que mais amei? Na sepultura.  
¿Onde o meu estro em fogo? Em noite escura:  
Sou o Rei Banido, da mourisca historia.



## XII

*ALERTA!*

A Francisco Mangabeira

## I

**E**LLAS partiram, cantando,  
Dizendo, alegres: — ¡Amai!  
E o éco, ao longe vibrando,  
Repetiu: « Ai! »...

*Elles* voltaram, chorando,  
Dizendo baixinho: — ¡Amor!  
E o éco, se equivocando,  
Murmurou: « ¡Dor! »...

Eu, que ouvi o canto d'*Ellas*,  
E as lágrimas d'*Elles* vi;  
Eu, perdida sentinella,  
Brado aos que vão por aqui:

¿ Quem vem lá? — ninguém responde;  
E a turba sempre a passar;  
A lua, em nuvens se esconde,  
E as ondas gemem no mar.

## II

De tanto cantar já rouco,  
Passa mais tarde um poeta;  
¿ Seria poeta, ou louco?  
¿ Seria louco, ou profeta?

Das canções que elle cantava  
Já quasi nada se ouvia;  
Só minh'alma adivinhava  
O que seu peito sentia.

## III

Synthético era o cantor  
Na sua dor.

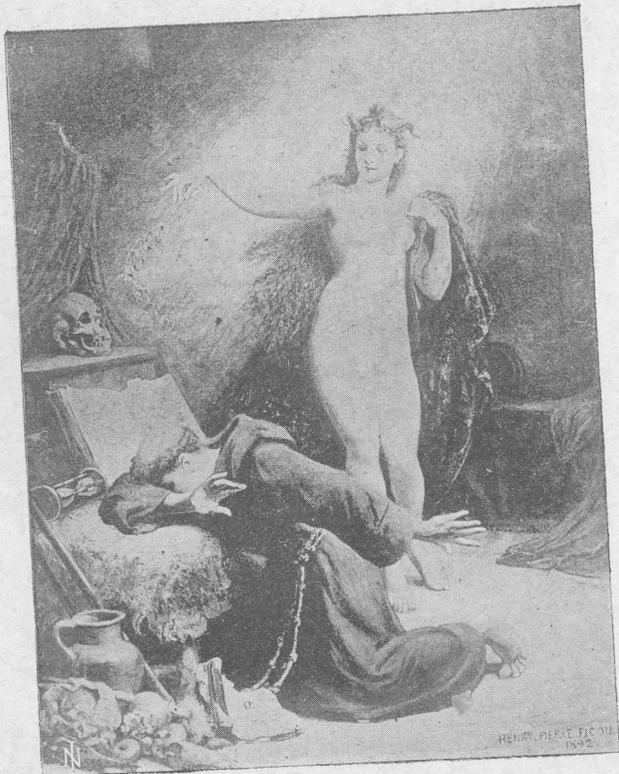
Vendo os homens a passar,  
Poz-se a bradar:

— ¡ Amai, si quereis saber  
O que é viver!

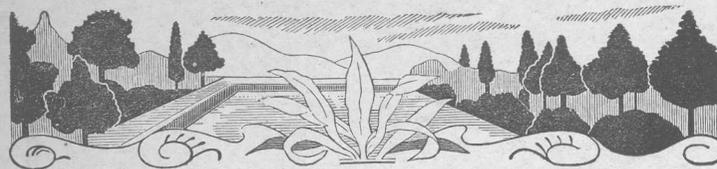
Mas, vendo as bellas, por fim  
Dizia assim:

— ¡ Vivei, si quereis saber  
O que é soffrer!





! Amai, si quereis saber  
O que é viver !  
! Vivei, si quereis saber  
O que é soffrer !



## XIII

*METEMPSYCOSE*

Soyez comme l'oiseau posé, pour un instant  
Sur des rameaux trop frêles,  
Qui sent plier la branche et qui chante pourtant,  
Sachant qu'il ya des ailes.

(VICTOR HUGO)

COM os pés no lodo da miseria humana,  
Levanto o olhar á esphera constellada ;  
Por ver, em tudo que me cerca, o nada,  
No que não vê minh'alma se espadana.

Visita os sóes a mente soberana,  
De astro em astro, na plaga illimitada ;  
— Sempre por esta idéa torturada :  
Ver DEUS, occulto na cegueira insana...

Das dúvidas na ponte vacillante,  
Em baixo — vejo o precipicio hiante,  
Em torno — vejo o temporal desfeito ;

Encaro o céu — a escuridão lá em cima...  
Si a ave vóa do galho onde se arrima,  
As almas vôm do funéreo leito.



## XIV

*A CIDADE DO BEM*

( Na Villa-Operaria de Luis Tarquinio )

L Á fóra...os ronos da Tempestade  
Na epilepsia dos Vendavaes ;  
; Como é sublime de magestade  
O olhar de espanto dos animaes !..

Relampagueiam, esfuziantes,  
Quaes fogos-fátuos, frios marneis,  
Coriscos rubros e dardejantes,  
Súbitos, ágeis, ígneos corceis.

Desencadeados os elementos,  
Vôam, revôam pela amplidão:  
E passam, voltam... cruzam violentos  
Nos labirintos da escuridão.

A tempestade redobra as fúrias,  
Sacode os leques dos coqueiraes,  
Dá gargalhadas, cuspidando injúrias,  
E a chuva chora...; chovendo mais !...

Isto lá fóra... por este mundo  
De DEUS (o mundo de lodo e pó),  
Onde entre abysmos que não têm fundo  
Se arrasta o homem, faminto e só.

Mas aqui, — dentro desta Cidade,  
Terra bemdita de Paz e Amor,  
Não se ouvem úivos de iniquidade:  
E as almas cantam, se abrindo em flor.

Aqui, bem como por entre as naves  
Dum vasto templo — cheio de DEUS —  
Da infancia as vozes puras, suaves,  
Falam de coisas que são dos ceus.

Aqui, na orchestra de mil teares  
Eu ouço um hymno glorioso e bom,  
Que vai bem alto, por ceus e mares,  
; Voando em azas de Luz e Som!

Ha maravilhas na Natureza,  
Ha maravilhas aqui tambem;  
O Bello encerra muita grandeza,  
E mais grandezas encerra o Bem,

; Bemdita sejas, Villa-Operaria,  
Cidade alegre da Promissão!  
Serás um dia terra lendaria,  
Onde os mais fracos mais fortes são.

Hoje, vestida toda de gala,  
 Como uma noiva, de branco véu,  
 Tudo dominas, nada te iguala,  
 Pois nos transportas como que ao céu.

— E neste dia religioso  
 Da crença antiga de nossos pais,  
 Eu, que bem alto dizer não ousou  
 Quanto hoje sinto — vou fazer mais:

Resar...com esse fervor de outr'ora,  
 Pelas crianças que não têm pão,  
 — *¡ Bemdita seja Nossa Se hora!*  
 — *¡ Nossa Senhora da Conceição!*



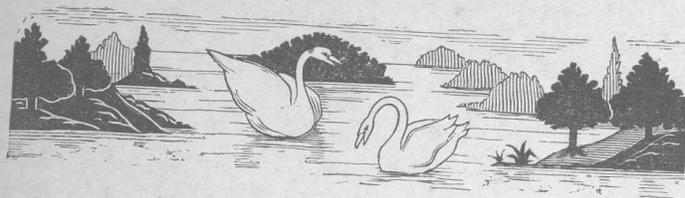
*A ALEGRIA E A DOR*

**A**MEI com fogo a pérfida Alegria,  
 Que mil vezes jurou ser-me constante,  
 E mil vezes fugiu-me, vil bacchante,  
 ¡ Rindo sempre de tanta idolatria!

E a Dor, que me acompanha noite e dia,  
Beijando-me, fiel, de instante a instante,  
Apertando-me ao seio palpitante,  
Conduz-me ao templo acceso da Poesia.

! E eu quero bem a que tão mal se porta:  
A que me deixou n'alma a crença morta,  
A que me deixou cego ante um abysmo!

E a boa, porque o bem, bem mal se entende,  
Sempre piedosa, a mão inda me estende,  
Num rasgo de evangélico heroismo.



## XVI

*ALTAS CAVALLARIAS*

**H**AVIA num reino antigo  
Uma Princeza orgulhosa,  
Que era um primor e um perigo  
De tão linda e misteriosa.

Quando a guerra mais accesa  
Seus exércitos varria,  
A victoria lhes sorria,  
A um só olhar da Princeza.

Os generaes mais gloriosos  
E os Príncipes mais brilhantes  
Iam de terras distantes  
Beijar-lhe os dedos nervosos.

E nesses dedos ardiam  
Pedras límpidas e bellas,  
Como os olhos das donzellas  
Que em phalanges a seguiam.

Seus quentes labios vermelhos  
Tinham risos petulantes  
Quando seus olhos faiscantes  
Dardejavam nos espelhos.

E nas vastas galerias  
Ella scismava, scismava...  
Num Trovador, que cantava  
Pela estrada, em noites frias.

Casou mais tarde a Princeza  
Com um Rei, de longes terras ;  
O Rei, vivia nas guerras...  
Ella, em seu palacio presa.

Mas levara como pagem  
O Trovador que cantava :  
Por isso já não scismava  
Aos frios beijos da aragem.

O Pagem era um modelo  
De singular galhardia ;  
Nas armas ; quem o vencia ?  
Na côrte ; era um gosto vel-o !

De capa e chapéu de pluma,  
Suas esporas vibravam ;  
Todas as damas o amavam,  
Sem que elle amasse nenhuma.

Mas um viajante ;oh surpresa!  
Que a muito tempo o não via,  
Notou que em seu dedo ardia  
Um dos anneis da Princeza...

A noticia divulgou-se,  
E a côrte, escandalisada,  
Viu na Sultana sagrada  
Uma Odalisca de alcouce.

Chegou o Rei da batalha:  
E o Pagem, no mesmo dia,  
Para sempre se envolvia  
Nas dobras de uma mortalha.

; E voltou ao reino antigo  
Essa Princeza — saudosa —  
Que era um primor e um perigo,  
De tão linda e mysteriosa !...





XVII

*PASSEIO A CAVALLO*

---

**F**IRMA na minha côxa o alto cothurno, aberta  
Na crina do alasão o guante, airoso salta  
Sobre o fôfo sellim: o extenso véu esmalta  
As ancas do animal, que aos *upas* mais se esperta.

Na minha parelheira intrépida e pernalta  
 Monto. Estende-se além larga savana aberta.  
 Partimos a galope... A paizagem deserta  
 Meus desejos aguça; e o prazer d'Ella exalta!

Satisfeitos os dois, Ella cantando, eu rindo,  
 Os fogosos corceis vão bufando e nitrindo,  
 Ante o incendio do sol nas palmas, uma a uma.

Apeio-me :; Ella salta em meus braços, afoita!  
 Cantam os sabiás numa odorosa moita,  
 Onde o perfume d'Ella os perfumes perfumeia.



## XVI

## O ÚLTIMO SONHO DO DANTE

( Fragmento d' O Drama Universal )

N o seu leito de morte jaz o DANTE,  
 Agonisando, em sonhos de poeta;  
 Uma *Visão* tremenda, horripilante,  
 Passa-lhe ainda pela mente inquieta :

BEATRIZ, bella e viva, contemplava;  
 Porém elle, em prisão, por gibelino,  
 Para vel-a, das grades se acercava  
 Da pavorosa *Torre de Hugolino*...

¡ O delirio do genio !... Sonha o DANTE  
 Que na Torre da Fome alguém o encerra,  
 Para ahi supportar a mais cruciante  
 De todas as torturas que ha na terra.

Entre uns guelfos furiosos e violentos  
 Vê BEATRIZ, chorando tristemente:  
 ¡ E soffre, num tormento, os mil tormentos  
 Que elle espalhou *nella città dolente* !

Sonhava... e nesse sonho ia vertendo  
 Um pranto, que de sangue parecia;  
 Nisso, o carrasco tétrico, tremendo,  
 A tremenda sentença lhe annuncia:

— « Não passe embora o gibelino DANTE  
 Dum louco, que escreveu quanto sonhava,  
 ¡ Vão os guelfos vingar, na sua amante,  
 Quanto elle fez soffrer aos que odiava !

« ¡ Qual vampyro, os sepulchros escarvando,  
 Expoz ao sol cadáveres na lama,  
 Os guelfos para sempre assignalando  
 Com ferro em braza e látégos de chamma !

« ¡ Que soffra o DANTE, no soffrer daquella  
 Que os cantos de vingança lhe inspirava ;  
 Morra em presença delle a mulher bella  
 Que, por tanto o amar, tanto elle amava !

« ¡ Elle ao Inferno condemnou, potente,  
 Papas e Reis, qualquer ! sendo inimigo ;  
 ¡ Quem tantos fez soffrer, injustamente,  
 Que soffra, justamente, igual castigo !

« Veja o DANTE expirar — desesperado —  
 O sêr, em cujo olhar não mais se mire ;  
 E, sendo em BEATRIZ apunhalado,  
 ¡ Já que a ferro matou, a ferro expire ! » —

Vendo, então, o patíbulo affrontoso  
 A' luz do sol, que descambava aos poucos,  
 — ¡ Malditos guelfos ! — murmurou, furioso,  
 Pensando em altas vozes, como os loucos.

E ao gargalhar dos guelfos, que o ouviam,  
 Viu, no seu pesadelo arrebatado,  
 BEATRIZ... que ao supplicio conduziam...  
 ¡ E o DANTE, hirto, a suar, ficou gelado !...

Os algozes cercaram-na, e romperam  
 Os véus dos alvos seios palpitantes,  
 ¡ Onde nunca seus labios se atreveram  
 A seguir-lhe os olhares delirantes !...

E o carrasco brutal, rudo, se atreve  
 A despir BEATRIZ — em plena praça:  
 ¡ Sem guardar o respeito que se deve  
 A' virtude, ao pudor, e á desgraça !

DANTE, gritando, o cárcere percorre...  
 — ¡ Ugolino ! ¡ Ugolino ! — e ia e vinha:  
 — ¡ Foi um idyllio brando, nesta torre,  
 A tua morte, comparada á minha ! —

Corre a vel-a outra vez... ¡ retorce, irado,  
 Os ferros da prisão — que não arromba !  
 Via já negro o círculo azulado  
 Dos olhos ideaes da mansa pomba.

E a multidão dos guelfos applaudia  
 Seus trágicos rugidos na masmorra:  
 E o carrasco mais alto repetia:  
 « ¡ Quem a ferro matou, a ferro morra ! »

De vingança tão vil se horrorisava ;  
 E supplica... e blasphema, em desafogo,  
 ; Derretendo a corrente, que arrastava,  
 Com o calor das lágrimas de fogo ! —

Recúa, espavorido, e diz, num grito :  
 — Dá-me neste momento, ó patria minha,  
 Mais lágrimas de fel — sim, que proscripto  
 Te dei todas as lágrimas que eu tinha ! —

BEATRIZ, já quasi nada mais sentindo,  
 Olhava para o céu, serena e forte ;  
 ; Talvez para o algoz perdão pedindo,  
 Nas agonias últimas da morte !...

Assim que ella expirou, DANTE, espantado,  
 Sacudido por cóleras tremendas,  
 ; Viu o chão do patíbulo juncado  
 De mil espectros e visões horrendas !

Via famintos cães, em crua guerra,  
 Numa matilha, a uivar, alvoroçados,  
 Devorando, — ; arrastando pela terra  
 Da bella morta os membros destroçados !...

Volta a si ; o seu sangue, qual torrente,  
 Pelas arterias rápido corria...  
 ; Esmagou contra o chão o craneo ardente  
 Quando viu, sem morrer, que ella morria !...

; Misero! supportar já não podendo  
 Por mais tempo o punhal sobre a ferida,  
 Ao despertar assim ( e assim morrendo )  
 Despertou... despertando noutra vida.

E lá, na ethérea plaga, viu o DANTE  
 Que somente sonhara o que temia :  
 — Encontrou BEATRIZ, cujo semblante  
 A propria luz do sol offuscara.

Por caminhos em flor, de braços dados,  
Trémula toda, ella dizia ao DANTE,  
Queixando-se, com gestos assustados :  
*¡La bocca mi bació tutto tremante !...*

— ¡Soffri tanto, ao morrer !— disse elle, ¡tanto !  
E BEATRIZ responde-lhe, serena :  
— Eu vi, que a ponto de morrer de espanto,  
Por fim teu sonho te matou de pena.

« Tu, castigado em sonhos, iracundo  
O ódio, que espalhaste, recolhias ;  
Quem a tantos fez mal, não tem no mundo  
Nem noites claras nem doirados dias.

« Vamos, no Paraiso, eternamente  
Viver aos sons de músicas bemditas ;  
O céu purificou num só momento  
A alma eterna das paixões malditas » .

E ao passo que elle a ouvia, ella o guiava  
Por caminhos de incógnitos paraísos ;  
E as sombras do tal sonho dissipava  
Com olhares, com beijos, com sorrisos.

E á divina cidade, assim, chegando,  
Lá—onde DEUS existe eternamente,  
Entrou na gloria, quem viveu sonhando  
A errar perdido na *cittá dolente*.





XIX

*O INFERNO*

---

SANTA THEREZA dizia  
Que o Inferno é não se amar ;  
Eu digo que quem ama é que podia  
Dizer o que é o Inferno... e vou provar:  
Amai, amai... e então  
Vereis quem tem razão !





XX

*O BERGANTIM IDEAL*

( A FERNANDO MENDES )

**D**A imprensa na amplidão do oceano encapellado  
O teu jornal parece um bergantim doirado  
Com cordame de prata em mastros de marfim,  
Soltando á ventania as velas de setim.

A cortadora prôa investe, victoriosa,  
 Ferindo a vaga azul, que espuma, voluptuosa,  
 Sacudindo no azul as pérolas ideaes  
 Dum extenso collar que não se acaba mais...

Canta no tombadilho a alegre marujada,  
 Vendo altiva no leme a fronte prateada  
 Do timoneiro audaz — esse lobo do mar —  
 Que crava o olhar no sol e encerra n'alma o luar;  
 Elle tem no semblante as sombras da procella;  
 Mas dentro do seu peito ha fulgores de estrella:  
 Esses homens do mar são quasi sempre assim,  
 Bruscos como o tufão, brandos como alfenim.

¿ Qual a carga que leva o bergantim no bôjo?  
 ¿ Diamantes do Brasil em transparente estojo?  
 ¿ Mármore do Rio Grande? ¿ ouro de Minas? ¿ é  
 Só de areias do Prado, ou de fumo e café?  
 ¿ E a baunilha, o cacau, a borracha e o matte?  
 ¿ E os nossos mineraes do mais puro quilate?

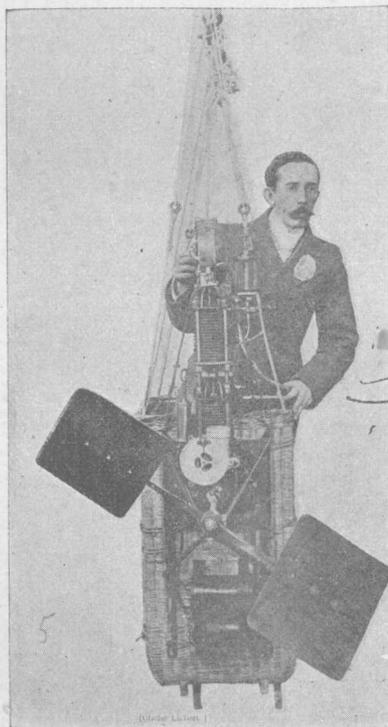
Leva um sol no zenith, uma hostia no altar:  
 Leva dentro do peito — a alma popular.

Esse navio ideal tem por carregamento  
 Independencia e fé, coragem e talento;  
 Com coragem, talento, independencia e fé,  
 Podem rugir-lhe em torno as fúrias da maré...

Quanto mais a procella o firmamento enluta,  
 Mais a tripulação heroicamente luta:  
 Tendo por estandarte o auriverde pendão  
 Que assomhra o mundo inteiro j em cima do balão!

¿ E que porto demanda o bergantim doirado?  
 — O porto de porvir, longinquo, não marcado  
 No mappa universal, mas que existe, no Além...  
 E onde chegam por fim todos esses que têm  
 Uma luz interior, um lampejo sagrado,  
 Como o poeta, o heróe, o sabio, o allucinado  
 Que vê distinctamente o que ninguem mais vê:  
 — Seja HUGO ou PASTEUR, BOLÍVAR ou LITTRÉ.

O que COLOMBO viu, nas caligens de outr'ora,  
 E o que SANTOS DUMONT levanta ao céu, agora,  
 E' tudo a mesma coisa:—o supremo ideal  
 Que embala a aspiração na rêde universal.



## XXI

*VIDA NÃO VIVIDA*

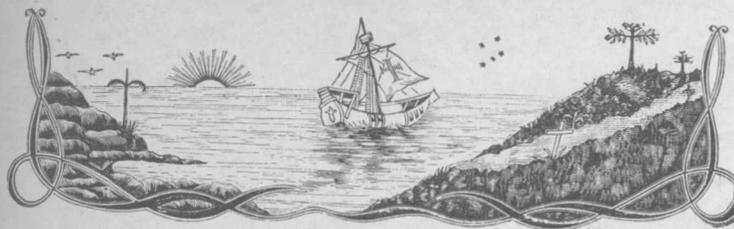
(AO DR. ALVARO DE LACERDA)

As ondas vão pelo Oceano a fora,  
 Sem saber a que ponto se destinam;  
 E ora marulham, rugem, e se empinam,  
 Num rebrantar de escumas, que as enflora,

Ora adormecem: — e se vão embora,  
 Mansas, de leve, sem sentir que as minam  
 As occultas correntes — que dominam  
 Os ventos, caia a noite ou surja a aurora.

Assim, da vida os passageiros dias,  
 Sempre agitados, nunca em paz completa,  
 Seguem talvez mysteriosos guias...

E dentro de noss'alma, afflicta, inquieta,  
 ¡ Que rápidas que são as alegrias  
 Para as fundas tristezas dum poeta!



## XXII

## A CRUZ

( José Antonio Calcaño )

**E**XISTENCIA de lutas e tristeza!...  
 Um signo procurando que me alente,  
 Sombrio contemplei a natureza  
 E parei numa praia, de repente.

Era uma tarde plácida de maio;  
 Tomo um barco; e no berço das escumas  
 Vejo, do sol ao moribundo raio,  
 Sumir-se a terra em vaporosas brumas.

¡Terra! que ouviste sempre meus gemidos,  
 ¡Que esperança me dás nesta agonia?  
 Um tronco, com dois galhos estendidos,  
 Sobre um monte uma Cruz me offerecia.

¡Infinito! entre as tuas densas gazas,  
 ¡Verei brilhar alguma luz intensa?  
 Um pássaro, a voar, de abertas azas,  
 Parecia uma Cruz no ar suspensa.

E tu, férvido oceano encapellado,  
 ¡Que mostras tu que me acalente a fronte?  
 A mastreação de um barco abandonado  
 Era uma Cruz na extrema do horizonte.

Cai do espaço, por fim, a noite escura;  
 E entre as constellações, que ardem mais bellas,  
 Da Redempção o symbolo fulgura  
 No Cruzeiro do Sul — ¡que é Cruz de estrellas!



## CAMPO SANTO



A CRUZ



XXIII

*A VIRTUDE E A LIBERDADE*

---

**C**URVO-ME aos meus iguaes, por cortezia ;  
Curvo-me aos inferiores, por nobreza ;  
Só a ti, por dever, me curvaria,  
Soberana do Amor e da Belleza.

Bem pouco mais do mundo eu quereria,  
 Pois me deu quasi tudo a natureza,  
 Desde que me permite, noite e dia,  
 Ter a min'alma em teus encantos presa.

Deve a virtude despresar as galas  
 Com que a riqueza arrasta pelas salas  
 As dobras da mortalha do dever...

Despresa-as: que, orgulhoso e sem vaidade,  
 Hei de manter a minha liberdade  
 Numa esfera mais alta que o poder.



*O NOMARCHO*

Fragmento de um poema

I

**S**OBRE o fôfo espaldar de alta curul de couro,  
 Com gryphos de marfim entre arabescos d'ouro,

O Nomarcho SEKÉM reclina-se indolente,  
Emquanto o escravo ethiope, humilde e reverente,  
Serve um vinho espumante e loiro e aromático  
Das videiras do Delta ou costas do Adriático.

NEKOS, o moço esbelto, o intrépido guerreiro  
Que jaz ante o ancião, sombrio e forasteiro,  
Conserva-se em silencio. E' bello, alto, elegante,  
Traz com desembaraço a túnica ondulante,  
E ostenta sobre o peito, em voltas caprichosas,  
Seu rútilo collar d'ouro e pedras preciosas.

— Quero ( disse SEKÉM ) que em meu palacio esteja  
O hóspede em seu lar ; e ninguem mais te veja  
Taciturno a meu lado ; é mister que a alegria  
Brilhe no teu olhar durante noite e dia:  
Bebe, que encontrarás no vinho o esquecimento  
Da Thebaida, onde sei que está teu pensamento.

NEKOS, levando a taça aos labios, com dureza  
Franziu a sombrancelha: e um raio de tristeza  
Desenhou, ao ferir-lhe as pálpebras doridas,  
A constante visão de noites não dormidas.

## II

Densa nuvem de trágica amargura  
Escurece do joven o semblante,  
E o seu olhar mais tétrico fulgura,  
Entrementes sombrio,  
Tendo no labio ardente um riso frio,  
Num gesto triumphante  
Passa a mão pela fronte — afugentando  
Os pensamentos máus, que vão em bando  
A voar, a voar sinistramente...  
Como agourentas aves, que soltassem  
As azas — duma torre alta e silente,  
E em silencio furassem  
A escuridão da noite...

## Lentamente

Empunha a taça e bebe, sacudindo  
Os compridos cabellos ; e, fingindo  
Sorrir, num gesto irônico, insolente,  
Diz ao velho SEKÉM:

— « Os teus favores,  
Magnánimo Nomarcho, eu sei, fariam  
O proscripto esquecer patria e amores ;  
Porém eu, desgraçado,  
De affectos falto e farto de amargores,  
¿ Que é que de mim diriam ?  
Si além de ter na patria os meus haveres,  
¿ Tenho lá meus deveres  
De filho, e de soldado !

## SEKEM

Tudo isso é pouco, si os laços  
Do amor, a eterna paixão,  
De alguma mulher nos braços  
Não prendem teu coração.

Tudo é nada, si entre abrolhos  
Lá não deixaste ficar  
A flor, que, longe dos olhos,  
Nunca se deixa de olhar.

## NEKOS

¿ Quem é que na minha idade,  
Cheio de crenças e ardor,  
Ajoelhar-se não ha de  
Diante das aras de Astor ?

Amo ; acorrentam-me algemas  
A' imagem duma mulher ;  
Ah ! mas por mim nada temas,  
¿ Que est'alma sabe o que quer !

Por uns sorrisos amantes,  
Que mais nos sabem pungir,  
Não troco, nem por instantes,  
Sonhos de gloria e porvir.

¿ Quem é que na minha idade  
Cheio de crenças e ardor,  
Ajoelhar-se não ha de  
No eterno templo do Amor ?

## SEKEM

¡Insensato! ¡por ventura  
Sabes que é que estás dizendo?  
¡Ai do triste, em noite escura,  
Que entre abysmos vai correndo!

¿Sentes amor? ¡Que esperança!  
Sonho de um Deus desvairado...  
Que desvairada lembrança:  
¡Limitar... o illimitado!

¡Invejo-te, criança!  
¿Sabes o que é o amor?... Para medirmos  
Sua extensão, fôra mister possuirmos,  
Geômetras do céu, ¡esse compasso  
Com que traçam os Deuses pelo espaço  
O arco da alliança!

¡O amor! o indefinido...  
Para que o veja o sonhador desperto,  
Já que de nós se esconde,

Necessita ¿quem sabe? haver nascido  
Nestas paragens, onde  
Nasce tambem o sol, que em seus lampejos  
Queima de rubros beijos  
A palma, que na aragem curveteia,  
A movediça areia  
E os immóveis rochedos do deserto.

Amar, para os egypcios  
Pode ser um deleite, uma aventura;  
Mas para nós, os nómadas da Asia,  
¡E' a perenne amargura!

E' a única paixão da vida, é a propria vida;  
Amar e ser amado, eis a nossa existencia.  
Amar, sem ser amado, é a vida não vivida:  
¡A ironia do luar na noite da demencia!

—¿E amar e ser trahido?!...

— Ah! si procuras,  
Sondar tão fundo oceano encapellado,  
Não dês um passo adiante:

¡ Imagina que os Anjos, das alturas  
 Rolassem num instante  
 Ao báraithro infernal — todo incendiado !...



— ¿ Amaste já, SEKÉM? —

Perguntou NEKOS,

Emquanto ainda os écos  
 Repetiam as syllabas pausadas,  
 Como um tinir de algemas arrastadas.

O Nomarcho fitou-o, silencioso,  
 Com sinistra expressão d'ódio e orgulho ;  
 Depois, como o marulho  
 Das ondas numa praia, em tom raivoso  
 Interrogou-o assim :

— « ¿ Pois tu pensavas  
 Que o amor possa ser de hontem sem ser de hoje?  
 Perdôa-me, que a calma se me foge ;  
 Amei, amo : SEKÉM em toda vida  
 Só pode amar uma só vez. — ¡ Eu amo ! »

Com raiva mal contida,  
 Como si em seu olhar soprassem brazas,  
 Fitou o moço e repetiu : — ¡ Eu amo ! —

« ¿ Vês estes altos muros ?  
 São do meu gyneceu ; sê todo ouvidos ;  
 E os pensamentos castos e mais puros  
 Pairem agora sobre os teus sentidos.

« Meu sumptuoso gyneceu encerra  
 A mais bella mulher que ha sobre a terra ;

Cuja alvura divina  
 Supplanta a neve alpina  
 E os mais custosos mármoreos de Athenas.

Essa mulher, nas suas mãos pequenas  
 Segura o meu destino :  
 Tem a minha consorte  
 Comsigo a minha vida, ou minha morte.

« Tudo que é meu é della. E si ella um dia,  
 Por capricho ou paixão,  
 Quizer do meu punhal a ponta fria  
 Ver entrar no meu proprio coração :

Senhor e dono della, que é senhora  
 E dona do meu sêr, eu, com vehemencia  
 Farei correr o sangue — ¡ que devora  
 Toda a minha existencia!

## III

O fogo da paixão illuminava o rosto  
 Do sombrio Nomarcho. Um estranho desgosto  
 Minava-o surdamente... O joven contemplou-o  
 Com espanto ; o sarcasmo, alevantando o vôo,  
 Sacudiu-lhe no labio a aza da ironia...

E com voz que rangia  
 Respondeu-lhe, num tom nervoso, allucinado :  
 — Vejo que amas, senhor. ¿ E ella ama-te ? És amado ?

Naquelle mesmo instante  
 Um relâmpago d'odio e de sarcasmo  
 Lampejou dardejante  
 No nostálgico e baço olhar do velho.

Tremia-lhe o joelho...  
 Manifestava as âncias de um espasmo.

Erguendo emfim a fronte pensativa,  
 Disse ao escravo ethiope :

« ¡ Enche estas taças !  
 ¡ Dormem no fundo dellas as desgraças ! »

De âmphora em punho, disse a NEKOS :

« ¡ Viva  
 O hóspede !... Mas, ah ! não te debruces  
 No abysmo da minh'alma... ¡ Inutilmente  
 Teu olhar tentaria ver-lhe o fundo ! »...

— ¡ Viva o Nomarcho ! — paulatinamente  
 Respondeu-lhe o mancebo : — E queira Ossyris  
     Tornar realidades  
     Todos os teus desejos.  
 Quanto a mim... nada mais quero do mundo.

— « Crê no porvir, e espera, que ao sentires  
 Em boca de mulher fogo de beijos,  
 Terás o que pedir ás Divindades.

« O poderoso Pharaó em breve  
 Saberá premiar teu heroismo,  
 Como a um valente um soberano deve  
 Dar provas d'alta estima. Ao despotismo  
     Do tyranno de Thebas,  
 Que só procura ter servos das glebas,  
 Prometto-te antepor meu valimento  
 Ante o nobre Ananham, em teu auxilio,  
 E assim terminará tão duro exilio,  
     Que te traz num tormento ».

Disse. Enrolou-se cuidadosamente  
 Na túnica ; e saindo, de repente  
 Accrescentou, voltando-se :

« Na horta  
 Cercada de sycômoros frondosos,  
     Que fica ao pé da porta  
 Dos aposentos teus, ha abundancia  
     De fructos saborosos  
 E de flores de mystica fragrancia ».  
 E perdeu-se na extensa galeria...

## IV

Mal o som dos seus passos se extinguiu,  
 Silente, o escravo ethiope, retirando-se,  
 Deixou cahir aos pés do prisioneiro  
 Um annel — que ao rolar foi faiscando,  
     Como um olhar de amor...

O joven, inclinando-se,  
 Examina-o primeiro,  
 Ergue-o súbitamente e diz :

— ¡ Astor !

¡ O annel d' Ella ! ...

Um raio de alegria  
 Illuminou-lhe o juvenil semblante ;  
 Como que o seu olhar boiava errante  
 Em busca de miragem fugidia...

E sem ver o que via,  
 As paizagens de caça, desenhadas  
 Nas paredes de rígido basalto,  
 Nem as estatuas, que de pé, no alto  
 Dos pedestaes, se ostentam, destacadas,  
 Todas immóveis, cada qual mais bella,  
 Repetiu em voz alta :

— ¡ *O anhel d' Ella !*

E accrescentou depois  
 — ¡ Temos o Amor, Nomarcho, entre nós dois !



## XXV

## DIA E NOITE

**M**ANHÃ de abril. Aves no azul, flores na terra ;  
 E alegre, ao sol, no seu terraço, a minha flor.  
 Eu, mais feliz que os generaes que vêm da guerra,  
 Entro, a cantar, e a repetir coisas de amor.

Ella sorri: e ao vel-a rir a natureza  
 Parece rir, por toda terra, e céu, e mar;  
 Ella rasgou o véu de viuva da tristeza,  
 Num véu de noiva engrinaldada, a me tentar...

*Vem!* diz o olhar, *vem!* diz o riso. *Eu vou*, respondo,  
 E vou: — e lanço-me em delirios a seus pés.  
 O tempo passa, o sol se esconde, e eu mais me escondo,  
 Até que a aurora, em pleno céu, diz: *¿ Não me vês?*

E ouvindo-a e vendo-a, allucinado e delirante  
 Saio a correr, mais espantado que um ladrão:  
 ; Quem dera ao sol a luz do olhar da minha amante!  
 ; Aquelle olhar tem raios X na escuridão!...



PAIZAGEM GAÚCHA

É fria a madrugada.  
 Inda pernoitam lagos e campinas

No leito das neblinas,  
Que o minuano dispersa nas canhadas,

Do rancho, entre arvoredos,  
Já se levanta em espiraes o fumo,  
Perdendo-se no rumo  
Das estrellas — que estão pestanejando,  
As pálpebras cerrando,  
Em constantes desmaios,  
Ao magnético olhar de vivos raios  
Do sol, que vai aos poucos despoatando,

Entre a algazarra do cantar dos gallos  
Pelas coxilhas fóra  
Os guris e piás, engarupados,  
Passam, cravando a espora  
Na virilha do pingo, campeando  
As éguas e os cavallos,  
Ao vento cabriolando  
Os leves palas, longos e listrados.

Movendo lentamente  
Os grandes membros, descem os barrancos

Os somnolentos bois ; ágeis, na frente,  
Os fogosos potrancos  
Espojam-se, rinchando, alegremente.

Na apotheose olympica da aurora,  
Bella como uma Santa  
No seu altar florido,  
A roceira feliz ingenua canta,  
Erguendo arisca a barra do vestido,  
Temendo alguém que andasse lá por fóra.

Como ninguem a espreite,  
Bebe a guampa de leite ;  
E á fresca sombra do pomar sombrio  
De onde fogem, ao vel-a, os gaturamos,  
Talvez de espanto ante a belleza sua,  
Despe-se, pendurando sobre os ramos  
A roupa: e mais formosa — toda nua —  
Toma banho no rio.





XXVII

*A VIRGEM PAMPEANA*

---

**N**as campinas do sul vivia outr'ora  
A mais bella mulher que se tem visto ;  
Tanta saudade della sinto agora,  
Que até nem sei como inda falo nisto.

Não ha nada peor, bem diz o DANTE,  
Do que lembrarmos épocas felizes  
Em tempos de amargura; e neste instante  
Reabrem-se-me antigas cicatrizes.

Procurarei vencer a nostalgia  
Com seu lento cortejo de saudades,  
Fluctuando no mar da poesia  
Livre como um balão na immensidade.

Voltando á bella virgem, oriunda  
Das savanas do Sul, não sei ao certo  
Seu nome baptismal, — *A Vagabunda*  
Chamavam-lhe os que a viam no deserto.

Tinha dezeseis annos, era bella  
Como as filhas das raças misturadas:  
Trascalava o seu corpo de donzella  
Uns aromas de plantas machucadas.

Fôrmas esculpturaes: alta, elegante,  
Olhos escuros, grandes, pestanudos:  
E' um olhar expressivo e penetrante  
Como a maneira de fitar dos mudos.

Olhar valente, enérgico, atrevido  
Como o dos jovens que a paixão inflamma;  
Olhar que fala mais ao nosso ouvido  
Que o mar que rugge, ou o leão que brama.

Rindo, mostrava pérolas guardadas  
No cofre de seus labios cor de rosa;  
E as vibrantes narinas dilatadas  
Eram de uma expressão impetuosa.

O seu leve vestido, ao tom dos ventos,  
Revelava da esthética os primores:  
Cabellos negros, longos, opulentos,  
Opulentos quadris provocadores...

Seios nascentes, duros, empinados ;  
 Cintura fina e côxas volumosas :  
 Dedos compridos, finos, torneados ;  
 Pés, que eram azas, ¡faces, que eram rosas !

Os mil encantos que o pudor esconde,  
 Iguaes por certo aos que a vaidade ostenta,  
 Attestam que, num corpo assim, é onde  
 Mais faminto o desejo se alimenta.

As pequenas orelhas, não furadas,  
 Valiam muito mais que as pedras finas  
 Dos brincos das duquezas recatadas,  
 Que invejam o viver das bailarinas.

E a formosa cabeça que orgulhosa  
 Sobre o collo redondo se conserva,  
 Parece que procura victoriosa  
 Um capacete igual ao de Minerva.

Era a única filha de um tropeiro  
 Que servira na guerra dos *Farrapos*  
 O typo do gaúcho brasileiro,  
 Bellô exemplar dos *vaqueanos* guapos.

Creara-se ao ar livre das campinas,  
 Sem maternas carinhos desde a infancia ;  
 Nunca brincara em grupos de meninas  
 Essa flor de selvática fragrancia.

Nem fôra nunca á próxima cidade :  
 Parecia-lhe a extrema do horisonte  
 O fim deste planeta... e á sua vontade  
 Percorria os vergeis, o lago, o monte.

Nas duras pernas de seu pai dormia  
 Nessa idade em que somos embalados  
 Sobre o materno seio, noite e dia  
 Cheios de beijos, mimos e cuidados.

Ella, porém, a simples e selvagem,  
 Por um instincto innato de vaidade,  
 Vendo, ao chegar a um rio, a sua imagem  
 Curvou-se ante a sua propria magestade.

Desde então, adornava-se de flores,  
 Que ia colher no alto das montanhas;  
 E ao contemplar-se, em êxtasis de amores,  
 Estremecia de emoções estranhas.

Quando o sol despontava no horisonte,  
 Eu, que adivinho os virginaes segredos,  
 Muitas vezes fui vel-a entrar na fonte...  
 Escondido por entre os arvoredos.

Mascates, caçadores e tropeiros,  
 Iam todos de longe para vel-a;  
 ; Quantos filhos de ricos estancieiros  
 Dariam tudo só por merecel-a!

A fama de tão inclyta belleza  
 Conduzia ao seu *rancho* os viajantes:  
 E os mais ousados viram com surpresa  
 A força desses pulsos triumphantes.

Ella tinha das cobras a bravura  
 E das éguas de raça a agilidade:  
 Era a estatua ideal da Formosura  
 Num pedestal de Força e Virgindade.

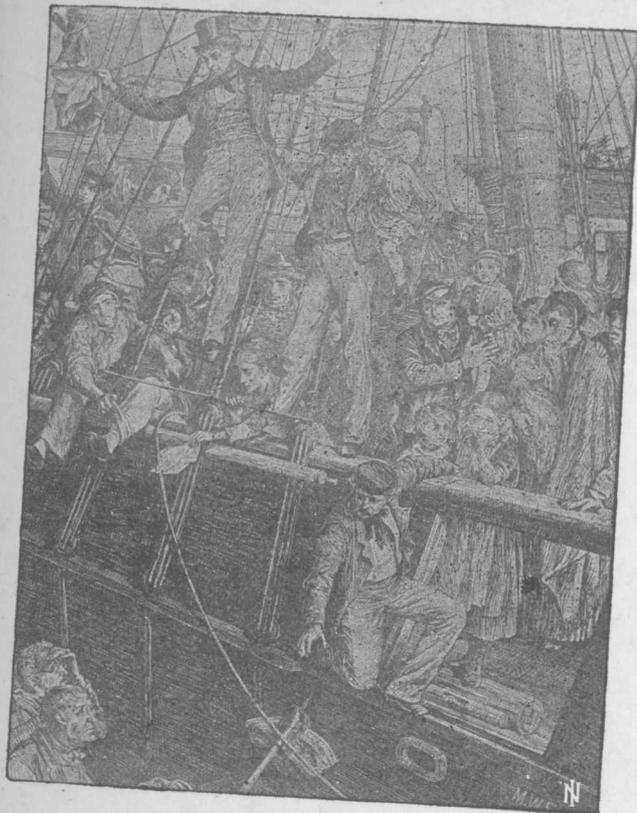




*MINH'ALMA*

**M**INH'ALMA é como a árvore do sândalo  
Da lenda oriental:

Perfuma o proprio ferro que a golpeia...  
Lacremeja no espaço que a rodeia,  
Refrigerando o férvido areal.



*OS EMIGRANTES*

(De Amicis)

**E**MBACIADO o olhar, sombrio o porte,  
Extenuados, de aspecto triste e grave,

Amparando a mulher no braço forte,  
Elles sobem á nave  
Como quem entra na mansão da morte.

Cada qual contra o peito firme cerra  
Toda a miseria que possui na terra:  
Aquelle, a caixa; o outro, um tenro infante,  
Que ao seu collo se aferra  
Temendo o mar que ruga horripilante.

Formam a bordo extensa fila, rudos;  
E os seus semblantes tristes, carrancudos,  
De lágrimas de fogo humedecidos,  
Dizem adeuses mudos  
Ao paiz sempre surdo aos seus gemidos.

Reluz a vista trémula e funesta  
Que ao longe sobre Génova se assesta  
Num estupor profundo,  
Como sobre os fulgores duma festa  
O frio olhar de um triste moribundo.

Cruzam agora o líquido elemento,  
A' prôa, sacudidos pelo vento,  
Com a mente na plaga americana,  
Que offerece o sustento  
Que lhes negou a patria deshumana.

Por um vil mercador vão enganados,  
Como objectos de escarneo ao estrangeiro:  
Bestas de carga, ilotas despresados,  
Ossos que o açougueiro  
Vendeu por preço baixo ao taverneiro.

¿Aonde vão? a terra pouco importa,  
Em qualquer parte a gente tomba morta;  
Como o mendigo cego e vagabundo,  
Que anda de porta em porta,  
Elles errantes vão, de mundo em mundo.

São os filhos seu único thesouro;  
Por capital, uma moeda de ouro  
Fructo vil de suores;  
E as mulheres, que os seguem, têm no choro  
Um passageiro allívio a tantas dores.

E apesar das angústias de tal hora,  
 Cada um delles mais firme a patria adora;  
 Amam o duro chão, — maldito réu —  
     Que seus filhos devora,  
 Onde um goza, entre mil clamando o céu.

Em tão solemnes últimos instantes  
 Recordam as cascatas scintillantes,  
 A casaria branca onde viveram,  
     Os lagos murmurantes,  
 E a venturosa aldeia em que nasceram.

Talvez algum, a suspirar baixinho,  
 Julgue voltar de prompto ao pobre ninho  
     Perto da tosca ermida,  
 Onde seu velho pai, fronte de arminho,  
 Aos poucos sente que lhe foge a vida.

¡ Pobres velhos, adeus! Em curto espaço  
 De tempo, ha de a miseria com seu braço  
 Arrastar-vos ao chão do cemiterio,  
     ¡ Sem filial abraço  
 Ao penetrar na noite do mysterio!...

¡ Pobres velhos, adeus! Talvez nest'hora  
 Nos valles, que o crepúsculo colora,  
 Choreis por esses filhos; ¡ mas os prantos  
     De que servem agora?  
 Si todos vão soffrer: ¡ e morrer, quantos!

Já se move o vapor, deixando, lento,  
 O caes; gira a cidade, sopra o vento,  
 Um véu de fumo boia na ribeira...  
     No azul do firmamento  
 Corta os ares a trémula bandeira.

Um, ao perder a costa, estende o braço;  
 Outro inclina a cabeça no regaço  
 Da esposa, que com olhos mais vermelhos  
     Quer devorar o espaço...  
 Outro, a gritar ¡ *Meu Deus!* cai de joelhos.

Faz-se ao largo o paquete; morre o dia;  
 O rumor da cruel melancolia  
 Das ondas, num profundo desconforto,  
     Mais tortura a agonia  
 Das almas — presas ao perdido porto.

Ai! meus irmãos, adeus! Que o DEUS potente  
 Vos dê um céu sereno e mar clemente,  
 Que o sol vos doire os dias na viagem;  
     ; Adeus, misera gente,  
 Ânimo, meus irmãos, valor, coragem!

Possam vocês, cruzando os mesmos mares,  
 Voltar um dia aos pobres patrios lares;  
 ; Quantos não verão mais sua mãe, já morta!  
     ; Bem' poucos, com que olhares  
 Verão o velho pai correr á porta!?



*AMOR E CIUME*

**D**o meu olhar nasceu o teu sorriso,  
 ; E eu vi o paraíso!

Do teu riso nasceu o meu amor,  
; E tudo abriu-se em flor !

Do meu amor nasceu o teu ciume...  
; Que noite de negrume !

Nasceu do teu ciume a nossa dor :  
; Pois é isto o Amor ? !



## XXXI

*DONA INFANTA*

—  
A sombra do teu palacio,  
Externamente soturno,  
Tem os mysterios do Lacio,  
Mas não esconde Saturno.

Podia um Deus, desterrado  
Do Olympo, buscar na terra  
Esse retiro sagrado  
Onde a Poesia se encerra.

Ha nelle as noites do polo,  
 Noites de eterna vigilia,  
 Sem que um Titão sonhe ao collo  
 Da palpitante Venilia.

Às vezes, por horas mortas,  
 A visinhança se espanta :  
 Pois dizem que se abrem portas...  
 E assoma um vulto de Infanta...

Murmuram labios discretos  
 Misteriosas histórias,  
 Sepultadas sob os tectos  
 Dessas paredes marmóreas.

Fazem os Faunos lascivos,  
 Em acres concupiscencias,  
 Signaes interrogativos  
 Seguidos de reticencias...

E a Visão, fria e silente,  
 Da Infanta, silente e fria,  
 Surge : e passa, indiferente,  
 Na deserta galeria...

Fica a scismar no terraço,  
 Ouvindo o gemer das ondas,  
 Quando a lua em pleno espaço  
 Lhe inveja as fórmãs redondas.

E o mar, que em âncias bravias  
 Ao luar chora mais alto,  
 Mede as pancadas sombrias  
 Desse coração de asfalto.

De asfalto, não ; que o betume  
 Da Judéa — é mais sensivel  
 Que essa mulher, que resume  
 Hieroglyphica terrivel...

Não ; que o mineral friavel  
Pela fricção se electrisa :  
E esse peito imperturbavel  
Supporta a braza mais viva.

Aquelles seus risos plácidos  
Provocam sentido pranto ;  
Resiste ao fogo e aos ácidos  
Seu coração de amianto.

Ella tem no rosto a aurora,  
Mas n'alma escuras veredas ;  
É a salamandra, que outr'ora  
Vivia nas labaredas.

¡ Ai, bella Infanta orgulhosa !  
Não sintas nunca o que sinto ;  
Só viverás venturosa  
Mentindo em dizer que minto.

Si o sonhador que te adora  
Intimamente escutasses,  
Não choraria quem chora,  
¡ Sem que com elle chorasses !

Mas nesse choro acharias  
Maior prazer que no riso :  
Santa, ¡ o teu céu trocarias  
Por um fatal paraíso !

E desde então se abiriam  
Do teu palacio as janellas,  
Onde as aves cantariam  
Ao sol — faiscando nellas.

E as virgens, que moram perto,  
E os homens, parando em frente,  
Ao ver o solar deserto  
Se illuminar de repente,

Exclamariam, num brado  
 Que agitaria as vidraças :  
 — ¡Eil-a, a do nicho sagrado!  
 ¡A cheia de amor e graças! —

E as velhas, correndo ás portas,  
 Com longos mantos de santa,  
 Escutariam, absortas,  
 Esta cantiga da Infanta :

« Si me roubasse um pirata  
 E me levasse a um basar,  
 ¡Nem mesmo a peso de prata  
 Me poderiam comprar ».



## XXXII

*A CONFIDENCIA D'ELLAS*

**N**o sumptuoso salão dum palacio arrogante,  
 Que parecia ser o solar da ventura,  
 Tres amigas estão reunidas neste instante,  
 Cada qual mais formosa, e resignada, e pura.

## A PRIMEIRA VISITA :

Joven, amava e era amada ; o casamento  
 Tinha o dia marcado e já faltava pouco ;  
 Meu noivo, cujo pai tinha morrido louco,  
 Suicidou-se no mar, numa noite de vento...

## A SEGUNDA VISITA :

Casei-me por amor, e fui feliz: gozava  
 Quanto pode gozar quem tem de amor vivido;  
 Nisso, a revolução rebenta em furia brava :  
 Cercam a nossa casa —je matam meu marido !

## A DONA DO PALACIO :

Meu esposo inda vive, entregue aos mil prazeres  
 Em que esbanja o dinheiro e dissipa a saude ;  
 E eu, cravando no seio o punhal da virtude,  
 ; Amo o ingrato, que vive *a amar* outras mulheres !



XXXIII

GRAZIELLA

—

Dos livros de LAMARTINE  
 O que mais paixão define  
 É essa triste novella  
 De *Graziella*.

Mas o Poeta inspirado  
Foi cruel e desalmado  
Em matar, tão nova e bella,

*A Graziella.*

Conheço nesta cidade  
Um Anjo de castidade,  
Que ora é Flor, ora Donzella,

*E é Graziella.*

És tu esse Anjo, criança,  
Que me trazes á lembrança  
Toda a meiguice singela

*Da Graziella.*

¡Mulher-Sonho! ¡tens diamantes  
Nesses olhos rutilantes  
Onde a Poesia se estrélla,

*O' Graziella!*

Em noites de estio e lua,  
Julgo ver a sombra tua

Na moldura da janella

*De Graziella...*

E o teu vulto se alevanta  
Como a imagem duma Santa  
Sobre o altar da capella...

*¡Ai, Graziella!*

¡Ai! ¡não queiras no teu seio  
Sentir o mágico enleio  
Que se transforma em procella...

*Não, Graziella!*

Não queiras amar...Contente,  
Canta e ri alegremente;  
¡Foge ao mar, que se encapella,

*O' Graziella!*

E eu ficarei, doce amiga,  
A repetir a cantiga :  
« ¿ Quem foi que te fez tão bella ? »  
¡ Ai, *Graziella!*



## XXXIV

*BYRON EM VENEZA*

(Versão)

**S**OBRE a espuma da onda, illuminada  
Pela auréola do sol, passa ligeira  
Do bardo inglez a gôndola doirada,  
Cortando o vento a trémula bandeira...

De pé, na pôpa, a loira fronte ardente  
 Banhada em luz, o olhar como uma setta  
 Varando o vasto mar resplandecente,  
 Scisma triumphante o esplêndido Poeta.

Em seus balcões de artisticos labores  
 As moças de Veneza mais formosas  
 Não tiram delle os olhos seductores,  
 Sorrindo e suspirando, voluptuosas.

E a noite inteira sonham, agitadas,  
 Com as canções do peregrino loiro ;  
 E ouvem um rijo retinir de espadas...  
 ; E um ruidoso rumor de taças d'oiro!...



XXXV

DIANTE DE UM BERÇO

DERAM-SE *rendez-vous* as Graças nesta casa  
 No dia em que nasceu teu gárrulo filhinho ;  
 E a mais bella das tres abriu sobre elle a asa,  
 Enchendo de esplendor o berço feito ninho.

segunda, sorrindo aos maternas afagos,  
 disse-lhe:— O teu viver deslisará sereno,  
 as de fluctuar á flor de transparentes lagos,  
 as de ouvir dia e noite as tradições do Rheno.

terceira, inundando o coração paterno  
 creança, de illusões, de força e de coragem,  
 disse-lhe:— Sobre ti chovam bênçãos do Eterno:  
 e o berço é uma galera e esta vida uma viagem.

todas, sacudindo as plumas gloriosas,  
 a voltar num vôo a plagas mais serenas,  
 viram sobre o berço um palio cor de rosas,  
 de o sol irisava as fluctuantes pennas.

lissaram em côro:— Um dia voltaremos,  
 zendo cada qual um talismã bemdito;  
 a, o Amor; outra, a Força; e a outra, os fortes remos  
 e affrontam os tufões nos mares do Infinito.

E partiram, cantando, e atirando-lhe beijos,  
 Desenhando no espaço um iris de fulgores,  
 ; Deixando em seu olhar olympicos lampejos,  
 Deixando no seu corpo as pétalas das flores!

E eu fico, a meditar, sombrio, ante esse berço,  
 Como um crente ajoelhado á porta duma ermida;  
 ; É tão pequeno o berço e é tão grande o universo!  
 E o mundo não é mais que o cárcere da vida.

Mas elle tem na frente a predição das Fadas,  
 Interpretada aqui nos versos do poeta;  
 Quando entrar seu navio em ondas mais cavadas,  
 Verá como santelmo — a estrella do propheta.





XXXVI

*SAUDADE MATERNA*

---

A ALMA do teu filhinho,  
Que partiu de nós tão cedo,  
Como ave que deixa o ninho  
Na sombra dum arvoredó;

Bem pode ser hoje em dia  
 Uma estrella em pleno espaço,  
 Cheia de luz e harmonia,  
 Mas... ; longe do teu regaço!

Sobre o crescente da lua,  
 —Essa galera sem mastros —  
 Mais perto de DEUS fluctua,  
 Na escumarada dos astros...

Entre os simples e innocentes,  
 Sem sobresaltos nem sustos,  
 Ouvindo as resas dos crentes  
 E vendo as almas dos justos;

Das nuvens sobre os arminhos,  
 No mais frio das alturas,  
 Do Creador os carinhos  
 Aquecem as creaturas.

São dos mortos mensageiras  
 As estrellas, sem disfarce:  
 Assim tambem as palmeiras  
 De longe podem beijar-se.





XXXVII

*SOLILÓQUIO DE COLOMBO*

Scena dramática paraphraseada do Italiano, para ser recitada pela  
senhorita Zilah Floresta

I

**L**ENTOS e sem ventura extinguem-se meus dias.  
Assim devia ser. Fecho com agonias  
Minha historia de dor e lutas sem repouso.  
Mas DEUS foi sempre DEUS: proporcionou-me um gozo  
Como ninguem mais teve, — o gozo sem igual  
Que os andrajos transforma em púrpura eternal.

DEUS, das plagas azues do lúcido arrebol,  
Mandou um dos clarões da auréola fulgurosa  
Na direcção da Italia, — ¡ a Italia gloriosa!  
E eu ouvi uma voz... a voz de DEUS, talvez,  
Que me dizia assim:

« ¡ O' audaz Genovez!

Vai... affronta os tufões... ¡ Segue o rasto do sol!

Relancei um olhar nostálgico e vidente  
Pelas brumas sem fim das bandas do occidente,  
E vi... ¡ oh, não foi sonho! eu vi surgir das vagas  
Um novo mundo... ¡ sim! Ninguém naquellas plagas  
Tinha aportado ainda...

¡ Eu seria o primeiro

A sentir palpitar o coração inteiro  
Da virginal floresta!

Era um mundo sublime,  
Onde so não se via a ingratição e o crime,  
Onde tudo era immenso: — ¡ os rios, as montanhas,

Mil coisas ideaes, fantásticas, estranhas;  
O antro junto ao ninho, a fera ao pé da flor;  
Pássaros a voar e a pipillar de amor;  
Fructos em profusão; os montes cheios d'ouro,  
E os mares, colossaes, guardando o seu thesouro  
De pérolas sem fim!...

E aquella voz secreta

Repetia, teimosa: « Anda... ¡ não vês?... Enceta  
A viagem da gloria: os temporaes affronta,  
Segue o rasto do sol: volta de lá... ¡ e conta! »

Quiz ir; mas a miseria interrompeu-me o passo;  
¡ Como é que eu poderia abrir em pleno espaço  
Uma vela? ¡ Meu DEUS! ¡ eu nada tinha! nada...  
¡ A não ser esta idéa!... E esta... despresada  
Pelos reis, ¡ ó Senhor! ¡ em vez de protecção,  
Apenas encontrou — sarcasmos e irrisão!...

Quinze annos, a lutar, escarnecido, errante,  
Sem ninguem me escutar... mas esperei, constante,  
Pois eu, desde o momento em que *essa voz* ouvi,  
Nunca mais duvidei: ¡ além de ouvir-a, — eu vi!...

Um dia... eu da janella olhava para o mar...  
 Oh! ; não proibam nunca ao infeliz de olhar  
 Para os logares onde  
 Seu ideal se esconde!...

E o mar, que para os mais como que não tem fim,  
 Pareceu-me pequeno... ; E' que eu já vira, sim,  
 O que ninguem mais viu!

; O' mar! ; ó meu amigo!  
 ; Eu quero me perder nas amplidões contigo!  
 Tu guardas meu thesouro e sabes minha historia:  
 ; Repartirei contigo o meu quinhão de gloria!

Saudei o velho mar com impetos de moço,  
 ; E atirei meu destino aos hombros do colosso!

Na profunda amplidão do trágico Oceano,  
 Cheguei — ; onde jamais chegara o olhar humano!  
 Dos monstros que ha, bem sei, desse abysmo no seio,  
 Nem me lembrei sequer: porém tive receio  
 Da vil tripulação, ; que estava a todo o instante  
 Pragujando, insofrida, em cólera arrogante!...

Meu navio voava em fresco mar de rosas,  
 Ferindo, petulante, as ondas buliçosas;  
 E quando um mau presagio ou um sinistro auguro  
 Vinha desalentar meu velho palinuro,  
 ; Eu tomava do leme! e afouto manobrava,  
 Estimulando assim a marujada brava.

Ninguem pode desviar o rumo do ideal.

— « ; Ânimo, amigos meus! ; Coragem, que afinal  
 Havemos de alcançar o premio merecido,  
 Ganharemos um mundo!... Eu estou convencido  
 Que é DEUS quem nos conduz a tão remota plaga,  
 Pois é propicio o vento e amorosa a vaga ». —

Perpassaram, porém, os dias, lentamente,  
 E os mezes, sem que visse a minha ousada gente  
 Um vestigio, sequer, dos secretos paizes,  
 Onde haviam de entrar, exaustos, mas felizes,  
 E cheios desse orgulho — !único, sem igual,  
 De quem revela ao mundo — um mundo virginal!

Desanimou, por fim, a turba indifferente:  
 E eu tive os dias meus contados fatalmente.

— «¡Peço tres dias mais! ¡ Si ando atraz de utopias,  
Podeis dispor de mim no fim destes tres dias!»

.....

Eis que apparece, emfim, quasi indistinctamente,  
Um bando animador de pássaros, no poente:  
Algas, aqui e além... troncos, que vão boiando...

— «¿ Não vêdes? ¡ Olhai bem!»

Nisso, escuto, exultando:

— ¡Terra! ¡Terra!—

« ¡ Meu DEUS, meu DEUS! ¡ Eu bem dizia,  
Que havia de chegar ao mundo — que eu só via!...  
¡ Não, não foi sonho, não!... ¡ Eis ali, finalmente,  
O sol — que me abraçou a enfebrecida mente!...

¡ Avante, amigos meus! ¡ mais um esforço, avante!  
¡ Escaleres ao mar!... E dentro dum instante  
Teremos sob os pés a terra desejada,  
A plaga virginal, immensa, constellada,  
¡ Cheia de luz, de sons, de frémits, de harpejos,  
Como a noiva gentil que treme aos nossos beijos!...

¡ E' o paiz do sol! — ¡ é o paiz das flores!  
Onde palpita a vida em juvenis ardores,  
Onde tudo inda é puro, ¡ onde é sublime tudo!  
¡ Terra dos sonhos meus! ¡ Meu mundo! ¡ Eu te saúdo!

## II

Findou minha missão.

— ¿ Onde está finalmente  
Essa riqueza enorme?

¡ O sceptro resplendente  
Que illuminou Castella, a scintillante espada  
Que conquistou Alhambra, Aragão e Granada,  
Desembainhou-se... ¡ só para ferir mais fundo  
O coração de quem — ousou achar um mundo!

¡ O' FERNANDO! ¡ FERNANDO! O que ouviste dos labios  
Do rude Genovez, que confundiu teus sabios,  
Não foi uma mentira... A prova é o thesouro  
Que eu te trouxe de lá.

Tive as mãos cheias d'ouro,  
E não tenho hoje em ãia um pão para comer,  
Nem tecto á cuja sombra espere adormecer.

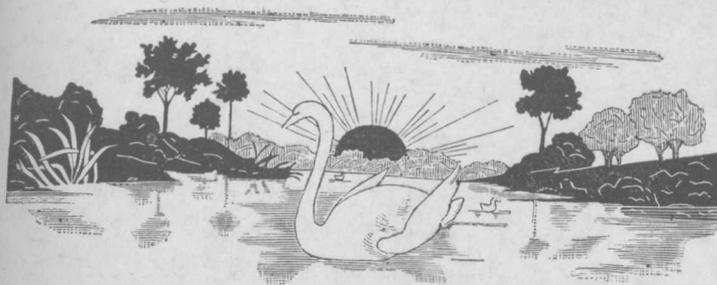
Faminto, a mendigar, em martyrio profundo,  
Tem de estender a mão ; quem descobriu um mundo !

Oh ! não saiba ninguém das lágrimas extremas  
Que derramo, em silencio. ; O signal das algemas,  
Que me arroxêa ainda os braços, que bem cedo  
Descansarão num peito enregelado e quêdo,  
Não o veja ninguém ! Ninguém possa chamar  
De ingrato, a quem me esmaga em vez de me exaltar.

; O' triste e bella Italia ! ; ó patria bem amada !  
Si a minha negra historia, em prantos ensopada,  
Estava escripta já, talvez lá em cima... então,  
; Quem ousará lançar-te a injúria dum baldão?!...

Sinto que vão findar os soffrimentos meus...  
Vou descansar, ; emfim !... ; Graças a ti, meu DEUS !  
Falta-me o ar e a luz... ; Que escuridão !... parece  
Que uma noite de gelo os membros me entorpece...  
Tenho sêde... ; Que frio !... ; Acudam-me ! ; Socorro !

Ai ! ; Ao menos, meu DEUS, eu te bemdigo e morro !



## XXXVIII

*NO ANNIVERSARIO DE RACHEL*

CHEIA de graças, rica de talento,  
No torreão ideal da mocidade,  
Cravas o olhar no azul da immensidade,  
Banhas o, olhar na luz do firmamento.

De tua alma no lago somnolento  
 Fluctua um cysne de alva castidade,  
 Que na plumagem mostra a claridade  
 Do teu mais resguardado pensamento.

Têm as pennas do cysne um óleo puro  
 Que repelle a humidade e o lodo impuro  
 Das encrespadas ondas murmurantes.

Tu tens, nos dons que em ti celebra a lyra,  
 A clâmyde fatal de Dejanyra,  
 ; Que incendiava o peito dos amantes !



*BANHO REAL... IDEAL*

**A**NTE o liso crystal dos limpidos espelhos  
 Jaz de pé a Rainha.

As damas, de joelhos,  
Atam-lhe do sapato as preciosas fitas;  
E á cauda do vestido as flores mais bonitas  
(Que El-Rey nessa manhã colheu no seu jardim)  
Prendem aqui e ali, na alvura do setim,  
Com alfinetes d'ouro e de pedras preciosas.

E' a rosa do amor, que o amor enche de rosas.

Quem penetrasse ali mais cedo alguns instantes  
Veria, no esplendor das linhas triumphantes,  
Em completa nudez, as fôrmas voluptuosas  
De mais alto valor que as vestes mais custosas.

A alvura do setim de seu melhor vestido,  
Cujo brando *frou-frou* parece ao nosso ouvido  
O resomnar da fera em languidez prostrada,  
Quando dardeja o sol nos areaes da estrada,  
Desmaia ante a brancura olympica dos seios,  
Alvos pombos no ninho a pipillar de enleios,  
Macios como o arminho e brancos como a escuma  
A constellar o azul das vagas, uma a uma.

No seu manto real ardem estrellas d'ouro  
Sobre o velludo azul; e o seu cabelo loiro  
E' mais longo, mais fino e tem maior encanto  
Que o pesado fulgor do seu comprido manto.

Sahiu do banho ha pouco: a marmórea banheira  
Guarda ainda no bôjo a essencia alcoviteira  
Desse corpo excitante, eléctrico, nervoso,  
Fina taça onde El-Rey bebe os filtros do gozo.

Mergulhou... e surgiu das aguas irrequietas  
Como um novo ideal na mente dos poetas;  
Foi um instante: entrou, sentiu a vista turva,  
Ergueu-se, a tiritar, fez uma leve curva,  
Perfilou-se, e, pousando os dedos sobre os hombros  
Duma dama, saltou...

Oh, si a vissem... ¡que assombros!  
¡Que delírios de amor! ¡que turbulentas scenas!  
Ah! mas eu nada vi... tudo imagino apenas.

¿Que diríamos nós, poetas, se isso vissemos?!...

De pé sobre o tapete, alvos lençóis finissimos  
 Envolvem-lhe os quadris, os braços, os cabellos ;  
 Como que a propria agua, a estremecer de zelos,  
 Com ciume dos lençóis que roçam a epiderme,  
 Comprime-os...sobe...desce...enruga-os : e qual verme  
 Que, por tocar na flor, se arrasta pelo galho,  
 Se esgueira, escorre, cai... em pérolas de orvalho.

Vestiram-na depois de frócos de cambraias,  
 Ataram-lhe á cintura as ondulantes saias ;  
 Esconderam-lhe os pés e as pernas peregrinas  
 Numas meias da cor das mais escuras minas ;  
 E a liga preciosa — acima dos joelhos,  
 Elástica, inda assim, deixa uns signaes vermelhos...



## XL

## TUA MÃO

**D**EUS, que fez coisas tão grandes  
 Como os Oceanos e os Andes,  
 A tempestade e a paixão,  
 Faz tambem coisas pequenas :  
 Fez as flores, as phalenas  
 E a tua mão.

Foi pródiga a natureza  
 Em dar-te tanta belleza,  
 Tantos dons de tentação ;  
 Mas foi duma extrema usura  
 Nos teus labios, na cintura  
 E em tua mão.

Cantem outros teus sorrisos,  
 Que promettem paraísos,  
 Na mais íntima expansão;  
 Eu cantarei simplesmente,  
 Não teu olhar eloquente,  
 ; Só tua mão!

Mão de neve pela alvura,  
 De arminho, macia e pura,  
 Como os véus das noivas são;  
 Mão de enlouquecer as almas...  
 ; Só vejo louros e palmas  
 Nessa mão!

A branca espuma da onda,  
 Os diamantes de Golconda  
 E as pérolas de Ceylão,  
 Tudo desmaia no instante  
 Em que libertas do guante  
 Tão fidalga e fina mão.



*A UMA POETISA*

**E**RAS a altiva torre enluarada  
 Onde eu me debruçava, antes do dia,

Para que assim minh'alma, arrebatada,  
Realisasse os sonhos da poesia.

Refrigeravas minha sêde louca,  
Esta sêde fatal que me devora,  
Na pequenina taça de tua boca,  
Onde o morango se mistura á amora.

Dos teus cabellos pela noite escura  
Brotavam as estrellas dos meus beijos;  
E dos teus seios na macia alvura  
Desenhavam-se as sombras dos desejos.

Meus olhos, nos teus olhos embebidos,  
Viam archanjos a seguir-te os passos...  
E quando eu me sentia sem sentidos,  
Subia ao céu, nas azas de teus braços.

Ias commigo a incógnitas paragens  
Na indolencia de um vôo prodigioso;

E depois dessas lyricas viagens  
Pousávamos num ermo silencioso.

No pavilhão druidico das mattas,  
Entre ninhos e rastos de serpentes,  
Ao compasso da queda das cascatas  
Entoavas os hymnos mais frementes.

Falávamos de Principes e Fadas,  
Rainhas Moiras e inclytos Gigantes  
Que empunhavam exóticas espadas  
Com os punhos crivados de diamantes.

Travada então a luta da existencia,  
Ias commigo ao campo da batalha;  
Vivandeira do amor e da demencia,  
Servia-me o teu peito de muralha.

Desfraldavas o panno da bandeira  
Que, de sangue e de balas rendilhado,

Se transformava, á noite, na trincheira,  
Em symbolico véu, — ¡véu de noivado!

Nos arraiaes sombrios do demonio  
Nossa tenda era o ninho da carícia;  
Eu queria morrer como PETRONIO,  
Sei que farias como a grega EUNICIA.



XLII

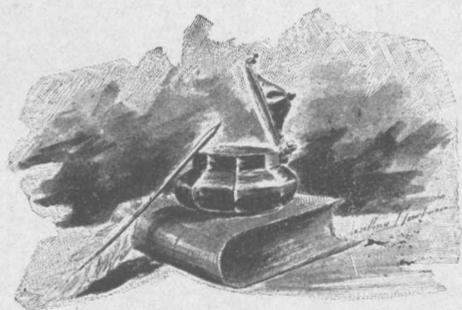
No

LEQUE

DE UMA

EMBAIXATRIZ

QUANDO em teus proprios olhos te abrazas,  
 E o leque agitas na mão nervosa,  
 Eu vejo um pássaro abrir as azas:  
 E vôa...e pouisa...sobre uma rosa!



## XLIII

## RIMANCE DO TRISTE PAGEM

(Scripto no stilo do seculo XVI)

Perdeo-se o bom scrover  
 como se perdeo o bom falar,  
 & como se esquecerão ovtras  
 mvtas Artes, cvjo principal  
 interesse he virtvde, & boa ins-  
 tituição.

(DYARTE NVNES DO LIÃO)

A língvagem, tanto nas pa-  
 lavras como na phrase, é py-  
 ramente a língva em qve pro-  
 fessor escrever, sem mistvra  
 ov corrvpção de vocabvlos es-  
 trangeiros; os qvacs só men-  
 digão d'ovtras língvas os qvc  
 são pobres de cabedacs da nos-  
 sa, tão rica e bem dotada,  
 como filha primogenita da la-  
 tina.

(Padre ANTONIO VIEIRA)

I

NON se me esvae da memoria,  
 Nem facil fôra olvidar,

Tempo que tem hva estoria,  
Estoria bem de lembrar!

De froles sendo o canteiro,  
He perfumado o pomar;  
& a costa he soo nevoeiro  
Quando he de escumas o mar.

Asy, alma que foe mynha  
Antes de Ela m'a levar,  
Em se Ela avzentando asinha  
Levov-m'a consigo á par.

& ev, triste em non te segvindo,  
Sem nunca mais te deixar,  
Eis-me soo, alto carpindo,  
Qual pombo que busca o par.

Non se me esvae da memoria,  
Nem facil fôra olvidar,  
Tempo que tem hva estoria  
Estoria bem de lembrar!

## II

Na torre do teo castello  
Nessas terras d'além-mar,  
Teo vulto fermoso & bello  
Vy que vivia á matar.

& ev, mais avdaz que os gverreiros  
Que vinhão de pelejar,  
Fvy mais alto que os primeiros:  
Per mais de cerca te olhar!

Fiquei perdido e svpenso  
Em teo sorrir singular;  
Tanto peney, que inda penso  
Tam lentas penas penar!...

Non se me esvae da memoria,  
Nem facil fôra olvidar,  
Tempo que tem hva estoria,  
Estoria bem de lembrar!

## III

Dos Infanções mais galhardos,  
Em antes de me ev armar,  
Simples Donzel, já seos dardos  
Parava-os, per t'os levar.

Depois arrei-me, & fvy pagem  
Da Castellan d'Ultra-Mar;  
Prestei-lhe cvlto e menagem,  
Signays de-la lembrar.

Nos torneyos & nas jvstas,  
& em côrtes de fascinar,  
Fvy — o das armas advstas!  
& menestrel — no trovar!

Non se me esvae da memoria,  
Nem facil fôra olvidar,  
Tempo qve tem hva estoria,  
Estoria bem de lembrar!

## IV

Frol, te ev achava tam bella,  
Com gaudio de te cheirar!  
Eras a vnica estrella  
Do céo, & estrella do mar!...

Ai Dona Branca d'est'alma!  
Ai Santa do meo altar!  
Agiolhei-me ante a palma  
Qve embalsamava o teo ar!...

No teo camarim, em onde  
Cantei, per te acalentar,  
( & as longas barbas do Conde,  
Branças de neve, a escvmar )...

Non se me esvae da memoria  
Nem facil fôra olvidar,  
Tempo qve tem hva estoria,  
Estoria bem de lembrar!

## V

O teo amor de donzella  
 Ovzarão malbaratar...  
 Ai! com prata em fina tela  
 Nem todos sabem bordar!

Em leito d'oiro dormias  
 Tam pura e branca, ao lvar,  
 Qve ai! Dona Branca, par'cias  
 Nvnca jamais despertar!

Era ym dormir de creança,  
 Somno de fvndo sonhar;  
 Cvstodiava-te a Esp'rança,  
 & o teo esprito á voar!

Non se me esvae da memoria,  
 Nem facil fôra olvidar,  
 Tempo qve tem hva estoria,  
 Estoria bem de lembrar!

## VI

Ai antes sempre dormisses,  
 Em mvy brando repoisar,  
 Qve do incréo do Conde Vlyses  
 Ir nos braços despertar...

No teo camarim doirado  
 Pvdesse ev soo pernoitar;  
 Em negra capa embvçado,  
 Ginete á espera, á rinchar.

Pé ante pé, com cavtela,  
 P'ra as damas non despertar...  
 Ai Dona Branca! Ai Donzella,  
 Qve ev sube considerar!

Non se me esvae da memoria,  
 Nem facil fôra olvidar,  
 Tempo qve tem hva estoria,  
 Estoria bem de lembrar!

## VII

Hva noyte... de longada  
 Pisara o Conde o solar;  
 Tela, já quasi lavrada,  
 Non teve mais qve lavrar.

Os esponsaes se anvuncião,  
 Todo Condado é folgar!  
 De longes terras se envião  
 Prezeas de alto prezar.

... & no crystal de teo seyo  
 Dvro pvnhal á sangrar!  
 & o triste Amor de permeio...  
 O mays... non lo sey narrar...

Non se me esvae da memoria,  
 Nem facil fôra olvidar,  
 Tempo qve tem hva estoria,  
 Estoria de lembrar!



*O MEU AMOR*

**M**EU AMOR é um cavalleiro  
 A galopar no infinito...

¡ Ai, mísero forasteiro !  
 ¡ Si até mesmo na patria anda proscripto !

Meu Amor, o marinheiro,  
 Era audaz e foi pirata ;  
 Viu mil terras, venceu mais dum cruzeiro,  
 E naufragou nos braços duma ingrata .

Meu Amor foi um guerreiro,  
 Passou por lanças e balas,  
 E aos hymnos triumphaes foi prisioneiro  
 Dumas mãosinhas brancas como opalas .

Meu Amor fez-se romeiro,  
 Tomou bordão e sacola,  
 Andou de porta em porta, e no mosteiro  
 Pernoitou, só de amor pedindo a esmola .

E eil-o emfim forasteiro,  
 No proprio lar proscripto,  
 O meu Amor — ¡ o bello cavalleiro,  
 Que viveu galopando no infinito !



## XLV

## PARISINA

Poema Byroniano

## I

É o momento solemne, a hora mysteriosa  
 Em que dos rouxinões a música saudosa  
 Se escuta no arvoredos. E' a hora indefinida,  
 Em que os beijos de amor como que tem mais vida ;  
 E' a hora em que o som das virações nas mattas  
 Se casa á grande voz da quéda das cascatas ;  
 E' o momento ideal em que o poeta sente  
 As tristezas dum sabio e os êxtasis dum crente .

Adornou-se o azul de estrellas scintillantes,  
 Nas flores derramando as gotas cambiantes  
 Do orvalho, que parece o crystallino pranto  
 Das pálpebras do ceu...

E' mais escuro o manto  
 Dos bosques; e do lago a superficie azul  
 Arrufa-se ao passar das virações do sul;  
 A luz crepuscular vasqueja, a estremecer,  
 Vendo por sobre o monte a lua apparecer.

## II

Mas não é para ouvir a bulha das torrentes,  
 Nem o leve rumor dos zéphyros plangentes,  
 Que PARISINA desce a escadaria vasta  
 Do castello feudal dos nobres d'ESTE:

Afasta

O portão do jardim, entra, assustada, incerta,  
 Não sabe o que fazer, colhe uma flor aberta,  
 Escuta... mas não é a voz dos rouxinões  
 Que ella procura ouvir nuns lyricos bemóes...

Espreita, ouve um rumor que lhe fere o ouvido,  
 Empallidece, e então, precipite, opprimido  
 Sente com violencia o coração pulsar;  
 Ouve distinctamente um labio pronunciar  
 O seu nome... estremece, e nesse mesmo instante  
 Atrai-se em delirio ás caricias do amante  
 Que lhe espalha no seio os seus proprios desejos  
 Ao sopro varonil de impetuosos beijos.

E as flores em redor ouviam os gemidos  
 Daquelles corações estreitamente unidos.

## III

¿ Sentistes no peito acaso  
 A labareda que lavra,  
 Esse fogo que a palavra  
 Não consegue definir?  
 ¿ Um não sei quê indizível,  
 Um fluido mysterioso  
 Que nos invade dum gozo  
 Que faz chorar e faz rir?

; Sentistes no peito acaso  
 Essa dormencia suave,  
 Que é feita de pennas d'ave  
 E claridões de luar?...  
 ; Isso que faz com que o homem  
 Diante de todos, de tudo,  
 Fique inerte e fique mudo,  
 Sem nada ver, mesmo a olhar?

; Sentistes no peito acaso  
 Essa fagulha exquisita  
 Que irrompe, lavra e crepita,  
 A devorar-nos, sem dor?...  
 Ah! os que amaram ; que digam  
 Si vão nas azas dos ventos  
 Os grandes deslumbramentos  
 De um só instante de amor!

Pergunto, aos que têm amado,  
 Si nesse momento amigo  
 Recuaram de um perigo,  
 Ou tremeram de pavor...

; E no entanto é forçoso  
 Que, sem perder um instante,  
 Se afaste tão louco amante  
 Da amante — louca de amor!

## IV

Trocando juramentos, entre beijos,  
 Deixam os dois o thálamo de flores,  
 Onde mataram fêrvidos desejos  
 De criminosos, infernaes amores.

Abandonam o leito do adulterio  
 Com aquelle remorso concentrado  
 De quem esconde um crime no mysterio  
 Sem ver que a consciencia anda a seu lado.

Ella, inquieta, nervosa — e sempre linda —  
 Aperta-o contra os seios palpitantes :  
 E fugindo, a correr, volve-lhe ainda  
 Os grandes olhos, húmidos, brilhantes.

Elle, na embriaguez voluptuosa  
 Dos perfumes subtís da flor do crime,

¡ Vendo-a fugir-lhe, tímida e medrosa,  
Sente aquillo que o homem nunca exprime !...

Trocando olhares e atirando beijos  
Mil promessas e juras renovavam,  
¡ Loucos ! ¡ ardendo em febre de desejos,  
Era a última vez que se abraçavam !...

« ¡ Adeus ! » « ¡ Adeus ! » Silenciosa e calma  
A lua os viu, no trágico momento  
Em que sentiram enroscar-se n'alma  
A serpe de um fatal presentimento...

Como a sombra seguindo silenciosa  
Atraz do corpo e o cão junto do dono,  
A Consciencia ( mandando imperiosa  
Que o Remorso do Crime agite o somno );

Não o deixa... E' a luz que bruxoleia  
No silencio das câmaras mortuarias...  
¡ E' a fera, que á luz da lua cheia  
Penetra nas cavernas solitarias !...

## V

Hugo jaz no seu quarto, entregue ás mil lembranças  
Da entrevista de amor... aquelle amor fatal,  
Que ameaçava arrebatá-lhe as verdes esperanças  
Na voragem do mal.

Emquanto, em turbilhões, os sensuaes desejos  
Mais lhe assopram no peito as brazas da paixão,  
PARISINA, a sonhar, aperta alguem, aos beijos,  
Contra o seu coração...

Mas ¡ a quem abraçava ?—ao desgraçado esposo,  
Que nada suspeitava ; e o triste, ao despertar,  
Recúa de surpresa... e attento, cauteloso,  
Sustém o respirar...

¡ Ironia da sorte ! ¡ escárneo da ventura  
Lançado assim ás cans dum trémulo ancião !...  
¡ O pranto do carrasco ! ¡ o riso da loucura !  
¡ O beijo da traição !...

## VI

PARISINA sonhava... e assim beijava  
 Do nobre esposo a fronte veneranda,  
 Fronte que ella de espinhos coroava ;  
 ¡ Julgando que estreitava,  
 Numa carícia branda,  
 Bem contra o coração  
 O peito palpitante  
 Do seu robusto e juvenil amante !...

Alto o luar boiava na amplidão.

Sonhava... ¡E que tremenda punição  
 Veio cortar-lhe os sonhos  
 Inefáveis, risonhos,  
 Onde se reproduzem as carícias,  
 O êxtasis sem fim,  
 O gozo forte e as trémulas delicias  
 Entre as flores e as sombras do jardim !  
 D' Azo desperta ao crepitar dos beijos  
 Que o vento dos desejos

Soprou nos labios quentes, purpurinos,  
 Da esposa adormecida.

E ella...; tão linda ! de cabellos soltos,  
 Seminua, estendida  
 Por sobre a alvura dos lençóes revoltos...

Elle ouve então uns hymnos,  
 Umás notas de músicas distantes...  
 Eram ais e suspiros repetidos,  
 Uns soluços pungentes,  
 Uns estremecimentos, uns gemidos,  
 Borrifados de brilhos palpitantes  
 Dumas lágrimas claras, opalinas,  
 Como si fossem pedras de brilhantes  
 Agitadas em taças crystallinas...  
 E um choro preso, hystérico, teimoso,  
 Num espasmo nevrálgico de gozo.

Mas, d'envolta com lânguidos queixumes,  
 Sôam phrases de amor entrecortadas,  
 Que expiram, esvaidas nos perfumes  
 Das tranças longas, negras, enroscadas...

D'Azo, attento, anhelante,  
Vendo-a em tanta volúpia inda mais bella,  
Vai beijal-a na boca...

Nesse instante  
Descerram-se de manso os labios d'Ella...  
E o nome, não do esposo, mas do amante,  
Sôa— ¡ com a tremenda vibração  
De uma eterna e terrivel maldição !

¡ Em delirio, sem luz, sem ar, sem calma,  
O grande desgraçado  
Recúa, espavorido, anniquillado,  
Sentindo um peso de montanhas n'alma !...

Para pintar ao vivo horror tamanho,  
Fôra mister reproduzir o brilho  
Do trágico olhar d'Azo, no momento  
Em que, para requinte do tormento,  
Em vez dum inimigo, ou dum estranho,  
Ouviu o nome — ¡ de seu proprio filho !

## VII

D'Azo empunha o punhal, despe-o, e no mesmo instante  
Mergulha na bainha a lâmina brilhante.

Quando uma dor assim agita um peito forte,  
Deve ser a vingança inda peor que a morte.

Mas... ¡ como assassinar essa criança bella,  
Que já não ri sonhando ? ¡ E' triste a sorte d'Ella!...

Ao suggestivo olhar que o duro ancião lhe vibra,  
Um calefrio atroz corre-lhe fibra á fibra...

¡ E ella sempre a dormir !... Aquelle olhar pungente  
Foi talvez o que a fez dormir profundamente.

Si ella visse, acordando, esse sinistro olhar,  
Tornaria a dormir... ¡ sem nunca despertar !

¡ Dorme!... E não sonhes nunca, ó misera dormente,  
Que os teus dias estão contados fatalmente.

## VIII

Mal vai amanhecendo, corre D'Azo  
 A interrogar os fâmulos : patentes  
 São as sobejas provas ; urge o prazo  
 Para a condemnação dos delinquentes.

E as criadas, que tão discretamente  
 Foram as confidentes da Princeza,  
 Fazem agora recair somente  
 As culpas sobre a victima indefeza.

## IX

D'Azo é impetuoso ; e vendo nesse instante  
 A deshonra tombar sobre o representante  
 De tão preclara estirpe, ordena, em desvario,  
 Que, reunida a côrte em seu solar sombrio,  
 Venham á sua presença, humildes, escoltados,  
 Os mártires do amor, de pulsos algemados.

¡ O' CHRISTO ! ; deve um filho apparecer assim  
 A' face de seu pai ?...

HUGO surge por fim,  
 Para ouvir em silencio, ah ! mas altivo e forte,  
 ¡ Dos labios paternaes a sentença de morte !

## X

Muda como elle assoma PARISINA.

A misera aguardava, resignada,  
 Na sentença fatal a paz da morte ;  
 Sem ver que, em vez do raio, que fulmina,

Lhe estava reservada  
 Condemnação mais prolongada e forte.

¡ Que mudança, meu Deus, na face linda,  
 Onde tão cedo ainda  
 Se entreabriam os risos, como as flores,  
 Como as pétalas das rosas nas roseiras !

Os olhos d'Ella já não têm fulgores ;  
 E nas trémulas pálpebras doridas,  
 Como duas mortalhas estendidas,  
 Enrugam-se as olheiras...

E eram esses os olhos vivos, bravos,  
 Que illuminavam do castello as salas,  
     Quando em festas e galas  
 Viam, nesses senhores, seus escravos.

Ah! que si aquelles olhos deslumbrantes  
 A eloquencia das lágrimas tivessem,  
 ; Talvez que mil punhaes apparecessem  
 Despidos pela mão de mil gigantes!

Os nescios cortezãos e as damas fátuas  
 Jazem mudos e inertes — como estátuas.

HUGO, o heróe, que bem quizera ter  
 Mil vidas, para todas offerecer  
     Pela vida da amante,  
 Para maior vergonha e mais tormento,  
 Nem pode defendel-a em tal momento:  
 E ao vel-a muda e pálida e sombria,  
 Mudo e sombrio e pálido, ; soffria  
 Um século de dor em cada instante!

## XI

Si não fosse a presença daquelles  
 Que faziam chorar PARISINA ;  
 Si não visse esse pai, que o fulmina,  
 Com olhares que humanos não são,  
 Ah! de certo ness'hora, arrancando  
 Do seu peito essas pontas de lanças,  
 Choraria, bem como as crianças,  
 ; Si é que chora no ermo um leão!

Esse amor... esse crime... esse odio...  
 Esse olhar dessa turba insolente ;  
 Esse braço, robusto e potente,  
 Algemado e sem arma na mão ;  
 Vendo a amante, que soffre em silencio,  
 Vendo o pai, que o condemna terrivel:  
 ; CHRISTO! ; ó CHRISTO! ; parece impossivel  
 Que isso tudo não tolde a razão!...

## XII

D' Azo rompe o silencio finalmente:  
 — « Hontem ainda eu me orgulhava tanto

Desta mulher, meu derradeiro encanto,  
 E deste filho vil...; filho e rival!  
 Sonhava...antes sonhasse eternamente:  
 A ter de despertar desta maneira,  
 Fôra melhor dormir a vida inteira,  
 ; Passar, dormindo, ao leito sepulchral!

«; Porque me despertaram? Mas, agora,  
 Cumpre retroceder por um instante,  
 ; Para avançar a passos de gigante,  
 Levando ao cimo do Calvario a cruz!  
 ; Traidor! não verás mais surgir a aurora:  
 Has de cair ao golpe do cutello  
 Assim que o sol tombar, trágico e bello,  
 No seu manto de púrpura e de luz.

«Cumpra-se o meu fadario. ; E no entanto  
 Eu motivo não dei para que fosse  
 Victima de um bastardo!... Elle ultrajou-se,  
 Ultrajando seu pai, oh! maldição!  
 ; Adeus, ingrato filho, que amei tanto,

Adeus, mulher que amei perdidamente!  
 ; Adeus! eu ficarei, velho e doente,  
 Exposto á viuvez e á solidão.

«Tu mesmo abriste a cova onde tão cedo  
 Vais desfolhar a flor da mocidade;  
 Mas, ; por que em vez de bênçãos e saudade  
 Deixas remorso e levas maldição?...  
 Bem! já que as leis da terra te condemnam,  
 Já que não ha perdão para o teu crime,  
 Vê si do Rei dos reis, justo e sublime,  
 Podes ter o indulto...; de mim, não!

«; Adeus! esperarei que chegue a hora  
 De acabar de soffrer: sombrio, exangue,  
 Vou fazer derramar meu proprio sangue,  
 Desde que um de nós dois deve morrer:  
 E tu... misera adúltera sem alma,  
 Que envenenas meu sangue e que o derramas,  
 Vel-o-ás gotejar no peito que amas...

; Condemno-te — a viver! »

## XIII

HUGO estende-lhe os braços, algemados:  
 Ouve-se então o retinir vibrante  
 Do ferro dos grilhões, que nesse instante  
 Reproduzem no éco os tons pausados...

Mantendo sempre firme um ar supremo,  
 Diz, com sonora voz e gesto forte:  
 — «Tu viste-me na guerra, exposto à morte,  
 Tu sabes muito bem que eu nada temo.

A espada, que a teus guardas dei ha pouco,  
 Quando fulgia nua ao sol da guerra  
 Já derramou mais sangue que o do louco  
 Cuja cabeça vai rolar por terra.

Podes tirar-me a vida, pois outr'ora  
 Recebi-a de ti; com effusão  
 Devolvo-t'a; mas vê que desde est'hora  
 Eu não te fico mais na obrigação...

¡ Bem!; e tu pensas que risquei da mente  
 O quanto minha mãe soffreu de ti?...  
 ¡ Tu sabes si chorei constantemente  
 Desde que — nunca mais, — tão cedo, a vi?

Ella era boa, e linda, e virtuosa;  
 Deixaste-a no mais tétrico abandono;  
 Como o verme que faz murchar a rosa,  
 Desfolhaste essa flor antes do outono.

A mísera e mesquinha, abandonada,  
 Mostrá-me em ti um bandoleiro infiel;  
 ¡ Assim, minha cabeça — degollada —  
 Ha de mostrar ao mundo um pai cruel!

Offendi-te; mas vê que te offendendo  
 Apenas pago offensa com offensa;  
 Que o meu crime é enorme, eu estou vendo,  
 ¡ Só tu não vês a tua culpa immensa!

Esta segunda víctima, indefeza,  
 Do teu orgulho...; sim! que nunca a amaste;

Antes de ser tua esposa, tens certeza  
De que era minha noiva:; e m'a roubaste!

Viste-me fascinado a tanto encanto...

; Pois eu podia amar e ser amado?

—; Um bastardo! — disseste...; e no entanto  
De eu ser bastardo não és tu culpado?!...

Esse nome, que herdaste duns tyrannos,  
E que tanto aviltaste, até ser teu...  
Si eu pudesse viver, em poucos annos  
Lucrarias, trocando-o pelo meu.

Talvez viesses a invejar as glórias  
Que deixo de alcançar, por ser teu filho...  
; Quantas grandezas fátuas, transitorias  
Ao olhar de um plebeu perdem o brilho!

As esporas brilhantes dos guerreiros  
Nem sempre, como as tuas, são herdadas;  
E as minhas, entre os bravos cavalleiros  
De ágeis corceis e de inclytas espadas,

Mil vezes conduziram-me á victoria,  
Mantendo-me a lutar sempre á vanguarda.  
; Que loucura! — lembrar dias de gloria  
Na ocasião em que o algoz me aguarda.

Não supplico piedade; só desejo  
Sentir tudo no nada de um momento.  
Já basta de soffrer, bemdigo o ensejo  
De minhas cinzas agitar o vento...

O passado é o nada; e o futuro  
Não vale talvez mais do que o passado.  
; Só sinto terminar dum modo obscuro  
Este sonho voraz, tão agitado!

; Condemnaste-me? bem, eu só lamento  
Que uma vez em tua vida fosses justo;  
Pago-te assim tormento com tormento,  
E ao saldar nossas contas, não me assusto.

Quem por um crime entrou, sem consciencia,  
Nesta prisão da vida, que me opprime,

Não podia deixar tal existencia  
Sinão saindo por um outro crime:

Eu saio como entrei. Tu me offendeste,  
Eu offendi-te, somos reus; mas, oh!  
Como foste o juiz, tu te absolveste,  
E punes nossas faltas em mim só...

Sei que aos olhos dos homens o meu crime  
E' maior do que o teu; mas... pode ser  
Que ambos, aos olhos do Juiz Sublime,  
Na presença de DEUS, não sei...; vou ver!...

## XIV

Calou-se; e ao encruzar os algemados braços,  
Os grilhões, a ranger, tiniram nos espaços.

O brutal retintim feriu ruidosamente  
Os tímpanos do ouvido a toda aquella gente...

Tem não sei quê de estranho o retinir dos ferros,  
Que nos traz á lembrança um trovejar nos serros...

Voltaram-se de prompto as vistas indiscretas  
Para o bello ideal dos sonhos dos poetas...

Estava ali tambem, mas pálida e franzina,  
Attônita, offegante, a triste PARISINA.

Ella estava tão branca, então, que parecia  
Uma morta de pé, ou uma estatua fria.

Seu olhar, desvairado, errava aereamente,  
Sem que visse o que via...allucinadamente.

Tentou em vão falar, mas como que sentia  
Uma força interior que as frases lhe prendia.

Chorou, e do seu pranto as lágrimas ardentes  
Formaram um collar de pérolas trementes.

Feriu-a o forte olhar desse auditorio mudo:  
;Ella teria ouvido e visto aquillo tudo?...

Percebeu-se o tremer convulso dos seus dentes;  
Tremiam-lhe do seio essas luas crescentes...

Quiz falar, mas em vão ; houve uma luta interna,  
Forte como leões dentro duma caverna.

Desprende um grito emfim... e cai redondamente  
Como a estatua que tomba inesperadamente.

Esteve muito tempo immovel, muda, fria...  
Depois, ao despertar, ergueu-se, e ria, ria...

Mas dum modo feroz : escancarando a boca,  
Arregalando muito os olhos... |'stava louca !

Esmagaram de todo aquelle coração  
Ao peso da vergonha e ao peso da traição.

## XV

Sim ! ; foram esmigalhados  
No cérebro os seus sentidos !  
Seus pensamentos, perdidos  
Nuns labyrinthos fechados,  
Faziam lembrar então

As cordas, frouxas, molhadas,  
Do arco de algum selvagem,  
Que assim que são esticadas  
Esparramam na folhagem  
As settas — sem direcção...

Seu passado, desditosa,  
Bem se pode comparar  
Às pétalas duma rosa  
Desfolhada sobre o mar.

Seu futuro, em trevas densas,  
Era ferido n'essa hora  
Por umas chispas intensas,  
Por uns fulgores de aurora,  
Tão vivos, porém tão rápidos  
Recortando a escuridão,  
Como em tormenta os relâmpagos  
A' noite na solidão.

¿Sentirá tocar na areia  
Com os seus pés pequeninos ?

¿ O firmamento se arqueia  
Aos seus olhares divinos ?...

¿ Vê-se ainda entre os humanos ?  
¿ Ou julga-se, nua e só,  
Entre feras e tyrannos  
Que a martyrisam, sem dó ?...

Nada vê, nada distingue,  
Nada escuta. E são tão maus  
Os seus sonhos de acordada,  
Que o seu temor não se extingue,  
Ella em tudo apalpa o nada...  
E... que horror: — ¿ boia no kãos !

## XVI

Dobram os altos sinos compassados  
E fúnebres ecôam lentamente  
Na alma dessa gente  
Que se agglomera em torno dos soldados.

Rouca retumba a voz dos campanarios,  
¿ Lúgubres dobres tristes e fataes !...  
Parece pios fúnebres, mortuarios...  
¿ Ai dos que partem e não voltam mais !

Caem do sol os raios derradeiros  
Sobre a cabeça de HUGO, assim mais bello,  
Rezando, de joelhos ;  
E esses lampejos ásperos, vermelhos,  
Derramam uns reflexos agouzeiros  
Na folha do cutello...

## XVII

Ergue-se finalmente o peccador constricto.  
Sôa a hora fatal...

Nas brumas do infinito  
Desapparece o sol, vermelho, ensanguentado,  
¿ Não querendo assistir ao bárbaro attentado !  
Tiram o manto de HUGO e cortam-lhe os cabellos,  
¿ Os cabellos gentis, tão longos, em novelos !

O gôrro de setim, esse querido gôrro  
Bordado a fios d'oiro e de setineo fôrro,  
Dado por PARISINA...oh! tyrannia nova,  
Nem isso mesmo pode acompanhá-lo á cova.

Tentam vendal-o...

— « Oh! não! diz elle, isto é demais!

¡ Não o consentirei, nem o fareis jamais!  
Entreguei minha espada aos guardas receiosos,  
Entreguei aos grilhões meus braços vigorosos,  
Dou o sangue e a vida, o tempo não percamos,  
Hei de morrer assim, de olhos abertos, ¡ vamos! »

Disse, altivo; e curvando a fronte, sem recuar,  
Sobre o cêpo, bradou:

— « ¡ Vamos! ¡ descarregar! »

Pensou em PARISINA...; e nesse mesmo instante  
A cabeça saltou do tronco palpitante!...

Das arterias jorrou o sangue em borbotões...  
Fecha os olhos e a boca, abre-os, em contracções.

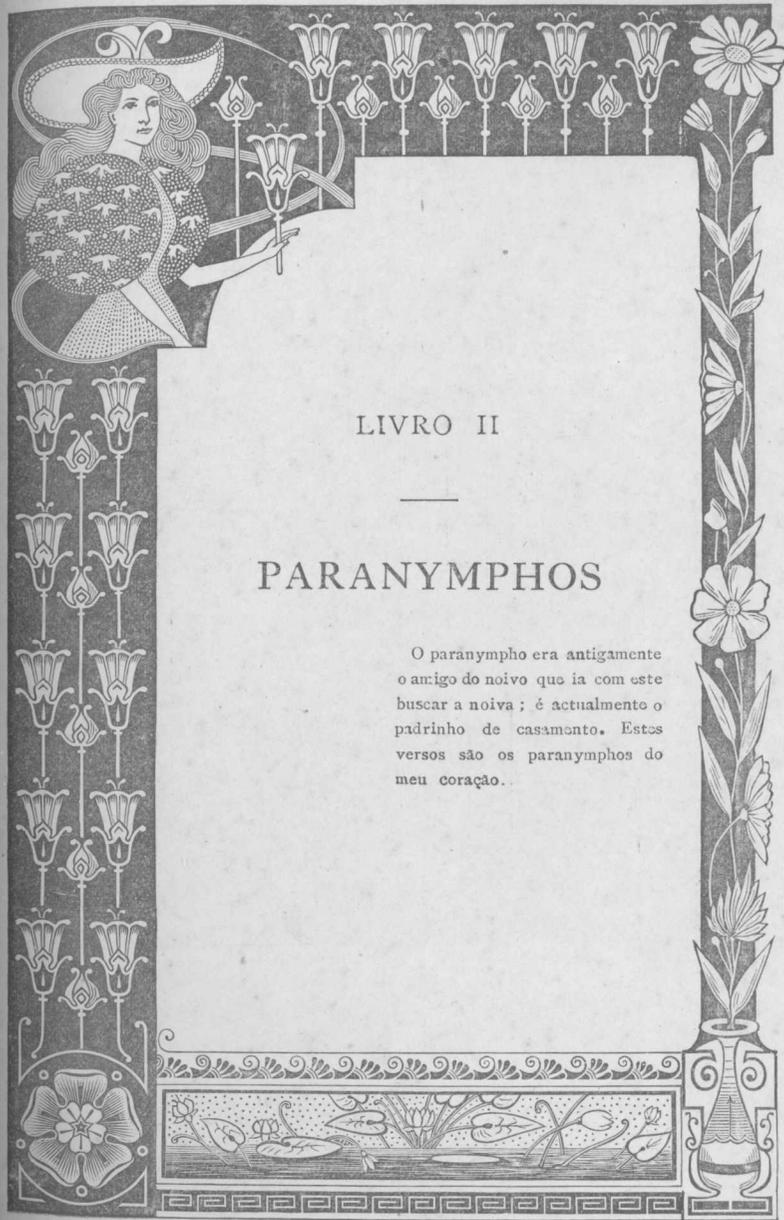
## XVIII

Mas no mesmo momento em que cahia  
Sobre a cabeça a folha do cutello,  
Um grito estranho e trágico se ouvia  
Numa das altas torres do castello.

Foi um grito selvagem, estridente,  
Mais dorido talvez que o que soltasse  
A mãe, que algum bandido de repente  
No seu collo um filhinho degollasse.

D'Azo morava ali... e nesse instante  
Todos, olhando para aquelles paços,  
¡ Viram um velho, tétrico, offegante,  
Que prendia uma joven nos seus braços!...





LIVRO II

---

PARANYMPHOS

O paranymphe era antigamente o amigo do noivo que ia com este buscar a noiva ; é actualmente o padrinho de casamento. Estes versos são os paranympheos do meu coração.



*A M. H.*

Enfant ! si j'étais roi, je donnerais l'empire,  
Et mon char, et mon sceptre, et mon peuple à genoux,  
Et ma couronne d'or, et mes bains de porphyre,  
Et mes flottes, à qui la mer ne peu suffire,  
Pour un regard de vous !

Si j'étais Dieu, la terre et l'air avec les ondes,  
Les anges, les démons courbés devant ma loi,  
Et le profonde chaos aux entrailles fécondes,  
L'éternité, l'espace, et les cieux et les mondes.  
Pour un braiser de toi !

V. Hugo — *Les Feuilles d'Automne.*

**M**ULHER ! si eu fosse d'Asia o audaz mergulhador,  
Havia de descer, rasgando as ondas cérulas,  
A'escura profundez — para colher as pérolas  
Que eu mesmo engastaria em teu collar de amor.

Si dos jardins de luz dos amplos arrebóes  
Eu fôra o jardineiro, havia de ir, de rastros,  
Fazer em pleno céu uma colheita d'astros...  
Tecer-te uma grinalda esplêndida — ; de sóes !!



Quizera arrebatá-te — engarupada —  
No meu corcel, á mais remota selva...

(*Campo Santo* — pág. 219).

## I

Melhor é exp'rimental-o, que julgal-o,  
Mas julgue-o quem não pode exp'rimental-o.

(CAMÕES).

O gozo intenso e rápido, as caricias  
Prolongadas assim sem intervalo,  
Tudo quanto sentimos, em delicias,  
Melhor é exp'rimental-o, que julgal-o.

! Como discretos nossos olhos mentem  
Quando disfarçam tão profundo abalo !...  
Eu não quero julgar o que outros sentem...  
Mas julgue-o quem não pode exp'rimental-o.



## II

Dar-me em teus brandos olhos desmaiados  
Morte, morte de amor, ; melhor que a vida!

(BOCAGE).

**N**INGUEM sentiu jamais tudo que sinto  
Quando, cheia de mimos e cuidados,  
Vens todo o ardor da *Noiva de Corinθο*  
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados.

Na volúpia, que enerva e que arrebatá,  
A minh'alma, na tua confundida,  
Sente, nesta agonia que não mata,  
Morte, morte de amor... ; melhor que a vida!



## III

Isto é amor, e deste amor se vive ;  
Isto é amor, e deste amor se morre.

(GONÇALVES DIAS).

**Q**UERER o proprio mal, que de ti venha,  
Subir, mesmo a rolar por um declive,  
Ver flores rebentar em dura penha...  
Isto é amor, e deste amor se vive.

Captivo sempre estar de um pensamento,  
Emquanto mais subtil o tempo corre,  
Ser humilde e fatal, meigo e violento...  
Isto é amor... ; e deste amor se morre!



## IV

¿ Quem pode ver-te, sem querer amar-te ?  
 ¿ Quem pode amar-te, sem morrer de amores ?

( MACIEL MONTEIRO ).

DIZIAM todos ( e eu sem conhecer-te )  
 ; Não se vê outra assim por toda parte !  
 ¿ Quem os podia ouvir, sem querer ver-te ?  
 ¿ Quem pode ver-te, sem querer amar-te ?

; Amo-te !... E digo, a te seguir, de rastros :  
 Do teu perfume é que DEUS faz as flores,  
 Do teu olhar é que DEUS faz os astros...  
 ¿ Quem pode amar-te, sem morrer de amores ?



## V

— Amai-vos ! disse DEUS, creando o mundo,  
 — Amemos ! — disse ADÃO, no paraíso !

( CASIMIRO DE ABREU ).

A MAR — é o hymno d'alma — repetido  
 Dos altos sóes ao antro mais profundo ;  
 Como que tudo brada ao nosso ouvido :  
 — ; Amai-vos ! disse DEUS, creando o mundo ..

O Amor e o Odio, eis o dilemma eterno,  
 Que filtra a lágrima e desata o riso :  
 — ; Odiemos ! disse SATANAZ, no inferno...  
 — ; Amemos ! disse ADÃO, no paraíso.



## VI

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,  
Tantas noites de febre e de esperanças!...

(ALVARES DE AZEVEDO).

**D**EBRUÇADO nos lípidos espelhos  
De teus olhos, cisternas de loucuras,  
Nos meus lábios os teus, frios, vermelhos...  
¡Eu sonhei tanto amor, tantas venturas!

Os dois, sosinhos, a contar histórias,  
Contentes, nuns enlevos de crianças,  
Tínhamos tantas illusões de glórias...  
¡Tantas noites de febre e de esperanças!



## VII

O meu amor é como o vagalume  
Iluminando a sombra em que se esconde.

(MUCIO TEIXEIRA).

**R**EFLLECTINDO o fulgor dos teus olhares  
Na escuridão da noite do ciume,  
Sosinho e mudo, ao frio dos luares,  
O meu amor é como o vagalume.

E o teu olhar relâmpagos accende  
Na escuridão dos aposentos, onde  
Teu vulto uns brilhos ideaes desprende,  
Iluminando a sômbra em que se esconde.



## VIII

Si queres ser, ao despertar, mais pura,  
Acorda aqui — nos braços do poeta.

( JUNQUEIRA FREIRE ).

**D**ESPE-TE o meu olhar, a cada instante,  
Revestindo-te — a propria formosura ;  
Adormece aos meus beijos, delirante,  
Si queres ser, ao despertar, mais pura.

Teu somno embalarei aos meus cantares,  
Numa cadencia incógnita e secreta ;  
Somnâmbula de amor... ; quando acordares,  
Acorda aqui — nos braços do poeta !



## IX

Sylvia, cantando és a mulher formosa !  
Sylvia, chorando és a mulher divina !

( CASTRO ALVES ).

**Q**UANDO tua alma geme no teclado,  
De uma canção na música saudosa,  
Troco o teu nome... e digo, allucinado :  
« ¡ Sylvia, cantando és a mulher formosa ! »

Mas quando no meu hombro te debruças,  
Nas âncias deste amor que nos domina,  
E palpitas... e gemes... e soluças...  
¡ Sylvia, chorando és a mulher divina !



## X

Num mar de flores se inundou a terra...  
Chuva de estrellas rebentou do céu).

(CARLOS FERREIRA).

QUANDO, sorrindo, me apontastê lânguida  
O cortinado, que um poema encerra,  
Rompeu nos ares a canção dos pássaros...  
Num mar de flores se inundou a terra...

Quando aos meus beijos desmaiaste, gélida,  
Trémula toda, espedaçado o véu...  
¡ Satan, de inveja, estrebuchou no bárathro !...  
¡ Chuva de estréllas rebentou do céu !...



## XI

Vês? mais pálido um raio a lua estende  
Para beijar-te os pés na escura relva.

(GUILHERME BRAGA).

SOSINHOS, alta noite, no terraço,  
Neste arroubo fatal que assim nos prende,  
Sempre que mais te estreito num abraço  
¡ Vês? mais pálido um raio a lua estende...

Quizera arrebatá-te — engarupada —  
No meu corcel, á mais remota selva,  
Para afrontar a luz da madrugada...  
Para beijar-te os pés na escura relva...



## XII

E me arrebatá a mente além dos mundos,  
Quando, baixando as pálpebras, te calas;

(FAGUNDES VARELLA).

O teu olhar, de fluidos mysteriosos,  
Ora me atira em tremedaes profundos,  
Ora me eleva, em vôos portentosos,  
;E me arrebatá a mente além dos mundos !

Minh'alma sente uma alegria intensa  
Quando baixinho, ao meu ouvido, falas...  
E vai ao céu, num êxtasis suspensa,  
Quando, baixando as pálpebras, te calas.



## XIII

Bem como a salamandra em chammas vive,  
Entre perfumes a Sultana habita.

(CASTRO ALVES).

Dos meus versos na púrpura esmaltada,  
Sempre que o teu olhar de luz a crive,  
Has de imperar, soberba e coroada,  
Bem como a salamandra em chammas vive.

Entre rosaês se ostenta a primavera,  
Entre fulgores a manhã palpita;  
Entre harmonias Minha Amante impera,  
Entre perfumes a Sultana habita.



## XIV

O castigo do vício — é o proprio vício,  
O premio da virtude — é a virtude.

(BOCAGE).

**S**i ousei ferir-te escrúpulos sagrados,  
Expondo-te a tão forte sacrificio,  
Esmagam-me remorsos prolongados:  
O castigo do vício — é o proprio vício.

As lágrimas são astros, quando brilham  
No céu azul da ardente juventude;  
As tuas -- divinizam-te, e me humilham...  
O premio da virtude — é a virtude.



## XV

Só tu conheces o secreto espinho  
Que dentro d'alma me pungindo está.

(F. VARELLA).

**E**NTRE umas plantas que envenenam tudo  
E onde as serpentes vão fazer o ninho,  
Das flores sob as pétalas de veludo  
Só tu conheces o secreto espinho...

Na fina mão, nervosa e delicada,  
Empunhas, rindo, ameaçadora e má,  
Frio punhal de lâmina aguçada  
Que dentro d'alma me pungindo está.



## XVI

¡ Crucifiquei-a nos meus abraços,  
Ardeu no fogo dos beijos meus!

( MUCIO TEIXEIRA ).

TREMEU ao ver-me, depois, num riso  
Desafiou-me... seguiu-me os passos:

Houve um Calvario no Paraíso...

¡ Crucifiquei-a nos meus abraços !

Gememos juntos, juntos sentimos

A sede e a febre dos Prometheus:

Foi no inferno que nós cahimos...

¡ Ardeu no fogo dos beijos meus !



## XVII

Olho p'ra tudo indiferente e frio :  
Tudo isto morre...eu morrerei tambem.

( TEIXEIRA DE MELLO ).

NÃO te apavore o meu olhar nostálgico,  
Nem tenhas medo do meu ar sombrio ;  
Sou como um surdo num salão de música...  
Olho p'ra tudo indiferente e frio.

Ha nesta vida muito mais misérias

Que os astros todos pelo espaço além ;

O amor e as crenças, os vulcões e os átomos,

Tudo isto morre... eu morrerei tambem.



## XVIII

¿ Es el fin de esta vida nuestra muerte,  
O' es la muerte el principio de otra vida?

(CAMPOAMOR).

A MORTE não é mais que a porta aberta  
Para o desconhecido, o Além da sorte...  
Principio de outra vida, que desperta,  
E' o fim, só desta vida, a nossa morte.

Nada se perde pelo espaço á fóra,  
Tudo vai ter ao ponto de partida;  
Esta vida é um crepúsculo de aurora...  
E é a morte o principio de outra vida.



## XIX

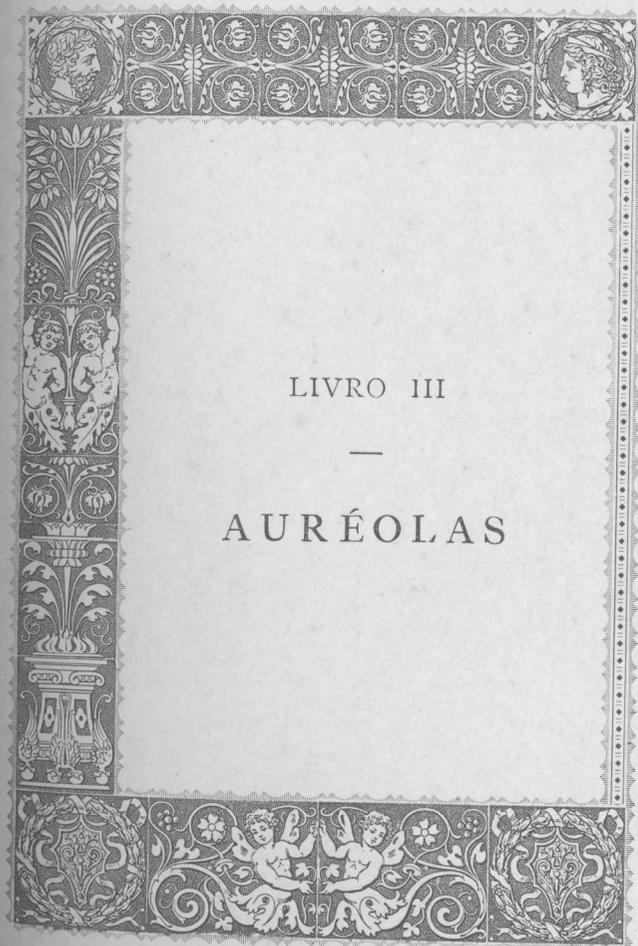
Quem a morte encontrou no lar da vida,  
Deve a vida encontrar no lar da morte.

(LAURINDO REBELLO).

O transformismo, ultrapassando a cova,  
Liberta os sêres da feral jazida:  
Começa a ter uma existencia nova  
Quem a morte encontrou no lar da vida.

O homem, peregrino extenuado  
Que dormiu das paixões ao vento forte,  
Ao despertar dum somno tão pesado  
Deve a vida encontrar no lar da morte.





LIVRO III

—

AURÉOLAS

Ao Marechal

Dr. J. H. de Medeiros Mallet

---

*Admiração, Estima e Reconhecimento*



I

*DOIS DE DESEMBRO*

(Anniversario natalicio de D. Pedro II)

Si a fortuna um diadema em teu berço ha lançado,  
Desse dom casual não me attrai o esplendor ;  
Tens mais alto diadema, eterno, conquistado:  
Quem mede em Ti o Sabio, esquece o Imperador.

( VISCONDE DE CASTILHO — *A D. Pedro II* ).

**E**NTREMENTES minh'alma, alegre neste dia,  
Envia um hymno a DEUS,  
Meu estro se alevanta  
E canta os annos Teus.

Bemdito sejas Tu, que além de forte e augusto,  
 És justo e meigo e bom;  
 E assim Vais triunphante,  
 Perante os outros Reis, do Throno ao Pantheon.

Fizeste do Teu Throno asylo aos opprimidos,  
 Vencidos pela dor;  
 Por isso diz o afflicto:  
 «; Bemdito Imperador!»

Em vão tentas passar de leve na penumbra...  
 Deslumbra muito mais  
 O Teu olhar modesto  
 Que o resto do esplendor das púrpuras reais.

Bemdito sejas Tu, que além de forte e augusto,  
 És justo, e meigo e bom;  
 ; E assim Vais radiante,  
 Ovante — ao Pantheon!

; Rei Sabio! ; Rei Poeta! ; E além de Sabio e Poeta,  
 Athleta da razão!  
 Quanto mais nos exaltas,  
 Mais altas vão também Tuas azas na amplidão.

Entrementes minh'alma, alegre neste dia,  
 Envia um hymno a DEUS,  
 Meu estro se alevanta  
 E canta os annos Teus.





II

*LIBELLO A FRANÇA*

( Em nome da raça latina, durante a prisão do capitão Dreyfus )

¡ Cannibaes !

( ZOLA — aos francezes )

COM esse ardor com que te amei outr'ora  
Hoje te odeio, ¡ antro de cannibaes !  
Da viridante terra Transalpina,  
¿ Qué resta ?... ¡ em saturnaes de MESSALINA  
Impotentes jograes !...

¡O' França!; E' morta a Gallia valorosa  
 Que vencia os Romanos e Allemães?!  
 Aguia, subias, ¡topetando os astros!  
 Verme, te escondes, a lamber, de rastros,  
 O vômito dos cães...

A vaidosa inconstancia de teus filhos  
 Reflete-se nas tuas tradições:  
 Galgas dum salto os pincaros da gloria  
 ¡E nos annaes de tua propria historia  
 Escarras abjecções!

Depois de erguida pela mão de CLOVIS,  
 Passaste altiva ao braço de SÃO LUIS;  
 Aureolava-te o brilho das Cruzadas;  
 ¡Tres raças de cabeças coroadas  
 Erguiam-te a cerviz!

Fundaste e reuniste os parlamentos;  
 Déste aos povos exemplos e lições;

Mas de Albion os tredos soberanos  
 Começaram a *Guerra dos Cem Annos*,  
 Unidos aos Bretões.

Vencida em Poitiers, cobraste alento,  
 Infiltrada de olympico valor;  
 E para eternisar tanta coragem  
 Surge a DONZELLA D'ORLEANS, — ¡a imagem  
 Do Archanjo Vingador!

Foi assim que te amei, valente e bella,  
 Beijando RICHELIEU, — esse Titão  
 Que a cinzas reduziu o Feudalismo,  
 Lançando a Casa d'Austria num abysmo,  
 Domando-lhe a ambição.

Quando, mais tarde, a gloriosa Espanha  
 Penetra em teus dominios de ultra-mar,  
 Deixando-te arrastar a correnteza,  
 Cais numa funda e mísera tristeza...  
 Como algas ao luar.

¿Onde os antigos Marechaes de França,  
Os heróes de Marengo e de Austerlitz?!  
— Foram-se, as legiões de BONAPARTE...  
¿E as Aguias do seu rútilo estandarte  
Fugiram de Paris!

O audaz militarismo, que em Setenta  
Te arrastou á derrota de Sedan,  
Na agonia dum século se alevanta:  
E o seu cynismo é tal, a infamia é tanta  
¿Que a propria lei transforma em barregã!...

Tribunaes, transformados em casernas,  
São succursaes apenas dos quartéis...  
¿E os punhaes, escondidos nas espadas,  
Com o sangue das victimas sagradas  
Salpicam os fardões dos coroneis!

¿Em nome do Direito e da Justiça,  
Proclamo-te a nação dos cannibaeis!

O teu proprio passado, ante o presente,  
Diz bem alto — que um povo delinquente  
Vale menos que um bando de chacaes.

NAPOLEÃO — o Grande, ¿ sobre os hombros  
Susteve um mundo, cheio de trophéus!  
Salteador de thronos, para o povo,  
Injectou-te nas veias sangue novo,  
¿E erguido aos Alpes, provocava os céus!

Do alto das Pyrámides do Egypto  
Debruçaram-se os séculos para o ver...  
¿E elle, no seu corcel, que estremecia  
Ao peso das victorias, — proseguia,  
A lutar e a vencer!...

No tópo da columna de Vendome,  
Imperturbavel, rigido, de pé,  
Nessa immobilidade das estátuas,  
¿Assiste ao desfilar das turbas fátuas  
Que um Mercier arrasta a algum *café*...

E tu, diante do bronze — refundido  
 No molde em que se fundem os canhões,  
 Sorrindo, entre as *cocottes* mais *coquetes*,  
 Vendes as Cruzes da Legião...; e mettes  
 No Panamá as garras dos falcões!...

E para coroar tão tristes feitos  
 Saem os cléricaes dos seus covis:  
 —; Em vez das labaredas de Sodoma,  
 Reacendem-se as lâmpadas de Roma  
 Nas ruas de Paris!...



## III

## EL-REY NIÑO

(Na coroação de D. Alfonso XIII)

Fui admirador de Teu Pai; respeito as grandes  
 virtudes de Tua Mãe; amo a Espanha; desejo do  
 íntimo d'alma que tenhas um longo e feliz reinado.

M. T.

A corôa real dos Soberanos  
 De Aragão e Castella,  
 Arde como uma estrella  
 No céu azul dos teus primeiros annos.

Inda te embalam juvenis arcanos  
 A alma pura e singela;  
 Fulgura em Ti mais bella  
 A corôa real dos soberanos.

O Sceptro poderoso  
 Dos SANCHOS, de FELIPE e CARLOS V,  
 Foi nas mãos de Teu Pai bastão glorioso.

Um reinado de Amor e Paz presinto:  
 ; Não transformes em gladio temeroso  
 O Sceptro poderoso!



## IV

## ODE À BAHIA

( A RUY BARBOSA )

O H! peregrina terra de Moema,  
 « Onde gemeu Paraguassú de amores »,  
 ; Porque, em rede de pennas, entre flores,  
 Não veio aqui Lindoya se embalar?  
 « Assustada amantíssima Lindoya »  
 De tão funesta, immerecida sorte »  
 « Tanto era bella no seu rosto a morte »  
 ; Que até na morte parecia amar!

Ave, que vòta e canta, e volta ao ninho,  
 Das estrellas ao vivo alampadario,  
 Tu dormes, como a hostia no sacrario,  
 Num somno solto de bemdicta paz.  
 A teus pés um gigante — o São Francisco  
 Attento vela pelos teus destinos;  
 E as florestas entoam-te os seus hymnos,  
 Fogo santo do céu ante as Vestaes.

Pantheon de estadistas e poetas;  
 Theatro illuminado de bravuras,  
 Onde contemplo as épicas figuras  
 Dos inclytos heróes de Pirajá;  
 Onde julgo estar vendo os veteranos  
 Que a alma nacional enchem de orgulho,  
 Os gloriosos leões de Dois de Julho,  
 Este dia — que os séculos vencerá.

Quando passo, alta noite, pensativo,  
 Diante dos teus conventos seculares,  
 — ¡ Legiões de Fantasmas singulares,  
 Se alevantam, crescendo, aos olhos meus !

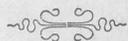
Vejo JUNQUEIRA FREIRE, a sos, no claustro...  
 JOANNA ANGÉLICA, fria, dura, morta,  
 ¡ Guardando sempre a legendaria porta  
 Do inviolavel templo do seu DEUS !..

Si no Campo dos Mártires medito,  
 Então, diante de mim soberbo assoma  
 O vulto varonil do Padre ROMA,  
 Aureolado de rútilos clarões :  
 De braço erguido para o céu, sacode  
 A corda vil, que arranca do pescoço...  
 Emquanto aos pés desse immortal colosso  
 Se curvam com respeito as gerações.

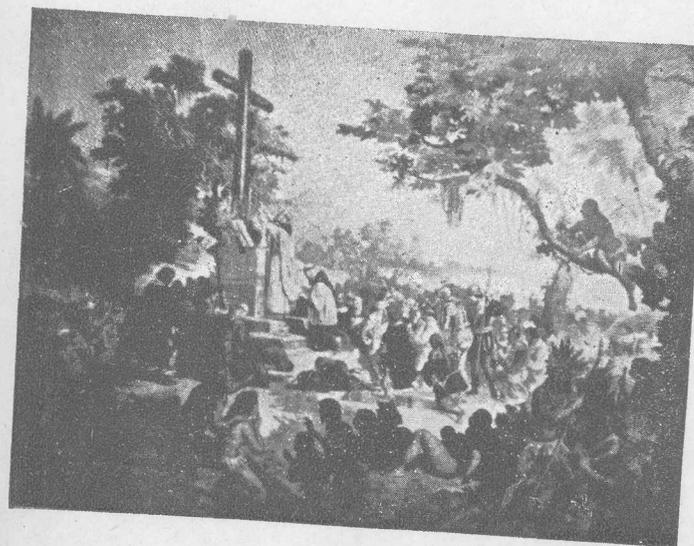
Amo-te muito, hospitaleira plaga ;  
 Amo-te quasi como á propria terra  
 Onde nasci, — onde nasceu a guerra  
 Que um nobre filho teu foi concluir...  
 — Triste guerra civil, onde escorria  
 O sangue dos irmãos no lar pampeano,  
 Emquanto Satanaz cantava, ufano,  
 ¡ Na embriaguez de tanto sangue, a rir !

Amo-te muito. Nova Mãe dos Gracchos,  
 Mandaste ao Paraguay a infantaria  
 Que acompanhou de perto a cavallaria  
 Do velho OSORIO— que tambem te amou ;  
 Elle disse-me, um dia, que aos Bahianos,  
 Si confiava o destino das batalhas,  
 ! Depois de ouvir rugidos de metralhas,  
 Os hymnos triumphaes sempre escutou !..

Patria de CASTRO ALVES, minha Musa  
 Compartilha das tuas alegrias,  
 Prophetisando-te os mais bellos dias  
 Na estrada do porvir que se abre em flor :  
 ; Salve, formosa Tabarôa altiva !  
 Irmã de gloria, mãe da liberdade,  
 ; Que tens nos fastos da moderna idade  
 Lampejos de astro e azas de condor !



## CAMPO SANTO



Das estrellas ao vivo alampadario  
 Tu dormes, como a hostia no sacrario,  
 Num somno solto de bemdita paz.

(*Campo Santo* — pág. 246).



V

*A PINHEIRO MACHADO*

I

DEPOIS DUM BANQUETE.

Quando o general PINHEIRO MACHADO foi eleito vice-presidente do Senado da União, os seus co-religionarios lho offereceram um banquete, e o orador official comparou-o a Cronwel, Danton e Machiavel.

QUEM sabe ver, com vistas previdentes,  
CRONWEL, DANTON e MACHIAVEL, um dia  
Synthesisados no teu vulto via...  
Prevendo os feitos teus, em ti patentes.

Eu, tão longe não vou; como os videntes  
 Nada antevejo; e nem da prophécia  
 Misturo o fogo á chamma da poesia  
 Que inflamma os versos meus, sempre prudentes.

Applaudo os que te acclamam delirantes,  
 Pois sei quanto os heróes são fascinantes,  
 Mas sei tambem como o delírio é ingrato...

Vendo-te, tal qual és, já vejo tanto,  
 Que vejo em ti, sem o menor espanto,  
 ACHILLES disfarçado em CINCINNATO.

## II

## NO DIA DE SEUS ANNOS

Recebe este voto, amigo,  
 Que eu, fiel ao uso antigo,  
 Quiz trazer-te neste dia:  
 São rudes versos singelos,  
 Qualquer os fará mais bellos,  
 Ninguém tão d'alma os faria.

(V. DE ALM. GARRETT)

**G**ALGASTE ousado os pontos culminantes,  
 Onde a calúnia vil o dente aferra...  
 ¡O' Cid Campeador da minha terra!  
 Lembras os vultos de épocas distantes.

Hontem, entre os gaúchos arrogantes,  
 Quando rinchava o teu corcel de guerra,  
 A Fama, que os heróes no seio encerra,  
 Te seguia nas marchas triumphantes.

Hoje, dos Pais da Patria no Cenáculo,  
 És severo Mentor, prudente Oráculo,  
 Sereno e calmo em face dos perigos.

Confia em ti, nest'hora, um povo inteiro ;  
Não cabem no teu lar tantos amigos...  
! Que seja um só, ao menos, verdadeiro!



## VI

*O INCOMPARAVEL*

(No assassinato do Marechal Carlos Machado Bittencourt)

**F**oi numa praça d'armas. Somnolentos  
Jaziam os canhões enfileirados,  
Como grandes leões, mudos, cançados  
De rugir alto — em tempos de pavor ;  
E por entre pyrâmides de balas  
Scintillavam ao sol as baionetas,  
Ao clangor das metálicas trombetas  
E ao rufo retumbante do tambor.

Foi numa praça d'armas. Sobranceiro,  
 Imperturbavel, calmo, descuidado,  
 Assoma o Chefe da Nação, cercado  
 De aclamações da bocca popular...  
 O Ministro da Guerra, heroico e nobre,  
 Vai a seu lado, attento e vigilante,  
 Tendo no peito um coração gigante,  
 Tendo um reflexo d'alma em seu olhar.

Nisso... dentre as fileiras estendidas  
 Salta um feroz e tétrico malvado,  
 ; Que arroja ao lodo a farda do soldado,  
 Transformando seu sabre num punhal!...  
 Tenta assaltar o venerando vulto  
 Do zelador da Lei e do Direito:  
 E encontra aberto o generoso peito  
 Do nosso incomparavel Marechal.

Incomparavel, sim; que não se encontra  
 Na historia antiga ou na moderna historia,  
 Quem, numa auréola de tão viva gloria,  
 Tenha quebrado a pedra tumular:

Elle surgiu da morte — redivivo,  
 Numa attitude de Titão lendario,  
 Ostentando se firme e solitario  
 Como um rochedo na amplidão do mar.

No cumprimento do dever, é nobre  
 Jogar a vida em lances de heroismo;  
 Altas lições de impávido civismo  
 Dão os heróes de todas as nações;  
 Mas morrer na defeza de um amigo,  
 Quando esse amigo symbolisa um povo,  
 Eis um exemplo singular e novo,  
 ; Eis a maior de todas as lições!





## VII

### ARTHUR DE OLIVEIRA

Poeta rio-grandense, que morreu com 33 annos

—O proprio THEÓPHILO GAUTIER, com a sua prodigiosa e exactissima técnica universal, não lograria imprimir no forte e polido mármore de seu estylo largo e impecavel, uma idéa fiel d'*Elle*...

Elle congela e petrifica os *ohs!* e os *ahs!* da nossa admiração... Desvaira, suffoca, embriaga, convulsiona, subjuga e prende-nos ás brônzcas cadeias de seus ferozes e estupendos enthusiasmos.

(ARTHUR DE OLIVEIRA)

## I

CONHECI-O de perto, conheci-o

O necessario para amal-o; e amei-o

Na insensatez do seu viver sombrio...

## II

Era, á primeira vista, rude e feio;  
 Ah! mas transfigurava-se, falando...  
 ; Tinha leões na mente, águias no seio!

## III

Parece-me que estou inda escutando  
 O timbre dessa voz, — ora suave  
 Como um pássaro, ao longe, gorgעיando,

## IV

Ora rispido e áspero, qual trave  
 Onde entra o prego, a golpes de martelo,  
 Ou ferrolho, que range, quando a chave

## V

Volteia, tilintando — elo por elo —  
 Os grilhões da corrente que resvala  
 Nas lages da prisão d'algum castello...

## VI

Havia um não sei quê naquella fala,  
 Que fazia lembrar trovões, que estouram,  
 Quando a chuva, no asfalto, salta, estala...

## VII

Na idade em que as paixões as crenças douram,  
 As dúvidas vieram... ; e roubaram  
 As crenças d'Elle, e Elle... e la se foram!...

## VIII

; Que estupendos assombros estouraram!  
 ; Que loucuras divinas e secretas  
 Como andorinhas leves — emigraram!...

## IX

Elle tinha os mil nadas dos poetas,  
 A ingenuidade e o riso das crianças,  
 A febre e a presciencia dos prophetas.

## X

Pobre de almejos, rico de lembranças,  
Ai! —; vivia morrendo de saudades,  
Quando os mais todos vivem de esperanças!

## XI

Sentia umas profundas anciedades,  
Uns tédios ideaes... umas subtlis  
Indolencias de freiras entre grades...

## XII

¡Que ironia!... — passava por feliz:  
¡Quando está por nascer inda o primeiro,  
Depois que morra o último infeliz!...

## XIII

Passou sempre sombrio e forasteiro  
Por entre a multidão, que o estranhava,  
Mas que nem Elle viu, de tão ligeiro

## XIV

E tão preocupado que passava,  
A ver de mais aquillo que não via,  
Sem que chegasse a ver o que enchergava.

## XV

Um dia .. (não esqueço aquelle dia )  
Perguntei-lhe: «¿Onde moras?» ¿Que se espera,  
A não ser o cartão de cortezia?

## XVI

¿A indicação pedida? ¡Qual! chimera...  
Disse, soprando a frauta da tolice:  
« Moro no bairro em flor da primavera,

## XVII

« Número tres de Abril»; e, como eu risse,  
Accrescentou: « *chalet* de violetas »...  
E mais diria se inda eu mais ouvisse.

## XVIII

Estava então alegre: as borboletas  
Sobre uma flor já murcha muitas vezes  
Vôam, pousam, revôam, indiscretas...

## XIX

Assim também nos mais varridos mezes  
Dum prolongado inverno, o sol brilhante  
Corta a vaporação de ceus inglezes...

## XX

Num dia de verão, vi-o, offegante,  
Suando, esbaforido, na carreira,  
Com uns gestos de athleta agonisante;

## XXI

— ¿Onde vais?—perguntei-lhe;— A soalheira  
Provoca-me », Elle disse: « ¡vou vingar-mel  
Vou perder-me... na curva da banheira ».

## XXII

E a marche-marche, assim como um *gendarme*,  
Passou, batendo os saltos na calçada,  
Qual desertor mettido num alarme.

## XXIII

Encontrou logo adiante um camarada,  
E disse-lhe, a fugir: « ¡Vai-te! eu prosigo...  
Bem sei que estou cheirando á carne assada »...

## XXIV

... Era sereno e calmo no perigo;  
Nervoso e assustado, quando via  
Uma criança ao collo dum amigo.

## XXV

Quando muitos choravam, Elle ria...  
Ah! mas aquelle riso era pungente,  
¡Pois era sempre assim que Elle soffria!...

## XXVI

Disse-me um dia: — « Eu sou tão indigente  
Que nem lágrimas tenho »...E no entretanto  
Quantas rolam no mundo inutilmente!...

## XXVII

¡ Misero!...¡ Nem o bálsamo do pranto  
Suavisava as íntimas feridas  
Daquelle coração, que sangrou tanto!...

## XXVIII

Nas renitentes horas consumidas  
Em soffrer, por saber que alguém soffria,  
Elle apertava as pálpebras doridas,

## XXIX

Arrancava os cabellos, ria... ria...  
( Mas de um modo que até lembrar não quero )  
¡Numa explosão de trágica ironia!...

## XXX

Era outras vezes bom, meigo, sincero;  
Cheio de mansidão e de ternura,  
Como o trémulo avô, grave e severo,

## XXXI

Quando beija, curvado, a face pura  
Do netinho gentil, que a loira fronte  
Roça nas barbas de macia alvura.

## XXXII

Como na superficie duma fonte  
Se reflectem, tremendo, as vivas cores  
Do iris que irradia no horisonte,

## XXXIII

Assim nelle tambem todas as dores  
E todas as paixões reverberavam,  
Tendo um éco de todos os rumores.

## XXXIV

Mil excentricidades agitavam  
O seu perfil estranho, de selvagem,  
Que os impetos do genio assoberbavam.

## XXXV

Quando estive na Europa, de passagem,  
Um pintor dos mais célebres lembrou-se  
De caricatural-o, — uma homenagem

## XXXVI

Que a bem poucos prestara ; ; Elle indignou-se!  
— « ; Pelintra ! ousar prostituir-me a cara ! » —  
Não sei si houve duelo ; mas, falou-se... \*

\* Estando ARTHUR DE OLIVEIRA num café de Paris, em companhia de THÉOPHILO GAUTIER e GUSTAVO DORÉ, este célebre artista começou a fazer-lhe a caricatura no mármore da mesa... Arthur levantou-se, indignado, provocando-o, com escândalo. — Observa, disse-lhe DORÉ, que eu ainda não caricaturei um homem que não fosse um immortal. — ARTHUR replicou-lhe: — ; Nem por isso a caricatura deixa de ser a prostituição da cara ! — Outra excentricidade : só resta delle uma photographia, tirada em Porto Alegre, quando tinha 18 annos, e que possuo. Nunca mais deixou tirar o seu retrato.

## XXXVII

¡ Pobre ARTHUR DE OLIVEIRA !... Não raptara  
A Estrella d'Alva... sim, nunca dum trago  
Sorvera um Oceano... ou empalmara

## XXXVIII

O Pão d'Assucar... ; Discolos ! ; que estrago  
Causou ao povo, ao clero, á fidalguia,  
Aquelle pobre millionario vago?...

## XXXIX

Amava os vegetaes ; e si sentia  
O cheiro dos hoteis e restaurantes,  
« ; Famulentos tupys ! » Elle dizia :

## XL

« ; Comem, os animaes, seus semelhantes ! »  
E nem por uma hypóthese as donzellas  
Podiam ver um *beef*... ; Pois os DANTES

## XLI

Transformam as BEATRIZES em estrelas,  
Sabendo que ellas comem gallináceos?  
E queixem-se depois de erysipelas...

## XLII

Elle ás vezes julgava-se em palácios  
Adornados de púrpuras custosas,  
Como um MECENAS escutando HORÁCIOS...

## XLIII

¡Criaturas carnívoras, gulosas!...  
E mastigaes as pombas e os cordeiros...  
¡E digeris as vacas silenciosas!...

## XLIV

Depois que a dura enchada dos coveiros  
Encher de terra as bocas, que hoje em dia,  
Encheis de *autos de fé* dos cosinheiros...

## XLV

O DEUS, que tudo espreita, tudo espia,  
Quando soar no val de Josaphat  
O clangor, de que fala a prophacia,

## XLVI

Ha de chamar-nos... E eu, ¿a Jehovah  
Que poderei dizer, si Elle disser-me :  
« Pois tu comeste mesmo o *petit-pois*?!

## XLVII

« ¡Bem! mando-te de novo áquelle verme  
Que roeu teus pulmões, como roias  
O peixe, a carne, o vegetal inerme ».

## XLVIII

¡Elle sentia as grandes agonias  
Desse atroz e fatal presentimento  
Que tanto amargurou seus curtos dias!...

## XLIX

Além da febre intensa do talento,  
Veio a febre voraz da enfermidade,  
E a tosse, que augmentava esse tormento.

## L

Cheio de resignada heroicidade,  
Despediu-se de todas as loucuras  
Da sua tempestuosa mocidade.

## LI

Do cigarro as fumaças mais escuras  
Elle via fugir... — e não podia  
Prendel-as, ou seguil-as nas alturas...

## LII

Dos seus vícios fieis se despedia  
Com um olhar tão triste, que mostrava  
Que era o último adeus que lhes dizia!...

## LIII

Quando por fim — sosinho — agonisava  
Num leito de hospital... se retorcendo  
Ja nos braços da Morte, que o gelava...

## LIV

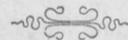
Um cão entrou nesse aposento: e vendo  
O prato com dieta sobre um banco,  
Ao pé do catre, esgueira-se, tremendo...

## LV

Mas Elle, arregalando um olhar branco,  
Olhar que leva o coração comsigo,  
Disse, abraçando o cão, no extremo arranco:

## LVI

« ¡Morro ao menos nos braços dum amigo! »





VIII

*A LORD BYRON*

Modelo meu tu és... Mas oh! tristeza!  
Si te imito nos transes da ventura,  
Não te imito nos dons da natureza.

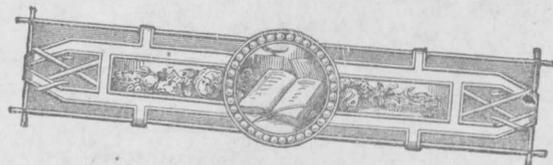
(BOCAGE — *A Camões*)

**P**ORTENTOSO Poeta! Alma ferida  
Pelos mais fundos golpes do destino,  
Foi-te um sonho agitado a curta vida,  
; Genio infernal em cérebro divino!

O meu orgulho diz que é parecida  
 A sorte nossa, ó nobre peregrino ;  
 Também sinto a minh'alma consumida,  
 Também sinto do genio o desatino.

Nafraguei, como tu, na flor dos annos ;  
 Como tu, nos amores mais insanos  
 Procurei esquecer um grande amor!

Somos (disseram) vermes da existencia ;  
 Mas tu tiveste a gloria, na demencia,  
 E eu, na demencia, apenas tenho a dor.



## IX

*AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES*

## I

DIANTE DO CADAVER

Os meus doridos e primeiros prantos  
 Derramados na terra onde nasceste,  
 Transformou-os a Musa nestes cantos.

Mais lágrimas e bênçãos mereceste,  
 Graças ao teu espirito pujante,  
 E ás lições de altruísmo que nos deste.

O teu talento másculo e vibrante  
 Tinha os vivos lampejos das esferas  
 E a rigidez de um límpido diamante.

São raros os que são como tu eras:  
 Foi teu peito—um escrínio de bondades,  
 Teu cérebro—um estojo de chimeras.

Paladino das pátrias liberdades,  
 Em gladio heróico transformaste a penna,  
 Lutando, sem rancores nem vaidades.

A tua frente impávida e serena  
 Era a mais nobre, ao se ostentar na luta,  
 E a mais modesta, ao se afastar da arena.

Agora... que a tristeza nos enluta  
 E a saudade, teimosa te buscando,  
 O éco de tuas vozes inda escuta...

Agora, que as lembranças, como um bando  
 De pássaros que voltam para o ninho,  
 Em torno do teu nome vão pousando...

! Meu amigo! ao deixar-te aqui, sosinho,  
 Na profunda mudez da sepultura,  
 Punge-me dentro d'alma agudo espinho.

Atormenta-me a idéa da amargura  
 Dessas, que amaste mais e mais te amaram,  
 Em cujos corações teu sêr perdura.

Bem sei que os lábios teus lhes ensinaram  
 A sagrada doutrina da Verdade  
 Com que teus pais tua mente illuminaram.

Só do pharol da Crença a claridade  
 Pode guiar as naves fluctuantes  
 Nas trevas da viuvez e da orphandade...

¡Ampare DEUS aos que amparavas dantes!

## II

## UM ANNO DEPOIS

Ha rios fundos, largos, caudalosos,  
Que atravessam paragens solitarias,  
Soberbos, ululantes, impetuosos,  
Salpicando d'escuma as procellarias...

Sobre o seu dorso elástico e vibrante  
Sacodem naus, de rangedores mastros,  
Que se abysmam no pégo... ¡e mais adiante  
Como que tentam topetar os astros!...

E ora se adornam de enfunadas velas  
Desfraldadas aos látegos do vento,  
Ora assopram a trompa das procellas...  
¡Que estrugem na amplidão do firmamento!

Tal o nosso Amazonas: — orgulhoso  
Do seu curso feraz por invias zonas,  
¡E' o espelho do céu!— thálamo undoso  
Do gigante dos Andes...¡O Amazonas!

.....  
Outros rios, porém, férteis deslisam  
De manso, á fresca sombra de arvoredos;  
Onde as aves a sêde suavizam,  
Cançadas de voar sobre os rochedos.

E as suas aguas frias, transparentes,  
Enluaradas num fulgor de aurora,  
Vão fecundando as margens viridentes  
Na pompa tropical da nossa flora.

Aquelles grandes rios impetuosos,  
Numa auréola de estranha magestade,  
Lembram de Augusto os ideaes radiosos,  
Seus impetos em prol da Liberdade.

E as aguas mansas, que do monte agreste  
Descem, na sombra — procurando o mar,  
Lembram seu coração — ave celeste —  
; Que só no ninho é que se ouviu cantar !



## X

*HYMNO DA PAZ*

( Revolução federalista )

**H**ONTEM, lágrimas, lutas, horrores,  
Sobre o Pampa um funéreo *aqui-jaz* ;  
Hoje — risos e palmas e flores,  
A bem dita epopéa da Paz.

Dos Gaúchos a lança guerreira  
 Que lhes caia de prompto das mãos;  
 Não façamos da nossa bandeira  
 A mortalha dos nossos irmãos.

Seja a Paz como um iris luzente  
 Do Cruzeiro do Sul na amplidão;  
 O Progresso que marche na frente  
 E as paixões que se estorçam no chão.

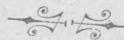
Dos Gaúchos a lança guerreira  
 Que lhes caia de prompto das mãos;  
 Não façamos da nossa bandeira  
 A mortalha dos nossos irmãos.

Mães e filhas, irmãs e consortes,  
 Que viviam na sombra a chorar,  
 Já de novo, nos braços dos fortes,  
 Vão encher de alegrias o lar.

Dos Gaúchos a lança guerreira  
 Que lhes caia de prompto das mãos;  
 Não façamos da nossa bandeira  
 A mortalha dos nossos irmãos.

A Vingança que tombe por terra,  
 Que a Vingança deslustra o Valor;  
 E em lugar de cohortes em guerra,  
 Haja — Ordem, Progresso e Amor.

Dos Gaúchos a lança guerreira  
 Que lhes caia de prompto das mãos;  
 Não façamos da nossa bandeira  
 A mortalha dos nossos irmãos.



HYMNO DA PAZ

por P. Borges.

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef with a key signature of one flat (B-flat) and a common time signature (C). It begins with a series of sixteenth-note runs. The lower staff is in bass clef with the same key signature and time signature, featuring block chords and some eighth-note accompaniment.

The second system continues the piece. The upper staff features more sixteenth-note passages and includes a vocal line labeled 'vôz' with a 'p' dynamic marking. The lower staff continues with block chords and accompaniment.

The third system shows the continuation of the piano accompaniment. The upper staff has a 'p' dynamic marking and features a melodic line with some rests. The lower staff consists of block chords.

The fourth system continues the piano accompaniment. The upper staff has a melodic line with eighth-note patterns. The lower staff consists of block chords.

The fifth system is the final system on the page. The upper staff has a melodic line with eighth-note patterns. The lower staff consists of block chords.

musical score for piano and voice. The score consists of six systems of music. The piano part is written in the left hand, and the voice part is written in the right hand. The score includes dynamic markings such as *cres.*, *f*, and *ff*. The word "côro" is written above the voice line in the second system. The score is in a key signature of one flat and a common time signature.



XI

AO BARÃO DO RIO-BRANCO

MINH' ALMA parecia um templo em ruínas  
Fechado pelas cóleras divinas...

Um templo abandonado, ermo, interdito,  
Por ter sido o theatro de um delicto...

Pernoitava a poeira nos sanctuarios,  
E jaziam no chão os lampadarios.

Não ignoras que ha mártires da sorte  
Que só podem viver depois da morte :

Tenho dentro do peito um cemiterio  
De sonhos, sepultados no mysterio.

Amortalharam-se em tristezas densas  
Todas as minhas illuzões e crenças.

Ao despotismo da Fatalidade,  
Eu já nem tinha fé na humanidade.

Mas tu, suggestionando um povo inteiro,  
Déste tal brilho ao nome brasileiro,

! Que o templo de minh'alma se illumina  
Aos reverberos dessa luz divina !

Chegas, curvado ao peso das victorias,  
Repartindo comnosco as tuas glorias.

E são tão viridentes os teus louros  
Que hão de florir nos séculos vindouros.

És maior que os *Barões Assignalados*  
Na Epopéa do Oceano celebrados.

Tivesse eu tuba sonora, ardente,  
Celebraria o teu valor potente.

Saudei teu Pai, na minha mocidade,  
Symbolizando n'Elle a Liberdade ;

E só por ti meu estro se levanta,  
Num tempo de pavor, que nos espanta...

Digno filho dum Pai, que a Patria adora,  
Espalhas sobre nós clarões de aurora,

Não derramaste sangue, nem metralhas,  
Heróe —; de duas épicas batalhas!

¡ És um BOLÍVAR!; foste além de OSORIO  
Na defeza do nosso territorio!

Armado de sciencia e patriotismo,  
Dêste aos povos lições d'alto civismo.

E ante a ameaça de uma nova guerra...  
¡ Vens te sacrificar por nossa terra!

¡ Sê bem vindo!... Illumina á luz do genio  
Teus pares — no político proscenio.

E abre os braços ao povo, que te adora,  
O mesmo que adorou teu Pai, outr'ora.

Os arcos triumphaes, que hoje te erguemos,  
Ostentam nossos júbilos supremos.

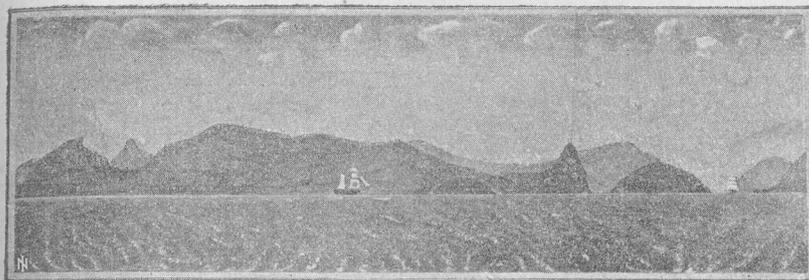
Viver de um povo inteiro na lembrança,  
E' ir além dos sonhos da esperança.

Realisaste a aspiração sagrada,  
Numa esphera de bênçãos constellada.

Vemos em ti o epilogo radioso  
Do paternal poema glorioso;

Bradar já pode a multidão escrava :  
« Que de tal pai tal filho se esperava ».





XII

*A CASACA NEGRA*

(Original manuscrito e inédito de D. José Antonio Calcaño, oferecido á esposa do Ministro do Brasil em Venezuela).

O nardo, a flor mais louçã  
Destas campinas amenas ;  
Os cravos e as açucenas  
Do florido Galipan ,

E por entre estes verdores,  
 Nas margens dos lagos quietos,  
 Flores — que se abrem insectos,  
 Insectos — que se abrem flores...

A estrophe mais scintilante,  
 Cheia de aroma e harmonia,  
 Ante a tua cortezia  
 Não é, Senhora, bastante :

Ostentas-te sobranceira  
 Das Musas por entre o bando,  
 Num Parnaso tranformando  
 A Legação Brasileira.

O fulgor que te illumina  
 Nos olympicos torneios  
 Reflecte o que ardeu nos seios  
 Da deslumbrante CORINNA.

! Que principesca lembrança :  
 — Mover poética justa  
 Sob esta bandeira augusta  
 De Dom PEDRO DE BRAGANÇA!

Elle, a sciencia ; Elle, a bondade,  
 Dos seus poetas MECENAS :  
 ! Que fez do Brasil a Athenas  
 Da Luz e da Liberdade !

O Principe justiceiro,  
 Gloria duma estirpe antiga,  
 Que se mostra, sem que o diga,  
 Antes de Rei, Cavalleiro.

Que ao imperial brazão  
 Deu das virtudes o brilho ;  
 Que fez do vassallo — um filho,  
 E do escravo — um cidadão ;

O que passa pela gente  
Sem púrpura...; e só se esmera  
Em presidir, porque impera,  
; Imperador Presidente !...

; Feliz Nação ! tal ventura  
Jamais desconheça, ingrata,  
Para que assim não se abata  
Sob as cóleras da Altura...

O Céu não tem perdoado  
Ingratos povos : ; e a Historia  
Não tece o laurel de gloria  
Aos que o não têm conquistado !

No seu febril desaforo  
Os povos tremem ao brilho  
Da espada de algum caudilho...  
; Do punhal dum demagogo !

Ser o pai dum povo...; oh gloria !  
Eu, desse homem sem exemplo,  
Conservo — como num templo —  
O vulto em minha memoria.

Lembra-me a primeira vez  
Em que o vi, foi em *Green Parck* :  
— *There is the Brazilian Monarch* —  
Disse-me um amigo inglez.

Nem um fardão se destaca...  
Mas... ; onde a insignia imperial ?  
Olho em redor... — ; qual é ? ; qual ?  
— Esse de negra casaca...

E apontou-me o Soberano,  
Só, já velho, porém forte ;  
De talhe esbelto : o seu porte  
Lembra um patricio romano.

Julgo estar vendo DOM PEDRO:  
 ; Que magestosas maneiras!  
 Parece as nossas palmeiras,  
 Parece o vetusto cedro.

Passa pela turba rude  
 Sem dar de si leve indicio:  
 Qual passa por entre o vicio,  
 Desconhecida, a virtude.

O grave rosto lhe alegre  
 Expressão modesta e franca:  
 Fluctua-lhe a barba branca  
 Por sobre a casaca negra...

E vai, num scismar profundo,  
 Sympático, altivo e serio,  
 Quem rege tão vasto Imperio:  
 ; Árbitro de meio mundo!...

; Onde estão as régias festas?  
 ; Onde os arcos triumphaes?  
 ; Oh! pois ás testas reaes  
 Não se curvam reaes testas?

; Já não ha nas côrtes pompa?  
 ; Sua patria não é notoria?  
 ; Quebraria a penna a Historia?  
 ; Quebraria a Fama a trompa?

E acclamam...; oh ignominia!  
 Nos alcáçares da inercia,  
 ; Ora um sátrapa da Persia,  
 Ora um bárbaro da Abyssinia!

DOM PEDRO na Liberdade  
 Vê mais alto o seu prestígio:  
 Na monarchia — um vestígio  
 Dos fulgores de outra idade;

Seus exemplos — são lições;  
 Seu governo — é magisterio;  
 E o seu poder, vasto imperio,  
 Firma-o sobre os corações.

Entre os Reis ; qual vale mais?  
 ; Qual é delles o triumphante:  
 DOM PEDRO, a olhar para diante,  
 Ou os outros, a olhar para trás?

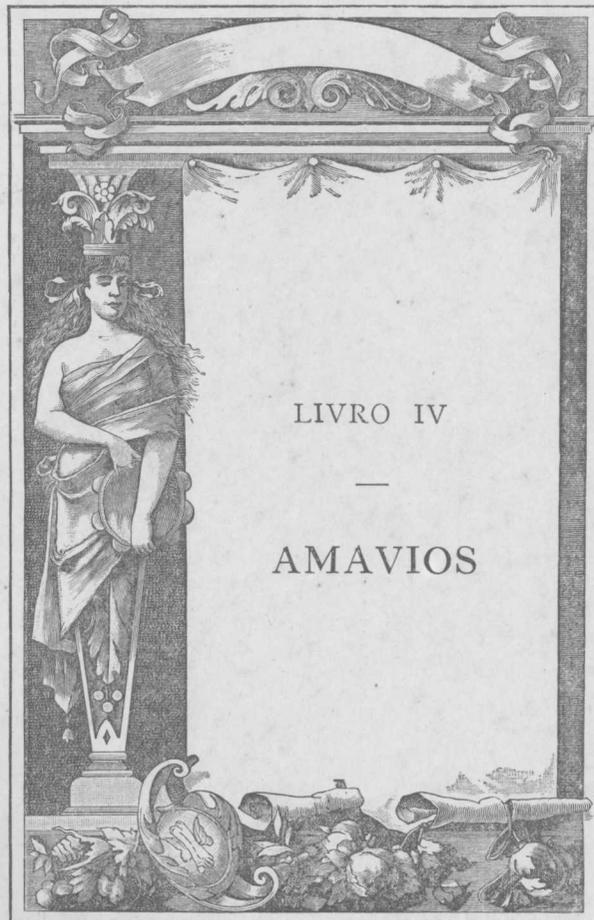
; Qual o que aos povos reintegra  
 Os fóros que lhes assentam:  
 Os que ouro e púrpura ostentam,  
 Ou o da casaca negra?

\* \* \*

Disse um pensador profundo  
 (Já NAPOLEÃO sepultado)  
 Que o seu fardão, agitado,  
 Chamaria á guerra o mundo...

A guerra, o abysmo da dor,  
 Onde o mal só se destaca:  
 — ; Pois de DOM PEDRO a casaca  
 Proclama a Paz e o Amor!





LIVRO IV

—

AMAVIOS

*Ao meu amigo*

F. J. Béthencourt da Silva

Fundador do Lyceu de Artes e Officios

Me suelo preguntar, de dudas lleno :  
— ¿ Son mejores los buenos, ó los justos ?  
Y la elección va en gustos ;  
Yo doy todos los justos por un bueno.

( CAMPOAMOR — *Humoradas* )



I

*NECRÓPOLO DE INSECTOS*

Versos escriptos nas últimas páginas do herbario artificial da Joven Viuva dum velho Naturalista, que foi enterrado de botas no sertão de Vera Cruz.

I

I REMOS juntos a um cemiterio  
Sem fogos-fátuos nem presbyterio.

## II

Não tenhas medo, que iremos juntos,  
E o cemiterio não tem defuntos.

—« Não tem defuntos... e é cemiterio? »—  
—« E', sim, Senhora, que eu falo serio.

Nada de lousas, nada de cruzes,  
Branças caveiras, funéreas luzes,

Negros cyprestes, tristes letreiros,  
Corujas, mochos, sinos, coveiros...

Os que ali dormem, num somno brando  
Sentem delicias, talvez sonhando.

Sem epitáphios e sem capellas,  
Dispensam resas, prantos e velas.

... Estamos perto do cemiterio  
Sem fogos-fátuos nem presbyterio.

## III

Os jardineiros ( sêres abjectos )  
Cuidam das plantas — matando insectos.

Agitam fachos devoradores,  
Dando um exemplo sinistro ás flores.

Por isso, existem lindas mulheres  
Que são terriveis nesses misteres.

Como *hay hogueras en sus miradas,*  
Inflammam almas enamoradas.

E sobre a espadua soltando a coma,  
Suplantam NERO queimando Roma :

;Mais implacáveis do que os soldados  
Ante os *Jaguços* carbonizados !...

... Estamos dentro do cemiterio  
Sem fogos-fátuos nem presbyterio.

## IV

Num chão de areia, cinzas e urtigas,  
Jazem bezouros, entre formigas ;

Moscas doiradas, azues, vermelhas,  
Bichos da seda (*bombix*), abelhas ;

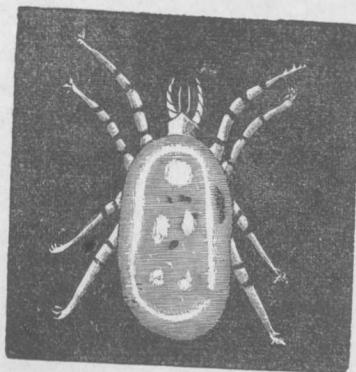
Os lepidópteros, astros diurnos,  
Classificados entre os nocturnos ;

Aranhas, grandes e cabelludas,  
Com oito olhos, garras agudas,

Que têm nas tétas, vasos e veias,  
Os longos fios das leves teias ;

E borboletas, de várias cores,  
Sobre mortalhas de seccas flores.

Tudo repousa no cemiterio  
Sem fogos-fátuos nem presbyterio.



## V

Ja um insecto salvou da morte,  
Um Sabio, preso dentro dum forte. \*

As borboletas negras e escuras  
São mensageiras de desventuras.

As que são brancas, no pó das azas  
Espalham risos dentro das casas.

Mas esses corpos não apodrecem ;  
Na propria morte vivos parecem.

\* LATREILLE, sentenciado á morte pelo Tribunal revolucionario de França, viu um dia um insecto na sua prisão. O illustre naturalista, esquecido por instantes da propria desgraça, começa a analysar o insecto e envia-o, por intermedio do médico da prisão ao seu collega BORY DE SAINT-VICENT, pois o insecto era de uma especie ainda não classificada.

Este notavel cientista, profundamente commovido começa a trabalhar activamente para libertar o seu collega da morte a que estava condemnado, conseguindo-lhe uma semana depois a liberdade.

O insecto libertador pertencia ao género *Necrobia*, que vive nos cadáveres, e quer dizer *vila e morte*. A sciencia, reconhecida, chama hoje este insecto *Necrobia ruficollis, Latreille salus*.

São como os astros incorruptíveis  
E o perispirito dos intangíveis.

São como as almas, gloria da sorte,  
Mortas na vida...; vivas na morte!

...Mas não saíamos do cemiterio  
Sem fogos-fátuos nem presbyterio.

## VI

Aquellas fibras tambem vibraram ;  
Quando em volupia se electrizaram...

O mesmo sopro de amor, fecundo,  
Que os fez, dum beijo, surgir no mundo,

Inda os anima na sepultura ;  
Por dias claros, ou noite escura.

Como gozamos — elles gozaram ;  
Foram amados...;e até voaram !

Arderam nelles fortes desejos,  
;Nessas antenas cantaram beijos !

E dos attritos que provocaram,  
Gozando, a especie perpetuaram.

...Não ha tristeza num cemiterio,  
Sem fogos-fátuos nem presbyterio.

## VII

Vivos ou mortos, no mesmo abysmo,  
As leis respeitam do transformismo.

Para as formigas laboriosas  
A Natureza creou as rosas ;

Não para as jarras de porcelana,  
Nem os decotes duma sultana.

Esses bezouros e as borboletas,  
Ao sol iriados, entre violetas,

Eram poetas...;uns vagalumes,  
Que doiram trevas, entre perfumes !

Elles viviam nessa ignorancia  
Dos sêres todos que estão na infancia.

...E agora dormem num cemiterio  
Sem fogos fátuos nem presbyterio.

## VIII

Ali repousam — paralisados —  
Azas inertes, olhos vidrados.

Mas ainda ostentam as mesma cores  
 Dos bellos tempos dos seus amores.

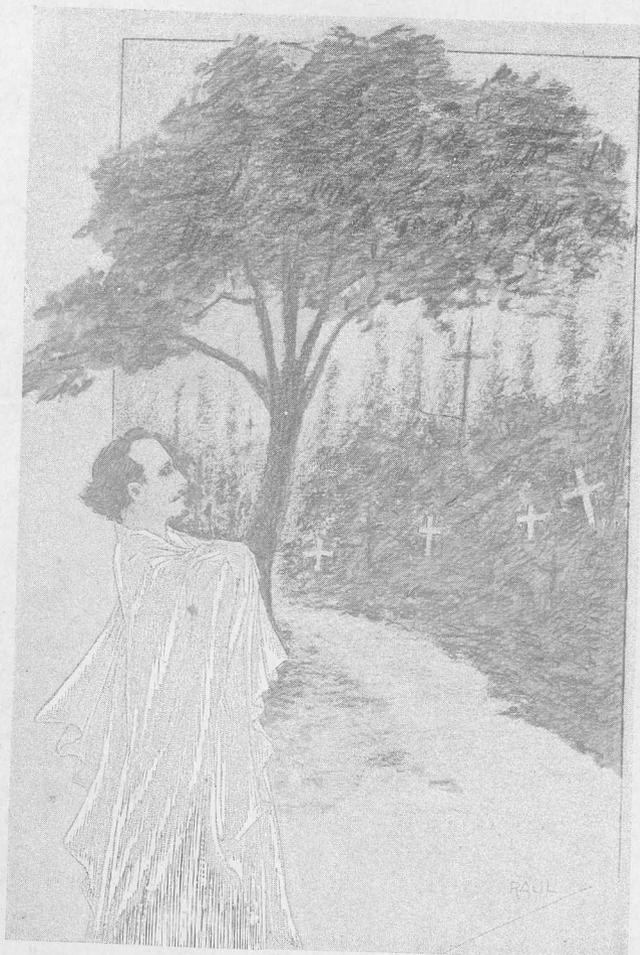
Lembram amantes, neste repouso,  
 Que adormecessem depois do goso...

São mais felizes que os varões justos,  
 ¡Sobresalteados sempre de sustos!

São mais heroicos do que os guerreiros,  
 ¡Com seus remorsos de carniceiros!

Não duvidaram... como os poetas,  
 As mãis, os sabios... mesmo os prophetas!

Dúvida: — ¡o verme do cemiterio  
 Com fogos-fátuos, com presbyterio!



¡ Que differença do cemiterio  
 Sem fogos fátuos nem presbyterio !

## IX

Alguns instantes depois da morte  
Começa o tredo combate forte.

Antes do morto ser dado á terra  
Ja no seu ventre começa a guerra...

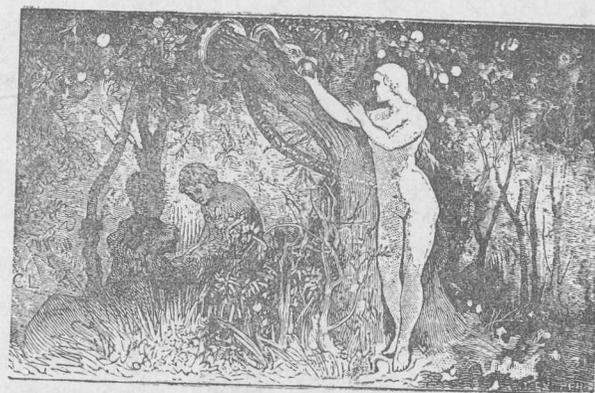
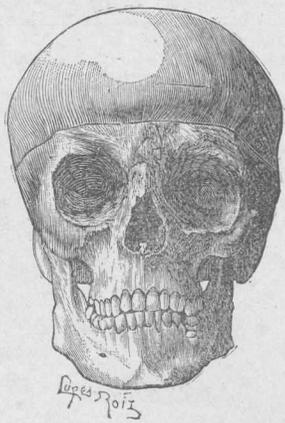
Fome de vermes — insaciaveis;  
Cheiro de gazes insupportaveis...

Seios (que nunca roçaram beijos)  
Que mal sentiram vagos desejos,

Seios de virgem, casta açucena,  
Inchados, sujos pela gangrena,

Crescem, quaes peitos de meretrizes,  
Moles, chupados pelas raizes...

...!Que diferença — do cemiterio  
Sem fogos-fátuos, nem presbyterio!



## II

## RIMAS

## I

Não olhes, que elles espreitam  
Si nos olhamos;  
¡E ai de nós dois, si suspeitam  
Que nos amamos!

Emquanto nos espreitarem,  
 Dissimulemos;  
 E quando não nos olharem...  
 Nos olharemos.

## II

Um castello nós todos construimos  
 Que encerra tudo quanto desejamos:  
 Mas, quando vamos lá, cedo saímos,  
 Ou muito tarde entramos.

## III

Amigos...tive muitos, quando próspera  
 Sorria para mim a mocidade;  
 Hoje, enfermo, os não vejo. E' que as alcyones  
 Fogem da tempestade.

## IV

Si os passos dados outr'ora  
 Pudesse eu de novo dar,

Ah! bem poucos, bem poucos agora  
 Eu daria no mesmo logar.

## V

Si soubessem os maus que é ideal  
 O bem, que a gente sente em fazer bem,  
 Não havia no mundo mais ninguém .  
 Que, mesmo sendo mau, fizesse o mal.





III

*A ALMA E A PEDRA*

---

TODA a Sciencia do Occultismo,  
A' luz das causas primordiaes,  
Repousa, neste profundo abysmo,  
Em tres principios fundamentaes.

E' a chave d'ouro desse mysterio  
 Que as portas abre da Evolução:  
 Colloca o berço no cemiterio...  
 E empresta á inercia maior acção.

Da mesma fórma por que em materia  
 Se torna a essencia do *Parabrahm*,  
 O sér sensível, na plaga ethérea  
 Passa da noite para a manhã.

Nós somos fios de astral novello,  
 Obedecemos a eternas leis;  
 Pode uma simples pedra de gelo  
 Servir de exemplo, como vereis:

O gelo, em alta temperatura,  
 Vemos em agua se converter;  
 Soffre portanto nessa tortura  
 Uma mudança no seu viver.

Apenas tendo dado um só passo  
 Na estrada immensa da evolução,  
 Mais livre, occupa maior espaço,  
 Goza de muito mais expansão.

Ja pode agora ser empregado  
 Como bebida dos animaes;  
 Motor e agente, serve applicado  
 Até nas fainas industriaes.

Si o submettemos a um grau mais forte,  
 Não é mais agua — ja é vapor:  
 Deu mais um passo nesse transporte,  
 Sendo intangível tem mais vigor.

Tem mais constante mobilidade  
 Dispõe de muito mais expansão:  
 Fluctua livre na immensidade,  
 Vôa, sem azas, pela amplidão.

Em grau mais alto, mais livre impera:  
 E tão potente se torna assim  
 Que á luz dos astros se retempera  
 Num transformismo que não tem fim.

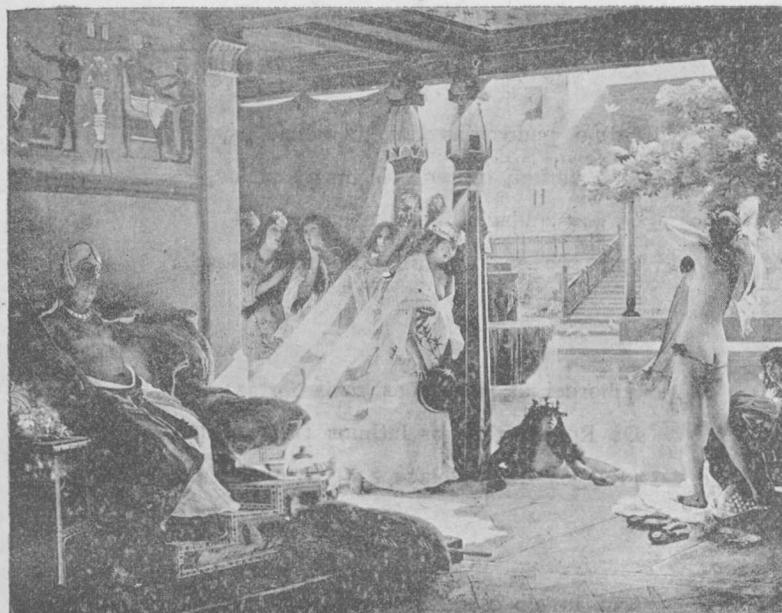
Núcleo de forças e dons ignotos,  
 Agita a fúria dos turbilhões  
 Na epilepsia dos terramotos,  
 Soprando forjas d'igneos vulcões.

Então, já ether, enchendo o espaço,  
 Os elementos que em si contém,  
 Embora em nada deixem um traço,  
 Em tudo espalham-se e vão além.

E' uma d'essas potencias vivas,  
 Um desses fluidos universaes  
 Que constituem as primitivas  
 Coisas eternas e perennaes.

Si pode a simples pedra de gelo  
 Tão facilmente subir aos céus,  
 ; Como é que o Homem não é um elo  
 Dessa cadeia, que o prende a DEUS?!





IV

*MEU HAREM*

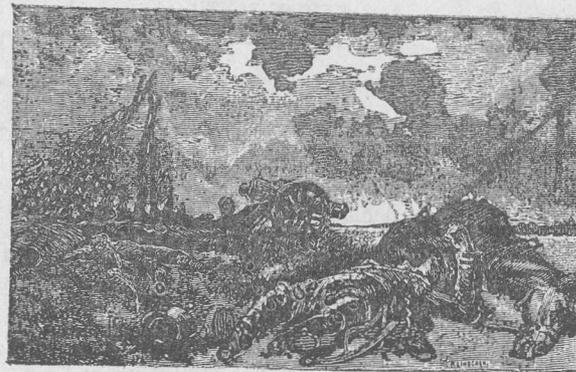
(A Frederico Perdigão)

**A**MEI e fui amado. ; E eram bellas  
As mulheres que arderam nos meus beijos !  
Adivinhei-lhes todos os desejos:  
; Fiz loucuras de amor com todas Ellas !

Ora o pudor das tímidas donzellas,  
 Que coram, da volupia nos almejos,  
 Ora as audacias dos fataes ensejos  
 Que provocam naufragios e procellas...

Saboreei as sensações mais fortes:  
 De Romeu tive os íntimos transportes,  
 ; Rasgos de Lovelace e de Antony!...

Não invejo o Rei-Sol, pois tenho ainda  
 Minha Côrte de Amor, ruidosa e linda;  
 Nem elle viveu mais do que eu vivi.



## V

## VIBRAÇÕES DO CÉREBRO

No vasto laboratorio de Deus, o cérebro do homem é o primeiro aparelho que pode converter a materia em força, em pensamento-força; e esse poder, eterno em seus effeitos, é um factor poderoso na evolução de todas as coisas.

(VAN DER NAILLEN—Nos Templos do Himalaya)

ANGELO, o Bispo do Catholicismo,  
 A scismar nos mysterios em que scismo,  
 Não viu mais do que vi;  
 Dos attractivos sensuaes libertos,  
 Prosequimos os dois, de olhos abertos,  
 Sondando tudo aqui.

Ensinam as sagradas escripturas  
 As sete divisões das creaturas,  
     Reduzidas a tres ;  
*Corpo, Espirito e Alma*, o transitorio,  
 Que não passa dum simples envoltorio ;  
     E a dupla lucidez.

O corpo não é mais que o leve manto  
 Que arrastamos, do berço ao campo-santo,  
     No lodo das paixões ;  
 Só a alma é real, pura e sensível ;  
 Só ella vê, nas trevas, o invisível,  
     Vendendo as amplidões.

E a Morte...; que é a Morte? A Liberdade,  
 O exterminio da Dor; ver a Vontade  
     Transformada em Poder ;  
 O dominio do Tempo e da distancia ;  
 E Além, da Luz na perennal estancia,  
     Sempre permanecer.

Mas, ¿ não nos será dado, antes da morte,  
 Desprender a noss'alma num transporte,  
     Correr no fluido astral ?  
 Na aeronave dos sonhos viajamos,  
 E a qualquer hora, em pensamento, vamos  
     Tanto ao Bem como ao Mal.

Conhecendo o poder das leis supremas,  
 Da materia quebramos as algemas  
     Que nos prendem o pé ;  
 Coisas phenomenaes, maravilhosas,  
 Mostraremos ás vistas curiosas  
     Da multidão sem fé.

Nasce a Dor, dos Desejos não saciados,  
 Com todo o seu cortejo de cuidados  
     E de ambições sem fim ;  
 São os nossos maiores inimigos  
 Nossos proprios deleites, que aos perigos  
     Nos arrastam assim...

PYTHÁGORAS não mente: a theoria  
 Das reencarnações mais irradia  
     Ao brilho da Razão;  
 Ella não fere a religião do CHRISTO;  
 Até JUNQUEIRA FREIRE encontrou nisto  
     Sagrada inspiração.

O hindú, nella firmado, crê e espera...  
 Emquanto a alma não se retempera,  
     Tem de soffrer aqui;  
 Toda a materia cósmica obedece  
 Às mesmas leis, ; enrosca-se — num S...  
     E estende-se — num I!...

Repetem-se na terra os nascimentos,  
 Como se reproduzem pensamentos  
     Na massa cerebral,  
 Até que possa a Alma, emancipada,  
 Entrar emfim na phaira illimitada  
     Da zona espiritual.

Quem penetrou mais fundo neste abysmo,  
 Scismando nos mysterios em que scismo,  
     Não foi além de mim...  
 Nem os loucos, que são os mais libertos,  
 Em voz alta a pensar, de olhos abertos,  
     Andaram tanto assim.

Quanto maior a nossa intelligencia,  
 Tanto menor será, nesta existencia,  
     O amádigo a transpor;  
 Na absorpção final do *eu* no *todo*,  
 Temos azas: — ; voemos deste lodo  
     Para os mundos do Amor!





VI

*TODAS ELLAS*

---

**E**u bem quizera celebrar o nome  
Das mulheres, que amei, nos meus poemas ;  
Mas entreguei os pulsos ás algemas  
Da discrição, que tanto me consome.

Força não ha que os impetos me dome  
 Na intrepidez das expansões supremas;  
 Mas por Ellas... as claras e as morenas,  
 Só por Ellas, o ánimo faltou-me.

Mostral-as, uma a uma, á sociedade,  
 Seria a maior gloria da vaidade,  
 Bradando : — ¿Quem ja viu outras mais bellas?

¡Invejai-me, orgulhosos! eu não minto,  
 Sentem por mim o que por Ellas sinto...  
 ¡São todas minhas! ¡e eu sou todo d'Ellas!



## VII

*BALLADA DE GÓNGORA*

( A Guerra Junqueiro )

**P**OR formosa e negra dama  
 Um negro galã doente  
 Negras lágrimas derrama  
 Do negro peito, que freme.

Falou-lhe uma negra noite  
 E tão negra — que parece  
 Que de seus negros pensares  
 O negro luto reflecte.

Empunha negra guitarra  
 De cordas negras e verdes,  
 Negras tambem as cravelhas,  
 Negras como quem as fere.

— « DEUS nos mande negras noites ;  
 E que mais negros me cheguem  
 Esses teus negros amores  
 Que de negra cor me vestem.

« Um negro favor te peço,  
 Si negros favores cedas,  
 E si com favores negros  
 A um negro pagar-se deve ». —

Nisso, a bella e negra dama,  
 Que tão negra phrase offende,  
 Com esta negra resposta  
 O Pagem Negro entristece :

— « Vá com DEUS em hora negra  
 O negro que tal pretende,  
 Que para os negros galantes  
 Os negros desdens florescem ». —

Isto ouvindo, o Negro Pagem,  
 Não querendo enegrecer-se,  
 Tirou-lhe o seu chapéu negro,  
 Num negro gesto eloquente.





VIII

*SÊDE DE VINGANÇA*

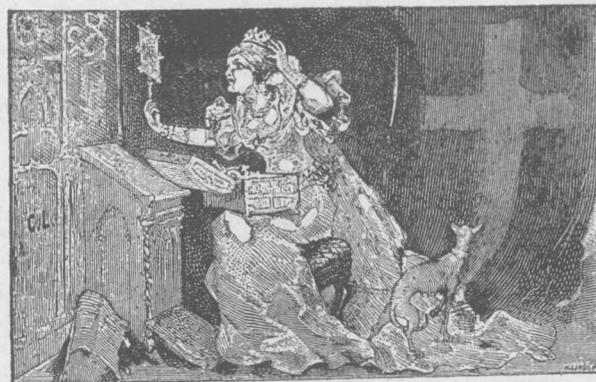
( A Pereira Pires )

**D**E pé, a tiritar, numa rocha varrida  
Por um vento de peste, a blasphemar, potente,  
; Eu desafio a sorte ! esta sorte inclemente  
Que tudo me roubou que ha de melhor na vida.

Tenho dentro do peito uma fera escondida,  
 Chamada coração, famélica e fremente ;  
 Morde-me dia e noite, a infiltrar, lentamente,  
 No tecido venoso a sua baba homicida...

E zombo do poder dos mysteriosos séres,  
 Que vivem a roubar todos os meus prazeres,  
 Sacudindo-me, assim, como um farrapo ao vento.

Minh'alma é porta aberta aos Vícios ; e protege-os  
 Um desejo fatal de fazer sacrilégios...  
 ; Ja que escalar não posso o eterno firmamento !



## IX

## O CANTO DO ODIO

( Stechetti )

QUANDO tu repousares esquecida  
 Sob a terra estercada ;  
 E a cruz de DEUS se perfilar, erguida,  
 Sobre o caixão fincada ;

Quando se desprenderem os teus dentes  
 Das gengivas inermes;  
 E nas fétidas órbitas dormentes  
 Formigarem os vermes;

O somno — a paz dos outros — ha de, ardente,  
 Estranho mal causar-te;  
 E ha de um remorso frio, impertinente,  
 O craneo espedaçar-te...

Ha de um remorso atroz, pungente e mudo,  
 Penetrar no teu fôssô:  
 ;E a despeito de DEUS, da cruz, de tudo,  
 Roer-te, osso por osso!

;Serei eu, o Remorso!... Eu, te buscando  
 Por noite de tormenta,  
 Fera que foge á luz, irei, ladrando  
 Qual loba famulenta.

;Ah! com as unhas cavarei a terra,  
 Que estrumares, nojosa;  
 E quebrarei o esquite, onde se encerra  
 A pústula asquerosa...

Contra o teu coração, que ao meu oppunhas,  
 Nutro um ódio infinito:  
 ;Com que prazer hei de cravar as unhas  
 No teu ventre maldito!

Sobre o teu peito, trémulo, agachado,  
 Rirei eternamente:  
 ;Espectro da Vingança e do Peccado,  
 Terror do impenitente!...

E ao teu ouvido (a que falei tão brando)  
 Direi em desafogo  
 Coisas que irão teu cérebro queimando,  
 Como ferros em fogo.

Si preguntares : — « ¿Porque me mordeste ?

« ¿ E envenenas-me ainda ? » —

Eu te responderei : — ¿ Ja te esqueceste

Dos teus cabellos, linda ?

¿ Ja te esqueceste dos cabellos loiros

Que a espadua te cobriam ?

¿ E desses olhos grandes, que thesoiros

De gozo promettiam ?

¿ E as audacias do busto ? ¿ e a opulencia

Dos quadris e da anca ?

¿ Pois não eras tão bella, na vehemencia

Da carne fresca e branca ?

¿ Não ostentavas nu o rijo peito

Perante a populaça ?

¿ O' cynica mulher ! ¿ pois o teu leito

Não foi pública praça ? !

¿ Aos ébrios e soldados, sempre prompta,

Os braços não abriste ?

Ai ! ¿ dos teus beijos não perdeste a conta ? ...

¿ E só de mim te riste !

¿ E eu te amava ! e prostrei-me, allucinado,

Aos teus pés, supplicante ...

¿ Vergonha ! — ¿ antes morresse fulminado

Naquelle mesmo instante !

Quando te amou meu coração de bravo

Como não ha quem ame :

Quando por ti eu me faria escravo ...

¿ Eu me faria infame !

¿ Porque diceste *não* ? quando estalavam

Mínhas veias de dores ?

E na tua porta se acotovelavam

Teus ávidos credores ...

¿ Sorris ? ¿ tu sorris ? — ¡ sentes ! Pois, em pranto,  
 Nesta chaga asquerosa,  
 ¡ Nestes restos da carne, que amei tanto,  
 Revolvo a mão nervosa !...

¡ Vingam-me os versos meus : ¡ que o mundo veja  
 Teu vituperio eterno !  
 ¡ O teu martyrio ha de causar inveja  
 Aos martyrios do inferno !

Hei de fazer-te *remorrer*, mesquinha,  
 A golpes repetidos :  
 E o teu Remorso e a Vingança minha  
 Hão de ser pelos séculos ouvidos.



## X

## NO ALBUM DE JOÃO BRUNO

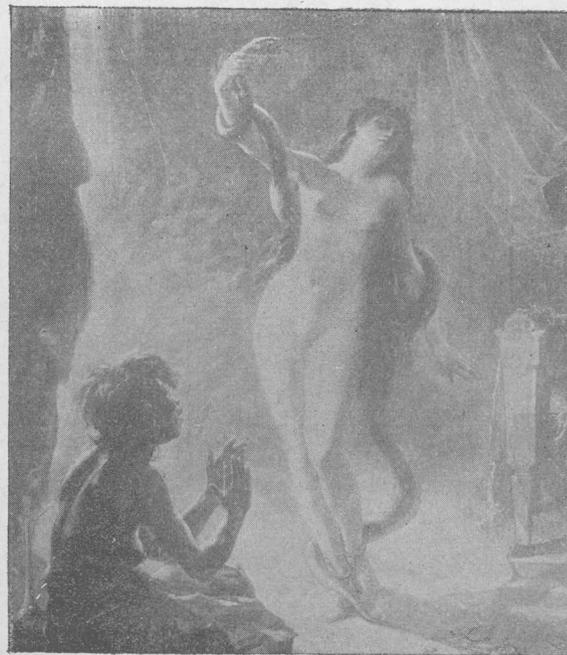
( Versos escriptos no seu castello de S. Bruno )

**L**EMBRA este livro um galeão doirado  
 Abrindo ás virações velas de seda :  
 Ferve a escuma na trémula vereda,  
 Corta o azul o mastro embandeirado.

De pé, na pôpa, o Almirante ousado,  
 Domando as iras da voragem treda,  
 Canta, como o *Pirata* de ESPRONCEDA,  
 Ao compasso das ondas cadenciado.

Na cúpola da noite enluarada  
 Pestaneja uma estrella estremunhada,  
 Talvez cerrando a pálpebra ás miragens.

E no sonoro e rútilo cordame,  
 Batendo as azas num vibrante enxame,  
 Pousam rimas de esplêndidas plumagens.



## XI

## RES NON VERBA

Não foi preciso concluir a frase...  
 Na propria entonação com que foi dita,  
 Eu, que passava pela mesma phase,  
 Adivinhei-lhe a intuição bemdita.

« ¡Odeio-te! porque »... ¡e nesse *odeio*  
 Um hymno de paixão cantou-me n'alma!  
 Vi então o luar bater em cheio  
 Da minha vida na deserta praia...

A maneira febril por que o diceste  
 E esse olhar eloquente e suggestivo,  
 Tudo, meus sonhos de esplendor reveste,  
 Tudo me guia ao ponto decisivo.

O teu destino está traçado; agora  
 Já tu não podes recuar um passo:  
 Da minha vida a solidão se inflora,  
 Nella passearás pelo meu braço.

Tem confiança em mim, que te amo tanto;  
 Juro, por este amor, que eu preferia  
 Verter todo o meu sangue, em vez dum pranto  
 Que te escaldasse a pálpebra sombria.

¿ Pois eu já te não disse que a minh'alma,  
 Levada na corrente dos amores,  
 So palpitou de amor, quando, sem calma,  
 Se sentiu cega pelos teus fulgores?

¿ Pois eu já te não disse que o meu peito  
 Era um templo deserto, e nos altares  
 A ventania, á noite, sem respeito  
 Espalhava blasphêmias pelos ares?

¿ E tu não foste a Imagem milagrosa  
 Que appareceu na solitaria ermida,  
 Enchendo-a duma luz mysteriosa,  
 Inundando-a de sons, de aroma e vida?

¿ Para que repetir isso, que as almas  
 Escutam, quando o labio fica mudo?  
 Quando a um simples olhar rebentam palmas,  
 Ha silencios, mulher, que dizem tudo.

Eu bem sabia que tu bem sabias  
 Que eras por mim amada loucamente ;  
 Estava convencido que sentias  
 Por mim o que por ti minh'alma sente.

Mas hoje, que te agitas como louca  
 Nas convulsões do orgulho e do desejo,  
 Já que explodiu o odio em tua boca,  
 ; Dá-me na boca as explosões do beijo !



## XII

## COMO SE VÊ O CEU

Original espanhol

A CORDEI hoje cedo ; e com cautela,  
 Pois o frio é mais ríspido ness'hora,  
 Quiz ver por entre os vidros da janella  
 O que ia la por fóra.

Mas nada pude ver, pois a vidraça,  
 Embaciada por húmidos vapores,  
 Estava tão molhada como a praça  
 Sob as folhas sem flores.

Com meus dedos nos vidros orvalhados  
 Fui teu nome escrevendo... e entre o véu  
 De vapores, meus olhos, deslumbrados,  
 Viram...<sup>tua imagem no</sup> o Céu!



MADONA

Paraphrase da — Consuelo —

I

Não procuro saber que idade tens. A idade  
 Nada influe, para mim, na estrella ou na mulher;

Quero numa o fulgor e na outra a bondade,  
Além de tudo mais que o homem sempre quer.

Dá-me o braço, depressa estaremos no campo;  
Por azas — o querer, por pouso — um laranjal;  
Seja o teu lindo olhar — o inquieto pyrilampo...  
Vem commigo sonhar... o ermo... a sombra... o ideal!

A solidão discreta... A muda soledade  
Do poeta e da mulher é o verde ninho em flor;  
La... onde não nos fere o olhar da sociedade...  
La... onde os corações têm êxtasis de amor.

A natureza ali nos mostra o lírio e a rosa,  
E sobre o lírio e a rosa — o corpo da mulher,  
Na viva orquestração da ópera gloriosa  
Dás scismas de MOZART nos sonhos de MOLIÈRE.

Vem commigo, medrosa... ainda é primavera,  
Das ondas o rumor é a música do mar;

Fere o seio da espuma o beijo da galera,  
Que abre vélas de sêda á luz crepuscular...

Da ermida da montanha o adro solitario  
Convida-nos á prece... ¡Ensina-me orações!  
Ah! so me falta a fé para ser um templario,  
E tu tens não sei quê das mysticas visões.

Dentro da ermida — a Santa: assim, a tua imagem  
Tem dentro do meu peito o mais florido altar:  
E' sino o coração, que vibra na passagem,  
¡Num repique de festa á luz do teu olhar!

« ¡O crente ao pé da santa! ¡o riso á flor da boca!  
¡Um desejar sem termo! ¡um fulgurar sem fim!»!...  
Tu deixaste minh'alma inteiramente louca...  
¡Triumphaste! pois bem ¡que queres mais de mim?

Oh! ¡divina Madona! O berço de Moema  
Embalou-te na infancia aos raios tropicaes;

Tens por irmãs: ao norte, a tímida Iracema,  
A divina Lindoya ao sul, e ninguém mais !...

O amor, que fez Moema ir procurar nas aguas  
Espaço onde esconder tão grande coração ;  
O amor, que de Iracema inda reflecte as máguas,  
E mais bella deitou Lindoya num caixão ;

O amor no teu olhar reflecte todo o brilho  
Dos astros immortaes que pernoitam no céu ;  
O amor, que era um tyranno, um déspota, um caudilho,  
Ajoelhou-se a teus pés, e tomaste-lhe o trophéu!...

O teu seio, ave presa em ninho de veludo,  
Move as azas... palpita... e não pode voar !  
Quando tudo se expande, e mais desejas tudo,  
e Porque dormir assim, sem nunca despertar ?...

A soberba Madona, em seu altar erguida,  
Da lâmpada sombria ao trémulo clarão,

Fria, muda, de pé na solitaria ermida,  
e Nem parece que tem punhaes no coração !...

## II

Manhãs de sol, e porque passais ligeiras ?  
Sonhos de gozo, e porque assim voais ?  
Da nossa vida as illusões fagueiras  
São andorinhas, que não voltam mais.

Um dia... o braço, que apanhava rosas,  
Agita o lenço, num saudoso *adeus*...  
e E as Julietas, nos balcões, saudosas,  
Em vão esperam ideaes Romeus !...

Da nossa vida os transitorios dias  
São como os rios, que vão ter ao mar,  
Ora por invias regiões sombrias,  
Ora entre rochas, ao clarão solar.

Desejo e sêde, aspirações frementes,  
 Ancias de gloria, ¡ desvairado ardor !  
 Os que mais lutam são os mais valentes ;  
 E só não vence quem não sente amor.

## III

Tu vais pela terra, sombria e silente,  
 Ophelia embalada num berço de Ondina...  
 Tens tanta bondade que assombras a gente,  
 Por isso pareces...

¡ Madona divina!

Teus olhos lampejam de brilhos estranhos,  
 São astros accesos na esphera abrazada :  
 Promettem venturas e gozos tamanhos,  
 Que ao vel-os eu pecco...

¡ Madona sagrada!

¡ Não cantas ? e eu ouço teus altos cantares  
 No fundo mysterio que a música exprime...

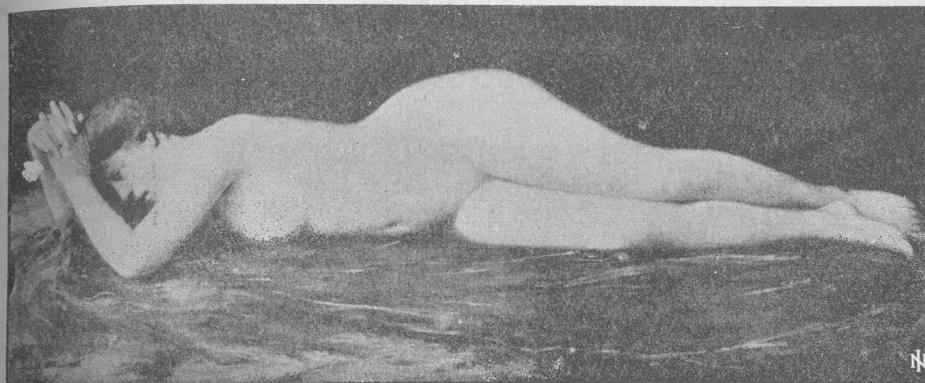
Na tua garganta pipillam aos pares  
 Sabiás e calhandras...

¡ Madona sublime !

A Deusa mais bella surgiu das escumas,  
 Das campas levanta-se o triste cypreste ;  
 Os astros brilhantes scintillam nas brumas,  
 Tu gemes na terra...

¡ Madona celeste !





XIV

*¡TODA NUA!*

---

**T**ODA nua, ao luar, na solidão da praia,  
Desenhando na areia os indecisos passos...  
Sólto o cabelo ao vento, encruzados os braços,  
Vejo-a ; ai, desejos meus ! ; Não será sonho ? Olhai-a...

A onda beija-lhe os pés, e trémula desmaia;  
 Beija-lhe o meu olhar os impeccaveis traços;  
 E o luar — alongando um raio dos espaços —  
 Faz fugir desse corpo a sombra, que se espraia...

Nisso, um polypo audaz, um verme membranoso,  
 Nos filamentos seus envolve-a, voluptuoso,  
 Comprimindo-a e lambendo-a, em fogosos desejos.

Tal a minha vontade, a te seguir, constante:  
 Quero estreitar-te, assim, sófrego, delirante,  
 Despir-te ao meu olhar... ¡vestir-te só de beijos!



## XV

## O DIABO

(A Benjamin Salgado)

O Diabo não é tão feio como se pinta.

V  
I

QUE diabo! vejo o Diabo em carne e osso,  
 Mas um rapaz de espírito, elegante,  
 Forte, valente, alegre e sempre moço.

## II

E' um Diabo com ares de estudante,  
Falando as linguas vivas e fazendo  
Citações em latim a cada instante.

## III

Não lembra o vulto esguio, secco, horrendo,  
Das antigas legendas religiosas,  
De que as velhas nos falam, se benzendo...

## IV

Nem se introduz nas cellas silenciosas  
Dos austeros conventos, ás escuras,  
Para tentar as freiras virtuosas.

## V

Prefere ao Creador — as creaturas;  
E á creatura — as creações, de seios  
Que parecem maçãs quasi maduras.

## VI

Para chegar a um fim, todos os meios  
Acha excellentes... — theorias suas,  
Que eu apenas exponho, sem rodeios.

## VII

Passa por nós nas praças e nas ruas,  
Comprimentando a todos que lhe falam,  
Correndo atrás dumas espáduas nuas...

## VIII

Quando as areias dum jardim estalam  
Ao attricto subtil dos seus sapatos,  
Quantos mysterios por ali resvalam...

## IX

Ah! soubessem falar os nédios gatos,  
Que miam alta noite nos telhados,  
Que divorcios, talvez... que espalhafatos!

## X

Elle abusa dos velhos alquebrados,  
E sem pena das moças levianas  
Desafia os maridos ultrajados.

## XI

Se possuisse todas as cabanas  
De que fala ás amantes, na verdade,  
As grandes capitaes americanas,

## XII

Os castellos feudaes da média-idade,  
Os *chalets* da Suissa, a architectura  
Góthica e bisantina, uma cidade

## XIII

Fantástica, ideal, numa planura  
Cercada de montanhas, com uns lagos  
De uma indecisa cor azul-escura:

## XIV

Tudo seria nada, aos sonhos vagos,  
Ás promessas de amor, que em chamma intensa  
Elle espalha, d'envolta com afagos...

## XV

Alma de louco em êxtasis suspensa,  
Quando queira sentir, ou mesma sinta  
Uma forte impressão, nem nisso pensa.

## XVI

Eis o Diabo gentil, que embora minta,  
Descrêa e negue tudo a todo instante,  
Não é tão feio assim como se pinta.

## XVII

Não, não foi elle o cynico intrigante  
De que nos fala o GOETHE, na passagem  
Em que o velho doutor quer ter a amante;

## XVIII

Só andou pelas sombras da ramagem,  
A suspirar lamurias indiscretas,  
Porque uma castellã queria um pagem.

## XIX

Não sofre da nevrose dos poetas  
E nem perde o seu tempo inutilmente  
A ver si tenta os mysticos ascetas.

## XX

Limita-se a gostar eternamente  
Das mulheres bonitas; não guardando  
Conveniência alguma ao pé da gente.

## XXI

Não passa pelas virgens soluçando,  
Como andava Romeu, pois comprehende  
Que quando alguém pretende, ou mesmo quando

## XXII

Se quer fazer suppor que se pretende...  
A um sorriso, um olhar, um gesto, um nada,  
E' quasi sempre que a mulher se rende.

## XXIII

¿Onde ha lágrima lenta e maguada  
Que inspire a poesia de um sorriso,  
Ou de um olhar da bella bem amada?

## XXIV

Ha no labio que ri um fluido, um friso,  
Um não sei qué do céu, que pela terra  
Passa — na direcção do Paraiso.

## XXV

E o que se sente, aquillo que se enterra  
No mais recôndito âmbito do peito,  
¡Que turbilhões de júbilos encerra!...

## XXVI

¡Mixto de beijos e suspiros, feito  
De pennugem de pássaros, que ás vezes  
Batem as azas sobre o nosso leito!...

## XXVII

O nostálgico olhar das mudas rezes  
Que entram no matadouro, lacrimosas,  
Não tira o appetite dos burguezes;

## XXVIII

Assim tambem ás phrases suspirosas  
Dos vates de poláinas, hoje em dia,  
Riem-se as novas Lauras, as gulosas

## XXIX

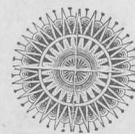
Que mergulham num banho d'agua fria  
Todas as emoções duma nevrose,  
Sentindo as crispações... ¡duma ironia!

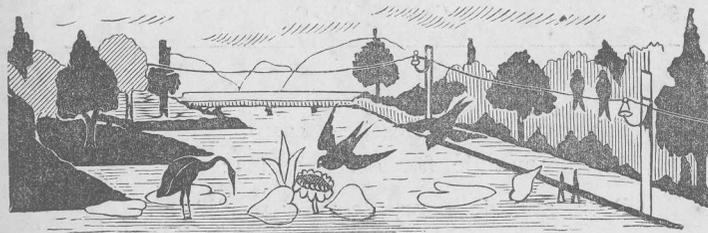
## XXX

Emquanto a costureira scisma e cose  
A um lado da janella, donde avista  
O mar — que se alinhava e ee descose...

## XXXI

O Diabo entra na alcova da modista.





XVI

*VELHA HISTORIA*

(Ao Dr. José Pereira Cardoso Filho)

QUANDO o moço, anhelante, entrou a custo  
Na alcova azul da virgem preferida,  
Tremia-lhe de amor no peito a vida,  
Qual treme às virações débil arbusto.

Saboreava, entre desejo e susto,  
 Uns aromas de flor desconhecida;  
 Rosa, rosa de amor, de amor pendida...  
 ; Pendida sobre um leito de Procusto!

Unindo ao peito aquelle vulto angélico,  
 Um genio mau, fatal, mefystofélico,  
 Soprou-lhe as labaredas da vontade...

E ella, na forja accesa desses beijos,  
 Abre no seio — a cova dos desejos...  
 E nos braços — ; a cruz da virgindade!



## XVII

*DOLORAS E HUMORADAS DE CAMPOAMOR*

## I

## UMA ENTREVISTA NO CÉU

**T**ODA a noite, no dia do meu santo,  
 ( Escreveste-me, triste ) :  
 « Contempla a estrella, que fitámos tanto  
 Na noite em que partiste ».

Escreveste depois, em desafogo  
 De saudosos scismares :  
 « Cravei, na estrella, em teu olhar de fogo  
 Os mais ternos olhares ».

Foi tudo simples illusão : naquella  
 Noite ventosa e fria  
 Não pude ver nossa querida estrella...  
 Porque em Londres chovia.

## II

## VENUS SAGRADA

UMA estatua de Venus, viu um cura  
 Nas ruínas dum parque abandonado ;  
 Vestiu-a, e com fervor  
 Collocou-a num templo — onde fulgura :  
 Transformando esse emblema do Peccado  
 Na symbolica imagem do Pudor.

A Deusa, que entre os povos do Oriente  
 E' adorada, porque — nua — ostenta  
 A belleza sensual,  
 Sob as castas roupagens do Occidente,  
 As almas extasiando, representa  
 O mysticismo ideal.

Fundos mysterios (que eu admiro e ignoro):  
 Venus, formosa e lúbrica, sem véu,  
 E' a sensação carnal ;  
 E a mesma Venus (por quem tanto choro)  
 ; Transportada do Olympo para o Céu,  
 E' a pureza ideal !...

## III

## A OPINIÃO

POBRE amiga: ; Desse dia  
 Hei de sempre me lembrar !  
 Ouve o que o mundo dizia,  
 Vendo o féretro passar :

*Um padre* : — Comece o canto.

*O doutor* : — Cessou o soffrer.

*O pai* : — ¡Suffoca-me o pranto !

*A mãe* : — ¡Só quero morrer !...

*Um menino* : — ¡Que enfeitada !

*Um moço* : — ¡Era bem formosa !

*Uma joven* : — ¡Desgraçada !

*Uma velha* : — ¡Venturosa !...

Todos, grandes e pequenos,

Dizem : — Adeus, dorme em paz.

*O philósopho* : — Um de menos...

*E o poeta* : — ¡Um anjo mais !

## IV

MORT LE ROI... ¡VIVE LE ROI !

MORREU por ti... O enterro, no outro dia,  
Passou sob a janella onde nós 'stávamos ;  
Depois, na alcova, a lâmpada tremia,  
Ouvindo os juramentos que trocávamos.

Cerravas, assustada, os olhos bellos,

Quando dobrava o sino...Me abraçavas,

Eu beijava-te os olhos e os cabellos...

¡Que traição !...« ¡Sacrilégio ! »murmuravas...

Findou o *de profundis*.— Para a cova

O morto e o terror foram passando...

Quando te deixei só, na quente alcova,

« ¡Oh ! ¡que infamia ! » exclamaste, soluçando.

Dizias a verdade : — o sahimento,

Os beijos... essa fúnebre lembrança...

Depois — ¡a solidão ! — o esquecimento...

¡Sacrilégio ! ¡Traição ! ¡Horror ! ¡Vingança !

## V

AS DUAS GRANDEZAS

Um altivo, outro sem lei,

Assim discutindo estão:

— ¡Eu sou ALEXANDRE, o rei!

— Eu sou DIÓGENES, o cão.

— Venho tornar mais honrada  
Tua vida de caracol ;  
¿Que queres de mim? — Eu, nada,  
Que não me tires o sol.

— Meu poder... — É assombroso,  
Porém a mim, não me assombra.  
— ¿Posso fazer-te ditoso?  
— Sim, não me fazendo sombra.

— Terás tudo que te apraza,  
Dou-te um palacio e um docel.  
— ¿Para que quero uma casa  
Maior do que este tonel?

— Vestirás mantos reaes  
De oiro e seda. — Nada, nada ;  
¿Não vês que me abriga mais  
Esta capa esfarrapada?

— Finos manjares devoro...  
— Eu mastigo um duro pão.  
— Bebo o Chipre em taças d'ouro.  
— Eu bebo a agua na mão.

— Mandarei que a todos mandes.  
— ¿Frigolidades insanas !  
Oh ! ¿pois miserias tão grandes  
São as venturas humanas ?

— Meu poder, que a gloria exprime,  
Vai os tristes soccorrer.  
— A gloria... ¿capa do crime !  
Crime... ¿capa do poder !

— ¿A terra inteira, iracundo,  
Assoberbei e venci !  
— ¿Julgas-te o dono do mundo,  
Não sendo dono de ti ?

— Eu sei que, dos povos dono,  
Serei grande e venturoso.  
— Será teu último somno  
O teu primeiro repouso.

— Dito a meu talante as leis.  
— Tua injustiça apregôas.  
— ¡Tenho vencido cem Reis!  
— ¡És um salteador de corôas!

— Poderei viver temido,  
Mas morrerei celebrado.  
— Viverei desconhecido,  
Mas não morrerei odiado.

— Adeus. Deixo-te, orgulhoso,  
Do cynismo no crysol.  
— Adeus. Fico venturoso,  
Porque me deixas o sol.

E a um tempo, mordendo o labio,  
Um altivo, outro implacavel,  
— ¡Miseravel! — disse o sabio;  
E o rei disse: — ¡Miseravel! —

## VI

## DUAS TUMBAS

QUE profunda não será,  
Eu disse, a cova fitando:  
¡Si vai sempre devorando  
Quanto nasce e nascerá!...

E fugindo do caixão,  
Onde emfim serei lançado,  
Metti o olhar, espantado,  
Dentro do meu coração...

Mas quando o fundo sondei,  
Meus olhos lá não acharam  
¡Nem um só dos que me amaram!  
¡Nem um só dos que eu amei!...

; Si aqui, nem resta a illusão,  
 E ali, nada mais existe :  
 ; Meu DEUS! ; qual será mais triste,  
 A tumba, ou meu coração ?

## HUMORADAS

## I

NÃO existe no mundo um sêr creado  
 Que, como DEUS, não queira ser amado.

## II

Aos olhos dos amantes  
 As flores valem mais que os diamantes;  
 Mas vemos, quando esfriam os amores,  
 Que os diamantes valem mais que as flores.

## III

Menina, é a mulher — que respeitamos;  
 Mulher, é a menina — que enganamos.

## IV

Como tudo é igual, eu sempre tenho tido  
 Um pesar verdadeiro  
 Pensando nesse tempo enorme que hei perdido  
 Antes de ter sabido  
 Que ver um coração é ver o mundo inteiro.

## V

Tudo no Amor é triste...  
 Mas, mesmo assim, é o melhor que existe.

## VI

O amor é um hymno eterno e permanente  
 Que, depois que emmudece o que hoje o canta,  
 Outra nova garganta  
 Começa a repetil-o eternamente.

## VII

Embora, por modesta, não me creias,  
 As flores — sobre ti — parecem feias.

## VIII

Impossíveis não ha, quando ha constancia,  
 Para o amor das almas sobranceiras,  
 Que são como as palmeiras  
 Que se amam á distancia.

## IX

¡Que fôrmas de belleza soberana  
 Modela DEUS numa esculptura humana!

## X

Morre, meu puro amor, si és despresado...  
 Não volta nunca para traz um rio,  
 Nem torna a ser presente o que é passado:  
 ¡Nem ha nada mais frio  
 Que um vulcão apagado!...

## XI

Pintando-te este amor que por ti sinto,  
 Eu sei que minto, mas não sei si minto.

## XII

Ser fiel, sempre que amas, é teu lemma:  
 Ah ¡mas tu amas sempre? eis o problema.

## XIII

O amor morre sempre de fartura;  
 O que nunca se farta é a ternura.

## XIV

Muitos passam a vida  
 Neste constante jogo:  
 Fazer cair uma mulher, e logo  
 Ir procurar outra mulher... perdida.

## XV

Tu queres ser amada como HELENA,  
 Cuja belleza a fama inda apregôa,  
 Por muito bella e não por muito bôa;  
 E isto é que causa pena.

## XVI

Mal te vi uma vez, a minha mente  
Desde então só te vê constantemente.

## XVII

Estás casada... ¿—vês? bem eu dizia  
Que, longe do ideal que nos sorria,  
Está sempre a ventura que se alcança:  
Por mais fogo que tenha uma esperança,  
Quando se realisa, é sempre fria.

## XVIII

Tua historia, em minha vida entrelaçada,  
E' uma sombra, na sombra, condensada.

## XIX

¿Porque amei tanto áquella ingrata? Ignoro.  
¿Como a esperança é infiel! e eu inda a adoro.

## XX

¿Bella estação! Tudo a gozar convida  
Prazeres sem medida.

Mas, ¿ que é isso que vòa, ó minha bella?  
Uma folha que cai — e nos revela  
O nada desta vida.

## XXI

Algum dia, apesar de teus encantos,  
Outro te matará, como me matas;  
Que, em materia de ingratos e de ingratas,  
São tantas como tantos.

## XXII

A feia graciosa  
Nos prende ás vezes mais que uma formosa.

## XXIII

Tu morrias por elle... mas, ¿que importa?  
Passou o tempo: e não te vejo morta.

## XXIV

A desgraça é precisa  
Para encher muitas páginas da historia:

Escrevemos com sangue a nossa gloria:  
Ou passará mais rápida que a brisa.

## XXV

Si queres ter a vida socegada,  
Crê muito em DEUS; e nas mulheres nada.

## XXVI

Busca pousar a fronte docemente  
No brando travesseiro da consciencia:  
Para poder dormir tranquillamente  
Não ha ópio mais util que a innocencia.

## XXVII

Tornas a confessar-te, e o cura diz  
Que não te absolve mais...;— só te bemdiz!

## XXVIII

Adeus... mas antes de sahir, queria  
Dizer-te, sem saber que mais dizer,  
Isso que o filho de Sião dizia:  
«Esqueça-me eu de mim, si te esquecer».

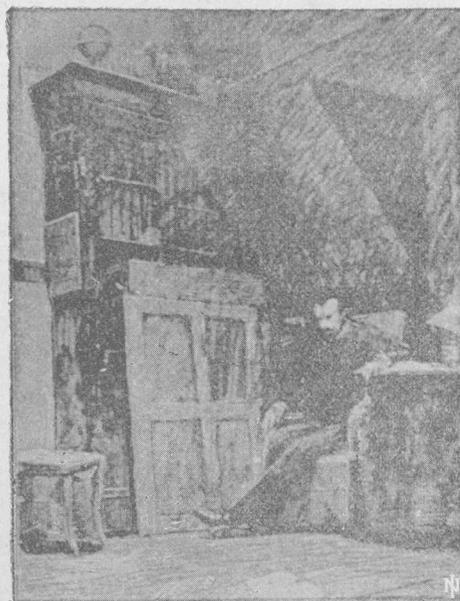
## XXIX

Não zombes do amor, perto de mim  
Só porque sabes rir com innocencia;  
Que pode um olhar meu, ó bem amada,  
Deixar-te pendurada  
Nos braços duma cruz—a consciencia...  
Vê bem... ; não é assim?

## XXX

Não te abrandes ouvindo esses lamentos,  
Pois o demonio em certas occasiões  
Serve-se dos melhores sentimentos  
Tendo sempre as peiores intenções.





XVIII

*DE PROFUNDIS*

---

Ah ! que si eu fosse consultado  
Antes de entrar nesta existencia,  
Desistiria de bom grado  
De tal favor da Providencia.

Mas ¿que vim eu fazer no mundo?  
 ¿Passar do berço á sepultura!  
 Pedra, que salta, e cai no fundo  
 Dum mar, que ruger, em noite escura...

Quero ficar... Eis o problema:  
 E hei de sair, queira ou não queira;  
 ¿Viver? ¿Morrer? — fatal dilemma:  
 Chorar na dor...¿rir na caveira!

Por um instante de esperanças,  
 Horas e horas de saudade;  
 Vestindo a alma de lembranças,  
 Dúvidas, tédio...¿e saciedade!

¿Que ha de melhor na vida inteira?  
 Talvez o amor...¿mas o ciume?  
 O vento inflamma uma fogueira...  
 ¿E a agua apaga o vivo lume!

Passam depressa as alegrias,  
 ¿E andam tão lentas as tristezas!  
 As esperanças fugidias  
 ¿Sempre ás saudades ficam presas...

Os pais, nos filhos innocentes  
 Mostram a dor que a vida encerra:  
 Moças, franzinas e doentes...  
 Rapazes, ¿indo para a guerra!

Ah! que si eu fosse consultado  
 Antes de entrar nesta existencia,  
 Desistiria de bom grado  
 Deste favor da Providencia.





XIX

*FLORES DO ABYSMO*

( A Alexandre Fernandes )

I

O LANSQUENET

L ANÇAR na simples carta da direita,  
Ou da esquerda, uma *ficha* alva e redonda,  
Lembra o nauta que ao mar atira a sonda,  
As velas sólta e os ventos aproveita.

Mas o que so por um *palpite* deita  
 O valor de uma pedra de Golconda,  
 Não é o rei que lança a taça á onda...  
 ¡E' o bandido audaz, que nos espreita!

Fujamos desses pródigos funestos  
 Que com frio sorriso e falsos gestos  
 Nos dão exemplo de ambição tamanha.

A Natureza séculos devora  
 Por fabricar um diamante; je agora  
 O homem, num minuto, o perde ou ganha!

## II

## A LEBRE

SENTADOS em redor da vasta mesa,  
 Onde num panno verde ha brancos dados,  
 Os jovens e anciões, acorrentados  
 Parecem, aos grillhões duma incerteza.

— ¡Venha o pequeno! — ¡O grande! — Com firmeza  
 O *banqueiro* prosegue... debruçados  
 Por sobre os hombros dos que estão sentados,  
 ¡Disputam outros essa mesma presa.

E num duro vai-vem imperturbavel  
 Os números succedem-se, inclementes,  
 ¡Pêndulos dum relógio abominavel!

Ganham os nédios solteirões, contentes;  
 E perde um magro esposo, um miseravel,  
 Cujos filhos, sem pão, choram, doentes...

## III

## A ROULETTE

Nos estendidos pannos numerados,  
 Onde Satan espalha os algarismos,  
 Às vezes vejo escuridão de abysmos...  
 ¡Sangue talvez de corações baleados!...

Boiam ali os olhos esfaimados  
 Num oceano de flúidos e electrismos...  
 Ha lances — ¡que proclamam heroísmos !  
 E ha golpes — ¡que amedrontam cães damnados !

Na multicolor esphera giratoria  
 Da máchina infernal, onde uma bola  
 Ensina aos corações saltos mortaes,

Vejo um poema de miseria e gloria:  
 Um romance mais vivo que os de ZOLA:  
 Paris, ¡com seus bordeis e tribunaes!



## XX

## O PAGEM

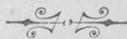
(Traduzido do italiano)

**D**ENSA era a sombra que do ar cahia;  
 O castello em silencio repousava;  
 E o Pagem, que no cárcere jazia,  
 Em lágrimas banhado, assim clamava:

— ¡Insensato que fui!... A fantasia  
Tão alto os meus desejos levantava,  
Que uma Princeza amei... Tal ousadia  
A esta funda masmorra me arrastava.

Nisso, entre as grades da prisão escura,  
Surge branca visão, ingénua e pura:  
— ¡Que vens fazer aqui, Princeza?... ¡Louca!

— ¡Eu louca? sim, que enlouqueci de amores...  
A escolta dorme além, nos corredores:  
Sou a filha do Rei, ¡beija-me a bocca!—



## XXI

## FEBRE

(Original castelhano)

DIZE-LHE que parta...  
¡Que eu não quero vel-a!  
Que ainda sangra a chaga que me abriu no peito;  
Dize-lhe que parta...  
¡E neste triste leito  
Morrerei por ella!

Que de mim se esqueça...

¡Que não posso vel-a!

Que nem mais me lembro de que foi perjura...

Que de mim se esqueça...

¡E numa cova escura

Vou cahir por ella!

Dentre aquellas flores...

Dá-lhe a flor mais bella,

Dá-lhe o seu retrato...¡quebra este instrumento

Que entre aquellas flores,

Em canções de amores,

Eu vibrei por ella!

Que tambem se esqueça

Dessa tarde bella

Em que tão fingida me jurou constancia...

Que tudo isso esqueça...

¡Ai meu DEUS, que áncia!

Soffro assim ..¡por ella!

Sinto tanto frio...

Fecha essa janella...

Dá-me o manto, cobre-me os gelados braços,

Minha Mãi...¡que frio!

¡Minha Mãi querida,

Eu te esqueci...por ella!

Rasga aquelles versos...

Rasga o meu retrato...

Ja que morro, ao menos que ninguem mais veja

Nada do teu filho,

¡Deste filho ingrato

Como o que mais seja!

¡Minha Mãi querida!

Não, não quero vel-a:

Põe-na ja na rua, fecha a nossa porta...

¡Minha Mãi querida!

¡Ella nem se importa

De tirar-me a vida!

Dá-lhe o seu retrato...

¡Ai, meu DEUS, que frio!

Dá-lhe as flores...olha: dá-lhe o teu perdão...

(¡Ai, meu DEUS, que frio!)

¡Como eu dei-lhe, ingrato,

Todo o coração!



XXII

*MULHERES E ONDAS*

**J**ULGADAS por poetas e philótophos  
As mulheres, tão bellas, são hediondas;  
SHAKESPEARE nos diz que ellas são pérfidas  
Como do mar as traiçoeiras ondas.

Ah! ;pudesse eu, mergulhador intrépido,  
Sem escaphandro nem profundas sondas,  
Dia e noite colher coraes e pérolas  
No rumoroso abysmo dessas ondas !...



XXIII

*EIDALDÉA*

**D**os teus seios sobre a rêde  
Quero embalar meus desejos ;  
Teus olhares causam sêde,  
Numa volúpia de beijos.

Os teus olhos têm um fluido,  
 Têm tanto somnambulismo,  
 Que ao vel-os eu sonho... e ¡cuido  
 Rolar, do céu, num abysmo!

Têm outras vezes uns brilhos  
 Que eu ouço e vejo (e me espantas):  
 Punhaes — em mãos de caudilhos...  
 Resas — ¡em bocas de santas!

Teus olhos dardejам settas  
 Que cravas nos meus desejos:  
 ¡Tenho vontades secretas  
 De devorar-te de beijos!...

Ha nos teus beiços, morena,  
 Filtros de gozo e loucura;  
 Um beijo teu — envenena...  
 ¡Teu corpo vence — a esculptura!

Rival das virgens sidéreas,  
 Sentes um êxtasis rude  
 Em rir das coisas ethéreas  
 E blasphemar da Virtude.

Os torreões da esperança  
 Tu enches de maus desejos,  
 — ¡Saboreando a vingança  
 Numa embriaguez de beijos!

Fechaste as crenças, e a chave  
 Lançaste num precipício...  
 — ¡Feres a nota mais grave  
 De toda a orchestra do Vício!

Quando febril te commoves,  
 Agitas-me os nervos todos;  
 És como a corça de CLOVIS  
 Farejando os Visigodos.

Causam naufrágios e guerras  
 Teus satánicos desejos:  
 ¡Os mais valentes aterras  
 Num estrépito de beijos!...

Passas das outras ao lado  
 E o teu vulto soberano  
 Lembra um barco embandeirado  
 Sobre as ondas do oceano.

Tu tens a airoza elegancia  
 Das palmeiras do deserto,  
 Que embalsamam á distancia  
 E refrigeram de perto.

¡Mas no tremedal viscoso  
 Onde enterras teus desejos,  
 Manchaste as azas do gozo  
 Com que voavam meus beijos!

Si te vestissem de santa,  
 Sobre um altar reluzente,  
 Rendido a belleza tanta  
 Satanaz seria um crente...

E eu, á luz do alampadario  
 Despindo-te os hombros régios,  
 ¡Profanaria o santuario,  
 Perpetrando sacrilegios!...

¡Abres o céu da belleza  
 No inferno dos teus desejos!  
 Eis, em tua côrte, Princeza,  
 As credenciaes dos meus beijos.





XXIV

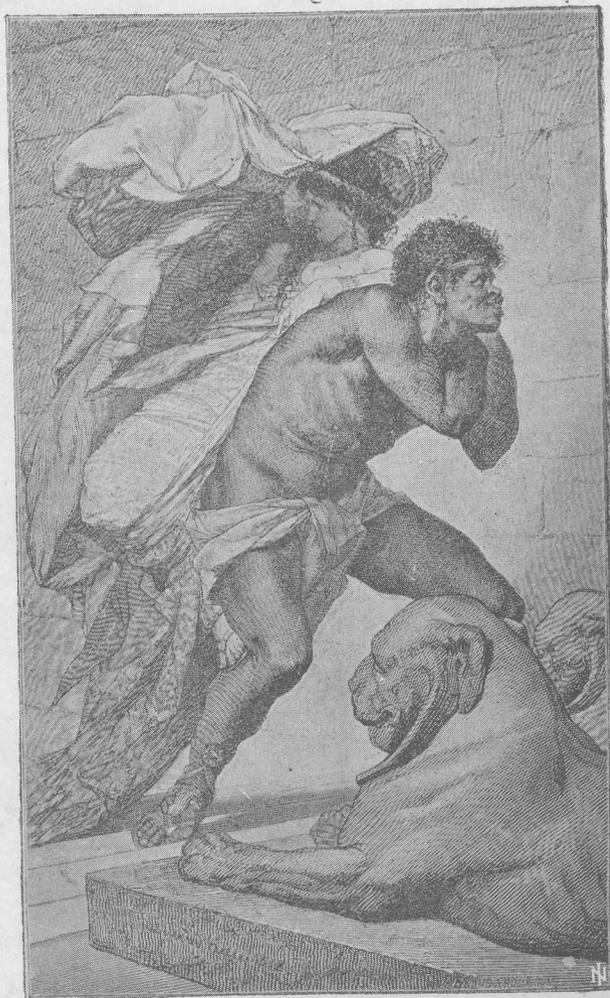
« ALGO » DE BARTRINA

I

De omni re scribile

SEI tudo!... Deste mundo os mil arcanos  
    Ja não são para mim  
O que chama mysterios sobrehumanos  
    O vulgo sempre assim...

So a Sciencia ás Dúvidas responde;  
    Na Sciencia é que se vê  
Que não existe o Deus que sempre esconde  
    O último porquê.



Sei que sou um mamífero bímico  
    ( Não é pouco saber )  
E sei o que é o átomo, esse arcano  
    Do ser e do não ser.

Sei que o rubor que brilha nas feições  
    E' sangue arterial;  
E que as lágrimas são as secreções  
    Do saco lacrimal.

Que a Virtude, que ao Bem a gente inclina,  
    E o Vício, apenas são  
Partículas de albumina com fibrina  
    Em curta proporção.

Que o genio nunca foi sagrado emblema  
    Do poder divinal:  
O genio é um producto do systema  
    Nervoso cerebral.

E quer elle se expanda, ou mingue ou cresça,  
 E' sempre na razão  
 Do phósphoro que temos na cabeça,  
 Nunca da inspiração.

O Amor, esse mysterio indefinido,  
 A tristeza e o prazer  
 São vocábulos ôcos de sentido  
 E sem razão de ser...

Gozar é termos sempre electrizada  
 A medulla espinhal;  
 O gozo em si é nada ou quasi nada,  
 E' um óxido, um sal.

A Sciencia é o grande alforge da jornada  
 Desta vida, e depois...  
 Uma fórmula algébrica, mais nada:  
 ¡C = X. r 2!

¡Sei tudo ! deste mundo os mil arcanos  
 Já não são para mim  
 O que chama mysterios sobrehumanos  
 O vulgo, sempre assim...

Mas ¡ ah ! que quando exclamo satisfeito  
 ¡Sei tudo ! ja se vê...  
 Sinto aqui, no mais íntimo do peito,  
 Isso... ¡esse não sei quê!

## II

**É** bella e ama-te. Eu, tua ventura  
 Que tanto invejo, mais invejara  
 Si não soubesse que a formosura  
 Jaz nos teus olhos mais que em sua cara.

Seu amor — falo-te sem despeito,  
 Com a franqueza rude dum sabio, —  
 Vive em seus labios mais que em seu peito  
 E na tua mente mais que em seus labios.

Mas, como sempre parece errada  
 A lei contrária do que queremos,  
 Bello é aquillo que nos agrada,  
 Só é verdade tudo em que cremos.

Vejo que sabe tua inexperiencia  
 O que o meu fundo saber ignora.  
 Perdôa a minha vaidosa sciencia,  
 Minh'alma inveja-te, e triste chora.

## III

**N**ADA morre no mundo. O movimento  
 Transforma-se em calor, e som, e luz;

A materia é eterna: o pensamento  
 É Calvario e Thabor, é sceptro e cruz.

Ao esconder o sol seus resplendores  
 Não se perde essa luz que nos fascina;  
 Transforma-se em matizes sobre as flores  
 E em diversas imagens na retina.

O carvão, feito gaz, doira as cidades  
 E é fogo na veloz locomotiva;  
 Elle (que bosque foi noutras idades)  
 E a propria luz, que elle hoje em si encerra,  
 É força primitiva,  
 É a luz do sol que o fecundou na terra.

A gaivota deslisa  
 Sobre o leito do mar por onde corre,  
 E aquella ondulação, que as ondas frisa,  
 Ephêmera não morre;  
 Confunde-se com essa longa esteira  
 Que vai deixando a nau aventureira...

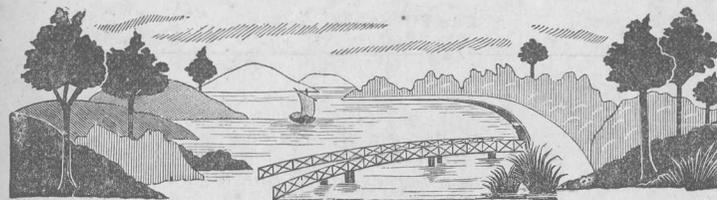
¡Ironia da força soberana!  
 No mundo apenas a lembrança humana  
 Perde-se em noite escura:  
 ¡So morre o nosso *eu* na sepultura!

So o homem se olvida

Do homem ( que o persegue, ou que o soccorre ):

Si lhe é indiferente, quando morre ;

E si lhe deve algum favor, em vida.



XXV

*QUADRINHAS*

—

CORAÇÃO, louco não andes,  
 Nem pulses mais pelo menos,  
 Por essa — dos olhos grandes,  
 Por essa — dos pés pequenos.

Ella é a irmã da neblina,  
 Nascida no azul das ondas,  
 Com a cintura tão fina,  
 Com as ancas tão redondas!

Prostrem-se todos de joelhos  
 Quando ella passar, de leve,  
 Com finos labios vermelhos,  
 Com duros seios de neve.

Coração, louco não andes,  
 Nem pulses mais, pelo menos,  
 Por ella...ja dos olhos grandes,  
 Que tem os pés tão pequenos!



XXVI

*O PIANO*

(A Eduardo Salamonde)

TENS um monstro, na sala de visitas,  
 Mesmo á porta do quarto sumptuoso  
 Onde penetro, á noite, cauteloso,  
 Assim que da sacada o lenço agitas...

Ali passámos juntos e felizes  
 As mais alegres horas desta vida:  
 Quando te via, audaz e destimida,  
 Como PHRYNÉ aos olhos dos juizes.

E o monstro, somnolento, sempre mudo,  
 Pernoita, em pé, na porta desse quarto,  
 Como um gigante de aventuras farto,  
 Cheio de tédio, despresando tudo.

¿Não te assustam as garras dessa Sphyngé?  
 ¿E os grandes dentes brancos do teclado?  
 ¿E o ventre enorme, todo encordoadó,  
 Que devorar paixões, vibrando, finge?...

Perguntei-te uma noite, impressionado,  
 Si nesse tempo em que não eras minha  
 Não tinhas medo de ficar sosinha,  
 Vendo esse monstro sempre ali postado...

Respondeste, sorrindo, que o piano  
 Era allemão... um militar sisudo,  
 Disciplinado, indiferente a tudo,  
 Montando guarda, perfilado, e ufano

Por cumprir o dever,—de sentinella  
 Perdida, sempre alerta no seu posto,  
 Sem arredar um pé, mover o rosto,  
 ¿Nem á vanguarda da mulher mais bella!

Observei-te que o SCHILLER, HEINE e GOETHE  
 Também nasceram nessa mesma terra,  
 E andava cada qual, armado em guerra,  
 Atraz duma mulher—como um foguete...

Mas, como a disciplina...na Allemanha  
 E' tão severa e rigorosa e dura,  
 Um militar não perde a compostura,  
 Nem mesmo vendo uma belleza estranha.

¿E quando assentou praça teu piano?  
 ¿Em que paiz elle jurou bandeira?  
 Si assim é, desertou ; desta maneira  
 Vive entre nós como qualquer paizano.

¡Um desertor ouvindo os teus suspiros!  
 Não durmas, nunca mais, aqui sosinha:  
 Virei todas as noites — com a minha  
 Espada, e o meu revólver de seis tiros.



## XXVII

*LE LORGNON DU DIABLE*

**E**LLA dorme...e na volúpia  
 Dum sonho ao luar sonhado,  
 Aparece Mefystófeles  
 De monóculo assestado.

¡Ai das donzellas somnâmbulas  
Que passam noites inteiras  
A sonhar... acordam palidas,  
Nervozas, — e com olheiras!

Festejam-se d' *Ella* as núpcias :  
— No salão illuminado  
Apparece Mefistófeles  
De monóculo assestado.

Aos sons vibrantes da música,  
Veloza como o pensamento  
Vai *Ella* na valsa rápida  
Voando *qual piuma al vento...*

E no *buffet*, entre *os íntimos*,  
O noivo, o predestinado,  
Ergue um brinde a Mefistófeles  
De monóculo assestado.

Nove mezes passam rápidos :  
— Baptisa-se uma criança,  
Que nos leves traços physicos  
Tem não sei que semelhança...

Não com o pai, um protótypo  
De mansidão, enlevado  
Na *verve* de Mefistófeles  
De monóculo assestado ;

Mas... com esse sêr diabólico  
Em cujo labio fremente  
Ha sempre um sorriso irônico  
Mais frio que uma serpente.

Nas ruas e praças públicas  
Vai *Ella*, de braço dado  
Com o marido... e Mefistófeles  
De monóculo assestado !

E atravez desse monóculo  
So o mísero não via  
O que se vê nesta sátyra,  
Ou antes, nesta elegia.

¡Ai das mulheres hystéricas,  
Ai dellas!...¡E ai do coitado  
Que confia em Mefistófeles  
De monóculo assestado!



## XXVIII

*SOL DE INVERNO*

(A Trajano Cesar)

As ruínas ao luar são mais  
românticas do que as casas novas.

**E**STOU devéras apaixonado  
Por uma velha de sessenta annos,  
Que tem o rosto todo enrugado  
E a alma inchada de desenganos.

Nunca foi joven, que a mocidade  
Quer dizer graças e formusura;  
E esta senhora, na flor da idade,  
Ja tinha aquella triste figura.

Nenhum poeta glosou-lhe um mote,  
Frases ardentes ninguem lhe disse;  
E ella é mais triste que o Dom Quixote  
Cheio de sonhos e de meiguice.

Gosta de gatos e de crianças  
E conta historias na intimidade;  
Não tem saudades, nem esperanças...  
;Mas tem coragem e tem piedade!

É monarchista — e religiosa  
Como a poetisa SANTA THEREZA;  
Lirio do valle, mystica rosa,  
Oleo de triste lâmpada accesa.

Nunca o seu peito correu o risco  
De arder em chamma devoradora;  
E nem um beijo — fatal corisco —  
Brilhou nos labios dessa senhõra.

E' virgem; pura, como as mais puras  
Sacerdotisas do Sol: a sua  
Carne, enrugada por mil torturas,  
Parece um branco raio da lua.

Eu, que estou farto de ouvir queixumes,  
(A ladainha de toda gente)  
Juras mentidas, tolos ciumes,  
Coisas ja velhas antigamente;

Eu quero uns gozos estranhos, novos,  
Umás volúpias que so eu sinto;  
;Sim! que o meu sangue salte, aos corcovos,  
Beijando boca que me não minta.

Beijando boca — virgem de beijos  
E que me diga, por vez primeira,  
A historia antiga dos seus desejos,  
Mais resguardados que os de uma freira.

Quero uns abraços que ha quarenta annos  
Estão guardados nos braços della,  
Como uns navios de grandes pannos,  
Por altos mares, numa procella. . .

Quero as caricias de quem na vida  
Não teve aquillo que todos temos:  
Surdina branda, ¡nota sentida  
Da orchestra forte dos seus extremos!

¡Volúpia estranha!. . .branda loucura,  
Realidade quasi mysterio. . .  
Núpcias — ¡á porta do cemiterio!  
Thálamo ¡— á beira da sepultura!



## XXIX

*O SERMÃO DA MEIA-NOITE*

(A scena representa a mais profunda das cavernas infernaes, illuminada  
pelos olhos das mulheres e os relâmpagos da tempestade).

Tutti vanno alla casa del diavolo.

(SAVANAROLA — último Sermão).

SATAN

CANTAI, mulheres cynicas e lúbricas,  
Ao clarão das fomalhas crepitantes,

Requebrando os quadris nas danças rápidas,  
Nuas e palpitantes.

Das bocas todas rompam as blasphêmias  
Que nas aras do Mal vibrem ruidosas ;  
¡Sua Magestade a Carne ostenta intrépida  
As linhas victoriosas !

Escancarados os portões do bárathro  
Às legiões do Crime e do Desejo,  
Desfralde-se a bandeira do Delírio  
Nos arraiaes do Beijo.

## CÔRO DAS VIUVAS

Todas de luto, segundo a moda  
Dos figurinos, até no véu,  
Nós aqui estamos fechando a roda,  
Chorando aquelles que estão no céu...

## CÔRO DAS SOLTEIRAS

Das jovens monjas os sagrados êxtasis,  
No silencio dos claustros profanados,  
Deram aos nossos ímpetos hystéricos  
O estupor dos desejos realizados.

Amando e sendo amadas, sempre hypócritas,  
Prelibámos os filtros do deleite ;  
Cautas, não sendo castas, ¡ com que júbilos  
Sentimos transfundir-se o sangue em leite !...

Em pensamentos livres e frenéticos  
Fomos — onde não vai o olhar ousado :  
E — de palma e capella — os fogos-fátuos  
Doiraram-nos o esquife verminado.

## CÔRO DOS VELHOS

Nas labaredas da canthárida  
As salamandras da paixão  
Tecem, em máchinas eléctricas,  
Velludo e seda e gorgorão...

## CÔRO DAS ADÚLTERAS

¿Ser a mulher dum homem so ? ; Ridículas  
São as esposas dum marido apenas !  
Sempre o mesmo licor na mesma âmphora  
Provoca náuseas, saciedade e penas.

Transformámos o lar em praça pública,  
Onde ha padres, soldados e estudantes,  
Como essas grandes cathedraes cathólicas  
De porta aberta aos proprios cães errantes.

Entre os convivas dos triclinios férvidos,  
Variando de vinhos e de taças,  
Dêmos aos vinhos um sabor de lágrimas...  
E ás lágrimas o guiso das chalaças...

? !

T..... .. ,

I..... .. :

;A..... .. ,

B..... .. !



O SERMÃO DA MEIA NOITE

## CÔRO DOS COBARDES

Para bater á porta do Demonio,  
Do fogo eterno ao vivo reverbero,  
Faltou-nos a coragem de PETRONIO  
Desafiando as cóleras de NERO.

## CÔRO DOS POETAS

Aqui chegámos, pálidos e trémulos,  
Como quem sai dum leito de noivado,  
Prisioneiros do gozo e da volúpia  
Nas solidões sinistras do Peccado.

Cahiu por nós dum alcantil do Lêucade  
SAPHO, a que se sentia sem sentidos...  
Ella, a poetisa dos prazeres lésbicos,  
¡Que era o terror dos pais e dos maridos!

Deu-nos a natureza os fortes impetos  
Resultantes da força e da materia;  
¡E esgotámos-nos, trémulos e pálidos,  
Na suprema opulencia da Miseria !

Do fôfo berço ao libertino thálamo  
 Onde a belleza mais radiante impera,  
 Passámos, na inconsciencia dos somnâmbulos,  
 Como aves a voar na primavera.

E na indolencia desse vôo célere,  
 Que passa tão veloz como a ventura,  
 De umas lascivas mamas, como PINDARO,  
 Rolámos no cairel da sepultura.

E so então, da jaula da existencia  
 Vimos abertas as doiradas portas :  
 E aqui chegámos, pálidos e trémulos,  
 Mortos de vida entre estas vidas mortas.

## SATAN

¡Cantai, mulheres cynicas e lúbricas,  
 Freiras, actrizes, bruxas e bacchantes !  
 Heróes e genios, bispos e philósophos,  
 Sois uns grandes farçantes.

Das bocas todas rompam as blasphêmias,  
 Que ecôem nos appêndices da lua...  
 ¡Sua Magestade a Carne ostenta impávida  
 A força eterna da belleza nua !

## PROSERPINA

( *Nua, em pé, no dorso dum touro negro* )

PHRINÉ que esconda na túnica  
 Os seus redondos quadris,  
 Ao vêr que sou Eu a única  
 Que assombra o *Forte Juiz*.

¡Venham as bellas das bellas  
 Da minha côrte sem par,  
 Vejam si viram estrellas  
 Mais vivas que o meu olhar !

## HOMENS E MULHERES

¡O' Deusa do peccado !  
 Soberana do gozo e da caricia,  
 Ha no teu corpo o cyatho encantado  
 Por onde escorre o filtro da delicia.

Ha no teu ventre um mágico instrumento,  
Cyanômetro — que mede a intensidade  
Da volúpia, momento por momento,  
Vibrando a escala da lubricidade.

E enroscas os teus braços, as serpentes  
Que se estendem nas plantas dos desejos,  
Quando cravas as unhas, e dos dentes  
Distilas o veneno dos teus beijos.

Deusa de seio ardente e labio frio,  
És de Venus a irmã na formosura :  
Vences a rosa num vergel sombrio...  
¡Vences a estrella numa noite escura !

*( Proserpina salta do dorso do touro, e passa  
por entre alas de mulheres que lhe  
abrem os braços e homens que dobram o  
joelho, indo sentar-se no throno  
ao lado de Satan, que  
a beija na boca ).*

## SATAN

*( Passando o braço pela cintura de Proserpina e empunhando o sceptro  
de labareças )*

¡Eu destruí a Lei ! ¡Sou o sublime  
Renegado do Céu !... Soberbo e audaz,  
Fiz desfraldar nos arraiaes do Crime  
O pavilhão da Guerra contra a Paz.

Meu reino dilatei por toda parte  
Onde ha vulcões, adúlteras e ingratos ;  
O engenho humano encarcerei na Arte...  
Nem como nunca sem cuspir nos pratos.

Pelo systema planetario á fóra  
( O inferno é este chiqueiro sublunar )  
Tudo que vive, isto é, tudo que chora,  
Vém os fructos do Mal me offerendar.

Para chegar a mim, não é preciso  
 Comprar entrada, nem pedil-a em verso :  
 Basta nascer, julgar que tem juízo,  
 Saber no leito fabricar o berço...

¡Felizes os que cantam ! sim, que ao menos  
 Não espantando os males do existir ;  
 Sonhai, em seios claros, ou morenos,  
 Que a vida é o sonho do mundial dormir.

Chamam-me *O Tentador*...mas a verdade  
 E' que eu ando tentado a cada instante,  
 Tanto pela Illusão da castidade  
 Como pelo Egoísmo triumphante.

¡Venturosos os ricos !... Velho ou moço,  
 E sabio e nescio, príncipe ou plebeu,  
 Si dinheiro não tem, lance-se a um poço,  
 Que o farei recolher no seio meu.

¡Venturosos os maus !...So bem merece  
 O que faz bem o mal, ¡ o mal bem feito !  
 A Virtude é Mentira, que se aquece  
 De EPAMINONDAS no gelado leito.

¡Felizes os sensuaes !...Compenetrados  
 Da única verdade, — que é a Dor,  
 No ópio da volupia embriagados  
 Procuram disfarçar tamanho horror.

¡Felizes os egoistas ! Na partilha  
 Dos dons terrenos e dos dons celestes,  
 Tomando o ouro e tudo quanto brilha,  
 Deixam aos mais a sombra dos cyprestes.

Não poupeis nunca os vossos inimigos,  
 Podeis o proprio amigo assassinar ;  
 Semeai calúrnias, inventai castigos,  
 Procurai ser mais pérfidos que o Mar.

¡Odiai-vos uns aos outros! De meu nome  
 Podeis servir-vos ao jurar em falso;  
 A Dúvida, que tanto vos consome,  
 Não possa nunca vos tolher o passo.

Duvidai sempre, mesmo confiando;  
 E negai tudo, a todos. A Razão  
 É uma velha embusteira, conservando  
 No labio o *Sim*...; na consciencia o *Não*!

¡Esquecei pai e mãe!...que elles, no instante  
 Em que fizeram mais um desgraçado,  
 No egoismo do gozo delirante,  
 So queriam tal gozo — prolongado.

Da bananeira aproveitado o cacho,  
 Podeis lança-la inteira na maré:  
 Que o marido não veja que, por baixo  
 Da mesa, a esposa vos procura o pé...

So o Amor faz milagres. A Tristeza  
 E' a camareira pálida da Morte.  
 O amor é a eterna lei da Natureza,  
 O sentimento perennal e forte.

## PROSERPINA

¡O amor platônico?

## SATAN

Isso não existe:  
 É utopia do cérebro em delirio,  
 O olhar do louco, a aspiração do triste  
 Que diz que o seio da mulher é um lirio.

Falo, como os poetas macilentos,  
 Da força occulta que domina heróes,  
 Que sepulta as mulheres nos conventos  
 E accende na amplidão todos os sóes;

O panno das mortalhas e bandeiras,  
 O véu da viuvez e dos noivados,  
 Como a aza das naus aventureiras  
 E a crusta dos balões incendiados;

O fluido electrizado que percorre  
 Todo o nosso tecido arterial,  
 Nesses delíquios em que a vida morre  
 Na apotheose do gozo sensual.

A vida é uma comedia mal escripta,  
 E mais que tudo — mal representada ;  
 Um homem forte, uma mulher bonita...  
 E outras, je muitas outras !... E mais nada.

## HOMENS E MULHERES

¡Salve, soberbo Archanjo rebellado,  
 Eterno como *O Outro*... o teu irmão !  
 Soberano do Reino do Peccado,  
 ¡Fogo, que ardes na eterna escuridão !

## SATAN

¡Eu posso mais que *O Outro* ! si elle impera  
 No limitado círculo da Crença,  
 O Mal, que é o meu poder, livre prospera  
 Da terra inteira na amplidão immensa.

¡Eu posso mais que *O Outro* ! Misterioso,  
 Faz elle o Bem, dizendo-se *O Melhor* ;  
 E eu, sempre alegre, forte, — escandaloso,  
 Contento-me com isto : ¡em ser *Maior* !

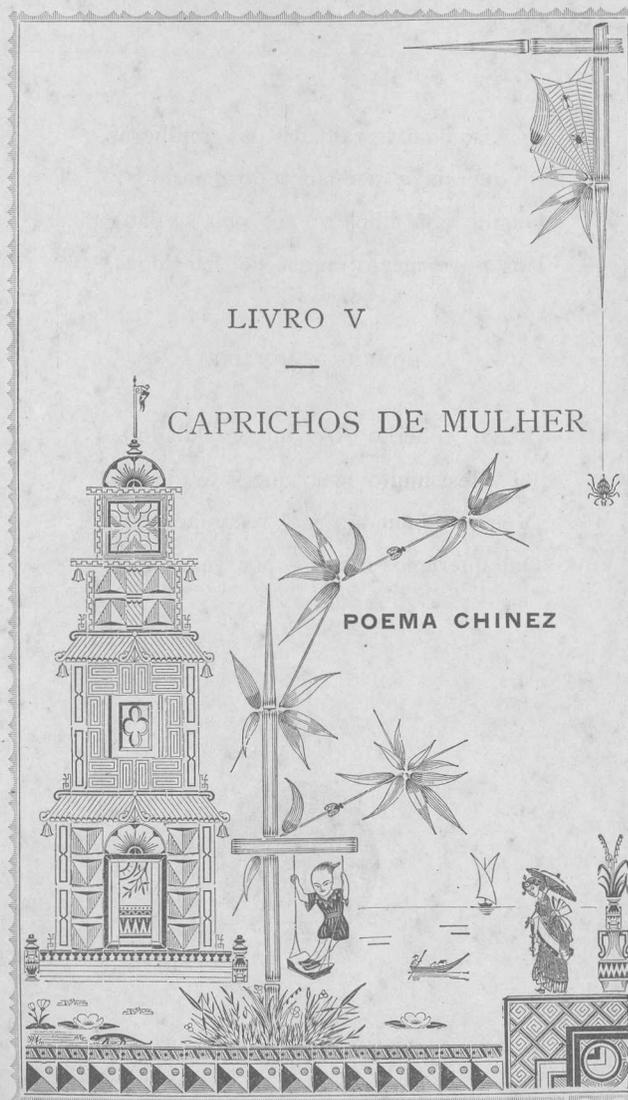
O Bem, que é obra d'*Elle*, é tão mal feito  
 Que aos proprios bons constante martyrisa ;  
 E o Mal, meu bello filho, é tão perfeito  
 Que impera em tudo e a todos electriza.

¡Qual o maior dos dois ? ¡o que impassivel  
 Vê seu filho morrer pregado á cruz,  
 Ou o que em todo o coração sensivel  
 Espalha as chammass duma estranha luz ?

...Lisonjeai a vaidade das mulheres,  
 Si quereis a confiança dos maridos:  
 Quanto aos filhos... aos pais so dão prazeres  
 Uns nove mezes antes de nascidos...

HOMENS E MULHERES

¡Salve, soberbo Archanjo rebellado!  
 Tu vales muito mais que o teu irmão!  
 ¡Vemos o bem tão mal recompensado,  
 Que queremos o mal — por galardão!



A

TRAJANO CESAR

AMIGO DE INFANCIA

Repito apenas aqui o que disse o VISCONDE DE TAUNAY ao Conselheiro AZEVEDO CASTRO (ambos meus saudosos amigos), na dedicatoria da *Innocencia* :

« Si nos antigos tempos da Grecia me fôra possível erigir custoso templo, dedicava-o á Amisade, para no frontispicio gravar o teu querido nome ».



CANTO I

A Princeza

Os povos que fazem parte do ramo sínico (do latim *Sinae*, ou *Sinensis*, Chinezes) não têm, como o ramo mongólico, tão pronunciados os caracteres da raça amarella. O nariz é menos achatado, têm o corpo mais bem feito e a estatura mais elevada.

(L. FIGUIER — *As Raças Humanas*)

**H**A uma terra celestial, occulta  
Por muito tempo ás vistas curiosas,  
Onde, no seio da floresta inculta,  
BUDHA guardou riquezas fabulosas.

Ha nella verdes prados luxuriantes,  
Formosas plantas, flores singulares ;  
Férteis montanhas, rios murmurantes  
Marginados de trémulos palmares.

Ali cresce, dos córregos á tona,  
Do flexivel bambú a fragil cana :  
Quanto produz a incendiada zona  
Da Africa e da flora Americana.

Impera a folha verde-azul cheirosa  
Do chá, cuja virtude peregrina  
Transforma uma bebida deliciosa  
Num producto efficaz da medicina.

É um alto arbusto, exótico e virente ;  
Tem a brancura espúmea das maretas  
Nas flores, que embalsamam o ambiente  
Com um suave cheiro de violetas.

E do tronco cylindrico, adornado  
De muitos ramos de uma cor cinzenta,  
O folhudo pennacho avermelhado  
As chanfradas ellipticas ostenta.

Quanto o poder divino deu á terra  
De grande e util, bello e precioso,  
Aquelle novo paraíso encerra,  
No mais tranquillo e perennal repouso

Tem palacios, maiores e mais bellos  
Que o proprio Vaticano,— parecidos  
Com os feudaes e góticos castellos  
Nas aguas de Veneza reflectidos...

Avenidas, jardins, páteos, ramagens,  
Com viveiros e pontes e cascatas ;  
Áureos faisões de rútilas plumagens,  
Pavões azues, perdizes escarlatas.

Combates de valentes codornizes  
 E de gallos — de crista cor de sangue —  
 Que, repisando as mútuas cicatrizes,  
 Deixam na arena o combatente exsangue.

Restaurantes de chá, onde, estendidos  
 Sobre estrados de junco, os fumadores  
 D'opio, lançam os dados, distrahidos,  
 Na apathia dos vícios seductores.

¡Os fumadores d'opio!... Venturosos  
 Os que podem toldar a intelligencia,  
 Vogando á flor de lagos luminosos  
 Numa especie de lânguida dormencia...

¡Somnâmbulos heróicos! sacrificam  
 As energias rudes da materia  
 Ás allucinações, com que salpicam  
 De estrellas d'oiro a solidão ethérea...

Imperturbáveis diante dos perigos,  
 Insensíveis á dor e á formusura,  
 ¡Nos braços de seus proprios inimigos  
 Buscam allivio á magua que os tortura!

E percorrem fantásticos paizes  
 Vendo, através de nuvens de tristeza,  
 Plantas dos mais exóticos matizes...  
 E mulheres de olympica belleza.

Sopram constantes prósperas aragens  
 As velas de setim da áurea galera;  
 E saturados do prazer das viagens  
 Ancoram — onde sempre é primavera.

Mergulhado num íntimo deleite,  
 Junto da mesa de charão doirado,  
 Comendo gafanhotos com azeite,  
 Medita o mestre-escola, embriagado...

O seu vinho de arroz saboreando,  
 Pinta os quarenta e tres mil caracteres  
 Da escripta figurada, lembrando  
 A ideographica a um grupo de mulheres.

Nesses mysteriosos aposentos,  
 Onde a preguiça voluptuosa impera,  
 Correm sobre delicias os momentos,  
 Numa volupia estranha, que exaspera.

Os costumes de la são mais lascivos  
 Que os dos indios e persas; mais ruidosas  
 Que as saturnaes dos tempos primitivos  
 São aquellas orgias insidiosas.

Grandes cidades, cheias de bazares,  
 Recortam de muralhas a savana;  
 E de seus templos perdem-se nos ares  
 As torres de marfim e porcellana.

Um Consul, meu collega em Venezuela,  
 Que estivera em Pekin numa embaixada,  
 Disse-me que a Chineza, quando é bella,  
 Vence as proprias morenas de Granada.

Figura esbelta: mãos e pés pequenos;  
 Finissimos cabellos muito escuros;  
 Opulentos quadris; seios morenos,  
 Como dois grandes pêcegos maduros.

Olhos de amendoa, oblíquos, scintillantes,  
 Duma terna expressão provocadora,  
 Desafiando desejos petulantes,  
 ¡Numa sêde de amor devoradora!

Eis a nação celestial,— occulta  
 Por muito tempo ás vistas curiosas,  
 Onde, no seio da floresta inculta,  
 BUDHA guardou riquezas fabulosas.

Não ha paiz no mundo cultivado  
 Com tanto esmero como a vasta China;  
 O Septro ali apoia-se no Arado:  
 E onde impera o Trabalho a Paz domina

Semeando sempre terras producentes,  
 Pescando nesses rios abundantes,  
 Compactas multidões vivem contentes,  
 Sem revoltas nem *greves* irritantes.

A lei é um grande pára-sol de seda  
 Aberto sobre todos os rabichos;  
 Mas dos seus tribunaes pela vereda  
 Custam bem caro ás vezes uns caprichos...

A bondade, a justiça e a paciencia  
 São as tres qualidades dominantes  
 Nos costumes herdados, que a indolencia  
 Contaminou de vicios insinuantes.

Muitos séculos antes da Allemanha  
 Ter pretendido descobrir a imprensa,  
 Todos os povos dessa lingua estranha  
 Gozavam ja dessa riqueza immensa.

Não ha neste planeta obra que valha  
 O seu systema hidráulico, que dura  
 Desde o século XV, e que se espalha  
 Pela zona feraz da agricultura.

A fórmula politica baseia-se  
 Na centralisação mais rigorosa;  
 E entre diversas religiões — altêa-se  
 Do Budhismo a doutrina mysteriosa.

Comtudo, as altas classes e o governo  
 Seguem CONFUCIO. Mas plebeus e nobres  
 Ligam pouca importancia ao culto externo,  
 Vivendo assim os bonzos sempre pobres.

Vinte e oito dynastias têm reinado  
Sobre quatro mil annos — ¡throno forte!  
O respeito á velhice é lei do Estado;  
E é sublime o seu culto pela morte.

Apenas tolerada, sempre existe  
Entre os mais ricos a polygamia:  
Não fica no seu lar a esposa triste,  
Do esposo entre as esposas, noite e dia...

¡Como eu te invejo, ó SALOMÃO! ¡Rei sabio!  
Vida de harém,— ¡poesia do serralho!  
Fogo de beijos devorou teu labio...  
Um *rei*... ¡so entre as *damas*, num baralho!...

No vasto porto de Sang-Hai, coalhado  
De embarcações com velas de taboinhas,  
Sombrea a tona d'agua o bando alado  
Dos Cormorans, em differentes linhas...

E nas mesquitas e nos minaretes,  
Nas rótulas vistosas dos bazares,  
¡Gyrândolas do sol! áureos foguetes  
Reflectem os clarões crepusculares...

No seu rico divan d'oiro e velludo  
Scisma a Princeza ALTINA, reclinada  
Sobre o dragão do imperial escudo,  
Bordado no setim de uma almofada.

É joven e formosa: a fronte pura  
Surge de um véu de gaze transparente;  
Custoso leque pende da cintura,  
Que ostenta, em lyra, a túnica luzente.

Os seus rasgados olhos têm as cores  
Dos mares e dos céus: e mais radiosas  
Que o seu collar de pedras multicores  
São desse olhar as settas venenosas.

Em lânguido abandono curva um braço  
 E a fronte pousa sobre os finos dedos;  
 Estende a vista ao longo do terraço...  
 Vôam no azul seus virginaes segredos...

De altas caçoulas brônzeas, fumegantes,  
 Sobem, em caracões, nuvens ligeiras  
 De queimadas resinas penetrantes  
 E perfumes de arábicas roseiras.

E disputando o brilho das sandalias  
 Bordadas da mais viva pedraria,  
 Dos vasos de labores caem dhalias  
 Dos tapetes na felpa luzidia.

Muitas escravas, jovens e formosas,  
 Agitam grandes leques de plumagens,  
 Contando histórias tristes e saudosas  
 De Príncipes de incógnitas paragens.

¿Porque será que a pérola dos mares  
 Embaciada está pela tristeza?  
 ¿Porque será que a névoa dos pezares  
 Boia no triste olhar de Sua Alteza?

¿Porque nos seus jardins não colhe flores,  
 Nem vai ouvir a música das aves?  
 ¿Quem, na idade de amar, não sente amores,  
 E' como a lua no convéz das naves!...

E no seu vasto Imperio, onde se agitam  
 Tantos milhões de súbditos, que a adoram,  
 Por Ella—os corações todos palpitam;  
 ¿Mas seu mudo soffrer—todos ignoram!

Bonzos, que vibram magos instrumentos,  
 Inutilmente buscam distraill-a:  
 Perseguem-na uns teimosos pensamentos...  
 Visão sombria fere-lhe a pupilla...

Seu velho pai, o Imperador glorioso,  
 Cujo poder é quasi omnipotente,  
 Procura, em vão, discreto e cauteloso,  
 A angustia disfarçar que n'alma sente.

Pois a Princeza, o celestial thesoiro,  
 A flor mais rara de um paiz distante,  
 Murchando fria nessa estufa d'oiro,  
 Vai definhando, instante por instante.



## CANTO II

## O Imperador

O Imperador tem jus ao respeito, porque é soberano e porque é de origem divina; mas é mister que se provem nelle as excellencias desses dois titulos e seja superior ao vulgar dos homens.

(CESAR CANTU — *Hist. Univ.*)

**P**ENETRA nos doirados aposentos  
 Da Filha bem amada  
 O Soberano do Celeste Imperio.

Emudecem de prompto os instrumentos:  
 E cada escrava, humilde, ajoelhada,  
 — Braços erguidos, fronte reverente —  
 Inclina-se, uma a uma...

No ambiente  
Boiam as nuvens do ritual mysterio.

Sorri ao Pai a Filha, silenciosa.

O velho Imperador beija a Princeza,  
Mais pensativa quanto assim mais bella :  
E firme, a andar com varonil firmeza,  
Senta-se em frente d'Ella,  
Num divan de velludo cor de rosa.

Eis um bello exemplar de Soberano :  
Na erguida fronte, calma e pensativa,  
Trémula, mas altiva,  
O tempo deshumano  
Deixou fundos signaes : a fria alvura  
Dos cabellos de prata, os enrugados  
Sulcos da corôa imperial, cavados  
Pela meditação severa e dura.

As longas barbas brancas recordavam  
Os varões das Sagradas Escripturas,

Os biblicos Prophetas, que arrastavam  
Pelo deserto as túnicas escuras...

So esse olhar brilhante,  
Como um límpido espelho de bondade,  
Conserva ainda o fogo coruscante  
Dos tempos da gloriosa mocidade.

O IMPERADOR

Filha, sobre meus hombros, encurvados  
Ao rigor dos trabalhos e dos annos,  
Ja não supporto o peso dos Estados,  
Provincias e Concelhos,  
Que os povos soberanos  
Confiam mal aos Soberanos velhos.

O assumpto é muito serio ;  
Trata-se, Filha, do Celeste Imperio.

A mão terrível do fatal Destino  
Mostra-me perto o derradeiro dia...  
Mas ficarás, graças ao Sér Divino,  
Á frente de tão nobre dynastia.

E si vês que a minh'alma se resigna  
Ás leis da morte, que respeito e louvo,  
E' porque deixo em Ti; ó Filha, a digna  
Herdeira do Meu Nome e do Meu Povo.

A corôa de um mundo, que radiante  
Sobre a minha cabeça agora brilha,  
Ha de ferir-te a fronte deslumbrante...  
;E é tão pesado o sceptro, Minha Filha!

;Como has de Tu sustel-o? Vê, procura  
O mais bello dos Principes na guerra,  
;E dá-lhe a gloria, o Amor! ;a alta ventura  
De ter comsigo o Anjo do Céu na terra!

Ao Teu menor capricho, num momento,  
Has de ver a Teus Pés os homens todos;  
Os de sangue mais puro, ou mais talento,  
Todos ao Teu Olhar ficarão doudos.

Si o mais obscuro delles, o mais pobre  
For o que preferires...— ;venturoso!  
Por ser Esposo Teu, será mais nobre  
Que o mais letrado Mandarin famoso.

#### A PRINCEZA

;Pai! ; não vês quanto me custa  
Ouvir-te falar assim?...  
A propria gloria me assusta,  
Não te vendo ao pé de mim...

As leis terriveis da sorte  
Bem sei que se hão de cumprir;  
Mas não me fales da morte...  
Deixa em silencio o porvir...

Basta que eu saiba que abarcas  
Tudo o que é nobre, inda mais :  
Que és o maior dos Monarchas,  
E que és o melhor dos Pais.

## O IMPERADOR

Apenas uma gota de veneno  
Dou-te a provar... e com a taça fico :  
Como Rei absoluto — quero, ordeno ;  
Como Pai extremoso — eu te supplico !

Fala, que não te falarei de novo  
Em tal assumpto, e nisto ficaremos ;  
Trata-se do futuro de Meu Povo,  
Por elle Nós nos sacrificaremos.

## A PRINCEZA

Ja que é mister que eu escolha  
O Esposo que vai ser Meu,  
;Rasgarei, Pai, uma folha  
Do livro que é todo Teu !...

Tirarei um canto inteiro  
Do poema do coração,  
Para dal-o ao forasteiro  
A quem der a minha mão.

Mas só poderá sentar-se  
No teu Thorno, ao pé de mim,  
Quem mais sabio revelar-se  
Que os mais sabios de Pekin.

Assim, provocando estigmas,  
Jogando a vida ao asar,  
Resolverá *tres enigmas*  
Que eu mesma hei de formular.

Terá *elle* o poderio  
Do norte aos confins do sul,  
Ou dormirá, mudo e frio,  
Nas aguas do Rio Azul.

## O IMPERADOR

Filha, dá-me o mais doce dos teus beijos;  
 Abraça, Filha, o mais feliz dos pais:  
 Cedendo aos teus caprichos e desejos,  
 Vou mandar proclamar os esponsais.



## CANTO III

## O Príncipe

Considerai os lírios, como crescem: não trabalham nem fiam; e digo-vos que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestia como um destes. Si, porém, a herva, que hoje está no campo e amanhã se lança no forno, DEUS a veste assim, quanto mais a vós, *homens* de pouca fé? ... Porque onde está o vosso thesouro, ali estava também o vosso coração.

(S. Lucas — Cap. XII, vers. 27 ).

QUANTAS e quantas ambições vaidosas,  
 Nos levantam — nas azas da loucura —  
 A roçar nas esferas luminosas...  
 ;Para nos despenhar na sepultura!

Tal o pharol, erguendo-se nos ares,  
 Coroado de nuvens fluctuantes,  
 Desafiando os impetos dos mares,  
 Servindo de Santelmo aos navegantes;

Ferido pelo raio da tormenta,  
 Batido pelos ventos do deserto,  
 Vacilla, estala, tomba...e se arrebenta  
 No vasto abysmo eternamente aberto.

O Príncipe NORBUD, joven herdeiro  
 Duma das mais remotas dynastias,  
 Que a seus pés vê curvado um povo inteiro,  
 Cercando-o de respeito e de alegrias;

O Príncipe NORBUD, de altiva fronte,  
 Em cuja fronte altiva ha de, radiosa,  
 Brilhar, como um planeta no horisonte,  
 De seus Avós a corôa gloriosa;

Ah! quem diria que tão bella sorte  
 Se mudaria em tétrico destino?!  
 Fôra melhor dormir somno de morte,  
 A ter de andar errante e peregrino...

— Potente Chefe de nação visinha  
 Penetra de surpresa em seus Estados,  
 À frente de um exército, que tinha  
 Insolentes pendões, ja dardejados.

Pesadas hostes chocam-se, atrevidas,  
 Lutando peito a peito, braço a braço:  
 Nadam em sangue as armas, bipartidas,  
 Nuvens de pó levantam-se no espaço.

Os sibillantes dardos vão rasgando  
 As bandeiras — de cores rutilantes —  
 E o peito dos soldados, que, tombando,  
 Se esforçam por se erguer, mais arrogantes.

Gritos de dor, rugidos e lamentos,  
 Vozes de maldição, blasphemias, pragas,  
 Suspiros abafados... ais violentos,  
 ¡Entre um ruidoso retinir de adagas!...

Estranho côro de ecos prolongados,  
 Lembrando das *queimadas* os estalos;  
 Dança infernal de espectros agachados...  
 Berros de bois e rinchos de cavallos.

Foi disputada a vil carnificina,  
 ¡A hecatombe fatal foi disputada!  
 Ha montanhas de corpos na campina,  
 Ha milhares de escudos na esplanada.

Os crueis invasores, em seguida,  
 Penetram na cidade, ja deserta:  
 Foge a triste donzella espavorida...  
 Foge a mãe, ¡que o filhinho ao seio aperta!

Da casaria branca, abandonada,  
 Dos templos, dos palacios sumptuosos,  
 ¡Levanta-se do incendio a fumarada  
 Nuns sinistros listrões impetuosos!...

.....  
 .....  
 .....  
 .....

O Príncipe NORBUD, que na batalha  
 Perdeu, lutando, a paternal corôa,  
 ¡Na bandeira da patria se amortalha  
 E em procura da morte heroico vôa!

Avança, pára... ¡fêre! ¡Continúa,  
 Num constante vai-vem arrebatado!  
 Ferindo, ja ferido, não recua...  
 Até cair exausto...desmaiado.

Durante a noite, um trovador das selvas  
Que cantava ao luar, nas horas mortas,  
Vendo cahido o Príncipe nas relvas,  
De um povo amigo conduziu-o ás portas.

E hoje, da China nas ruidosas ruas,  
Ou entre limoeiros e palmares,  
Nostálgico contempla sões e luas...  
¡Tendo o incendi e guerra nos olhares!

Chegando aos seus ouvidos a noticia  
Ou agita os povos do Celeste Imperio,  
Achou a hora de morrer propicia:  
¡E desafia — o tríplíce Mysterio!



## CANTO IV

## O Novo Edipo

A Filha do KAN-RADJA, reclinada  
Sobre nuvens de sedas e velludo,  
Deixa pousar a fina mão sagrada  
Sobre o dragão do imperial escudo.

Cercam-na de respeito e de homenagens  
Os magistrados e os agricultores;

E agitam ventarolas de paizagens  
Escravas, que a seus pés espalham flores.

Range a seda do alto reposteiro,  
Enrugando-se o sol que refulgia :  
E o Príncipe NORBUD surge altaneiro,  
Tendo no labio um riso de ironia.

Cruza-se o olhar nostálgico do Príncipe  
Com o olhar faiscante da Princeza,  
Em eloquente e muda magestade ;  
Como si fossem rápidos relâmpagos  
Que aclarassem de chofre a natureza,  
Rasgando a escuridão da tempestade.

Ambos formosos, ambos melancólicos,  
A Princeza e o Príncipe ostentavam  
Na frente a sombra de um pesar profundo...  
Parecia que as suas almas gêmeas  
Antes daquelle encontro ja se amavam,  
Presentindo encontrar-se neste mundo.

## A PRINCEZA

Moço bello e triste, pensativo e forte,  
¿Porque vens affeito provocar a morte ?

## O PRINCIPE

Porque tenho n'alma dúvidas supremas...  
Vejo a luz nas trevas dos fataes problemas.

## A PRINCEZA

Jogas nisso a vida, joven forasteiro ;  
¿Vê que te debruças num despenhadeiro!..

## O PRINCIPE

Celestial Princeza, quero ver si a morte  
Pode ser mais triste do que a minha sorte.

## A PRINCEZA

Olha, dentre os muitos, que te precederam,  
Nem um so existe... ¿Todos ja morreram !

( *Ergue-se, de braços levantados* )

¡E que morte horrível!...¡Foram pelos ares  
Das mais altas torres aos mais fundos mares!

O PRINCIPE

Nada me apavora ; nada mais me aterra :  
Vi no lar o incendio, vi na patria a guerra.

A PRINCEZA

Ja que não recuas, rindo do perigo,  
Eis meu throno... e eis teu funeral jazigo...

O PRINCIPE

Fatal destino, que me condemna,  
Com força estranha meu sêr sacode ;  
¡Fala, Princeza! não tenhas pena  
De quem mais penas penar não pode.

Quando a ventura de nós se esconde,  
¡Que resta? — ¡A morte!

A PRINCEZA

¡ Basta, estrangeiro !  
São *Tres Enigmas*... Ouve e responde,  
Eis o *primeiro* :

I

¡Qual é a árvore antiga,  
Que sempre nova parece ;  
À cuja sombra se abriga  
Tudo que nasce e fenece?

Guarda, constantê, dum lado  
A luz, e do outro a treva ;  
E no seu tronco, abrasado,  
Ha gelo ás vezes que neva.

Atravessou o passado  
E segue para o futuro,  
Como o romeiro cançado  
Que vai por caminho escuro.

Do gelo derrete as bolhas,  
Do sol reflecte os fulgores;  
Ora — despida de folhas,  
Ora — vestida de flores».

O Príncipe NORBUD, de erguida fronte,  
Depois de meditar alguns momentos,

Ajoelha-se defronte

Da trémula Princeza, e diz, ufano:

— « ¡Tem doze ramos e dá quatro fructos !

Chama-se o *Anno* ».—

A PRINCEZA

¡ Graças a BUDHA! ¡ acertaste !  
És o primeiro que acerta...  
Ja muito longe chegaste,  
Mas inda a marcha é incerta.

O PRINCIPE

Ja que a ventura...

A PRINCEZA

Olha, estrangeiro,  
São *Tres Enigmas*... e o mais profundo  
Não é por certo logo o primeiro ;

Eis o *segundo*:

II

¿Qual é o quadro mais bello,  
Que, numa fragil moldura,  
Brilha, orgulhoso e singelo,  
Cheio de graça e ternura ?

Casto, de um brilho sereno,  
Em tempestades se expande...  
E — num espaço pequeno —  
Reflecte tudo que é grande.

Não ha lago mais dormente,  
Nem pedra mais preciosa,  
Que esse crystal transparente  
De uma luz mysteriosa.

Na mais suave penumbra,  
 Tem fogo ; e sem te queimares  
 O seu fulgor te deslumbra  
 Como os lampejos solares ».

O Príncipe NORBUD, de erguida fronte,  
 Naquelle mesmo instante  
 Ajoelha-se defronte  
 Da trémula Princeza, e diz, radiante:

## O PRINCIPE

Realizando o nosso mútuo almejo,  
 Julgo-me agora menos desgraçado:  
 Nos bellos Olhos Teus, Princeza, vejo  
 Este segundo enigma decifrado.

Tuas negras pestanas arqueadas  
 E as pálpebras em flor, são a moldura  
 Das pupillas celestes, constelladas  
 Ao divino clarão que em ti fulgura.

## A PRINCEZA

¡Ja triumphaste duas vezes ! Falta,  
 Para chegar a mim, dar poucos passos ;  
 ¡Dois abysmos galgaste !... Agora, salta  
 Radiante de heroismo  
 O último... ¡que á beira desse abysmo  
 Te estenderei meus braços !

## III

« ¿Que é que bem poucos admiram,  
 E a todos é necessario ;  
 Mas que os néscios sempre atiram  
 Para um plano secundario ?

Modesto e rasteiro vaga,  
 Como dos bardos o plectro,  
 Brillante como uma adaga,  
 Poderoso como um sceptro.

Para ferir sendo feito,  
 Sangue não tem derramado ;

Quem o possui, satisfeito  
 Próspera, nelle apoiado.

Errante nas soledades,  
 Resolve problemas serios ;  
 Levanta grandes cidades,  
 Sustenta vastos Imperios ».

O Príncipe NORBUD, de erguida fronte,  
 Naquelle mesmo instante  
 Ajoelha-se defronte  
 Da trémula Princeza, e diz, radiante :

O PRÍNCIPE

¡Princeza ! os teus gloriosos ascendentes,  
 Em vez de provocar inúteis guerras,  
 Apoiaram-se nelle... dando às gentes  
 A prova do valor real das terras.

É o *Arado*.

A PRINCEZA

¡Venceste ! ¡Triumphaste !  
 ¡Podes beijar a mão que te offereço !

O PRÍNCIPE

Beijo-a com effusão, porque a mereço.

A PRINCEZA

( *Erguendo o Príncipe nos braços* )

¡Porque com teu talento a conquistaste !

O PRÍNCIPE

( *Depois de abraçar e beijar a Princeza* )

Sabe agora que os meus antepassados,  
 Sem a glória invejar dos teus maiores,  
 Dando um vivo esplendor aos seus Estados,  
 Foram Príncipes, Reis, Imperadores.

Vê, já que me recebes nos teus braços,  
Que não terás de te curvar do throno:  
Antes de entrar nestes doirados paços  
Sahi de um reino — de que fui o dono.

( O Príncipe NORBUD, então, refere  
Do seu curto passado a longa historia ;  
E o seu olhar, que as vistas todas fere,  
Enche a Princeza de alegria e gloria ).

## A PRINCEZA

( *Ao Imperador* )

¡Pai! ¿não queres que eu escolha  
O esposo que ha-de ser meu?

( *Designando o Príncipe* )

Dou a este, folha a folha,  
O livro — ¡que era so teu!

( *Aos Mandarins* )

¡Adorai-o! Vai sentar-se  
No throno — junto de mim —  
Por mais sabio revelar-se  
Que os mais sabios de Pekin.

( *Ao Príncipe* )

Bello Príncipe estrangeiro,  
Ao receber minha mão  
¡Lerás o poema inteiro  
De um virginal coração!

\*  
\* \*

Range a seda do alto reposteiro,  
Enrugando-se o sol que refulgia:  
Sai lentamente o Príncipe, altaneiro,  
¡Levando n'alma a aurora da alegria!

Pouco depois... KAN-RADJA se deitava  
 Num leito d'ouro, em Panteon funério...  
 E ALTINA, ao lado de NORBUD, reinava  
 Na vasta côrte do Celeste Imperio.

FIM

## NOTAS

**A**INDA não se publicou um livro de versos, no Brasil, ornado de tão finas e numerosas gravuras como este. Todo o trabalho gráfico foi executado nas oficinas da Imprensa Nacional, estabelecimento que não tem rival na América latina, e que attingiu o mais alto grau de desenvolvimento durante a fecunda administração do illustrado Dr. FLORESTA DE MIRANDA, seu actual director-geral.

O primeiro retrato do autor é cópia de uma photographia da casa Guimarães & C., e o segundo é a redução de uma photographia da casa Bastos Dias. Além da maioria das illustrações, todas de notáveis artistas estrangeiros, figuram nesta obra os trabalhos dos mais illustres pintores e caricaturistas nacionaes : — VICTOR MEIRELLES, LOPES RODRIGUES, AUGUSTO ALEXANDRE DOS SANTOS (*Falstaff*) e RAUL PEDERNEIRAS.

## CAMPO SANTO

O título, com a declaração immediata de que este livro encerra as minhas *últimas poesias*, não quer dizer que

deixarei de cantar de hoje em diante; allude apenas ás *últimas*, em ordem chronológica, que preocupações de ordem material não me permittiram até agora colleccionar em volume. Quanto ao *Campo Santo*... é o cemiterio dos meus sonhos mortos.

Quem se der ao trabalho de ler esta obra, verá que acompanhei de perto toda a evolução moral e social de um fim de século tão agitado, (como foi aquelle que me devorou a mocidade), sem ter recuado um passo no alvorecer deste novo século, que exige o concurso viril de energias novas, quando ja me vejo no declive da montanha da vida, ameaçado de morte próxima pelos symptomás alarmantes de uma molestia velha e de nome novo, cuja gravidade avalio, mas não me acabrunha.

Coube-me na partilha da existencia tão grande quinhão de dores e alegrias, tenho soffrido tanto e tanto tenho gozado, que me habituei a gostar doudamente de todas as miserias da vida. Forçado a sair cedo deste delicioso valle de lágrimas, confesso que o farei bem contra a minha vontade, não levando, porém, o meu egoismo á fraqueza de lamentar-me.

Entre a resignação, que me falta, e o desespero, que me assalta, sem conseguir dominar-me, crei para o meu uso uma philosophia, piedosa e consoladora, que é uma especie de narcótico a embalar-me num somnambulismo ideal, emprestando-me ao mesmo tempo uma força estranha, de que preciso lançar mão para atordoar-me.

Foi sob tão singular estado da alma que escrevi este novo livro, em nada parecido com os anteriores, sob o ponto de vista das allucinações de um espírito torturado pela Dúvida e o Tédio; mas incontestavelmente menos mau que todos elles quanto á elaboração esthetica.

A—C—U—M — *Págs. 21 a 23 :*

Esta composição e as de páginas 323 e 331 (*A Alma e a Pedra e Vibrações do Cérebro*) são ligeiros ensaios da grande Poesia do Mystério, emanada da intensidade lyrica que se evola dos phenômenos do Occultismo, vasto campo de investigação que se abre ao mysticismo dos modernos buriladores do verso.

Guiado por cerebrações poderosas como as de AKSAKOF, RICHT, OCHOROWICZ, HÉRICOURT, DELEUZE, GIBERT, WILLIAM CROOKS e RUSSEL WALLACE, que deram á philosophia e ás sciencias exactas uma nova orientação, em esphera muito mais alta e luminosa, procurei apenas demonstrar que o poeta pode tomar a vanguarda na legião dos philosophos e cientistas, dispondo de um elemento de incontestavel superioridade, a faculdade de transmittir o sentimento pelos processos da suggestão.

Coube-me a satisfação de ser o primeiro, no Brasil, a descerrar as portas diamantinas desse palacio maravilhoso, até hoje inteiramente fechado a todos os nossos poetas, convidando-os assim a penetrar commigo dentro desses salões povoados de visões e fantasmas, debruçando-nos dessas janelas abertas para a escuridão, na esperança de ver, ao mysterioso clarão de raios sem luz, ou antes, á serena claridade dos eternos fluidos astraes, a imagem puramente espirital de DEUS.

ALERTA!— *Págs. 41 a 44:*

A primeira estrophè da página 42 deve ser substituida por esta:

Eu, que ouvi o canto d'*Ellas*,  
E as lágrimas d'*Elles* vi;  
Firme como as sentinellas,  
Brado aos que vão por aqui:

E na página 43, onde se lê:— *Na sua dor*,— lêa-se:  
— Cheio de dor.

O NOMARCHO — *Págs.* 83 a 90:

O episodio do anel, de que trata este fragmento, previne o leitor de que o prisioneiro vai encontrar sua noiva já desposada pelo hospedeiro *Nomarcho*. Este titulo correspondia ao de governador de um *nomo* (província) no antigo Egypto.

*Astor* (pág. 87) era a Deusa do Amor, como lhe chamavam os egypcios. O *gynecceu*, (pág. 91) refere-se á parte da casa que os gregos destinavam á habitação das mulheres, completamente segregadas dos homens.

PAIZAGEM GAÚCHA — *Págs.* 99 a 101:

Esta poesia e *A Virgem Pampeana*, de páginas 103 a 109, filiam-se á tentativa de poesia nacional, que iniciei em 1875, no meu livro das *Flores do Pampa*, conjuntamente com APOLLINARIO PORTO ALEGRE no livro das *Bromélias*, publicado com o pseudônimo de *Iriema*. Mais tarde, em 1885, LOBO DA COSTA e BERNARDO TAVEIRA, todos rio-grandenses, filiaram-se á essa escola; mas o primeiro apenas escreveu meia duzia de inspiradas poesias, e o segundo, que explorou o assumpto mais demoradamente, não conseguiu lograr o seu objectivo, por faltar-lhe o estro e ser incorreto na fórma.

Nenhum outro engenho poético da minha saudosa terra natal se voltou até hoje para esse gênero de poesia, tão original e característico, enriquecido por um vocabulario numeroso, quando corremos o risco, que parece fatal, de ver desaparecer o typo do *gaúcho*, cedendo terreno dia a dia á invasão do colono europeu, principalmente da Allemanha.

RIMANCE DO TRISTE PAGEM—*Págs.* 165 a 172:

Os poucos que se dedicam aos enfadonhos e inglorios trabalhos philológicos, em completo antagonismo com a poesia, podem avaliar quanto é penosa uma peregrinação retrospectiva, afim de se poder acompanhar passo a passo a evolução do idioma, sem sair dos moldes clássicos na estrutura do verso, nem da nebulosidade do symbolismo na concepção idealista.

GONÇALVES DIAS deu a prova da sua competencia em tão escabroso assumpto, legando á posteridade as suas interessantes *Sextilhas de Frei Antão*, escriptas ha mais de meio século, e que ainda não encontraram éco na voz de nenhum dos nossos poetas. Sei que o meu *Rimance do Triste Pagem* nunca terá as honras da popularidade; penso, porém, que não desagradará aos eruditos.

PARISINA — *Págs.* 175 a 203:

Publiquei este poema no *Jornal do Commercio*, em 1885, e por esquecimento deixei de incluí-lo nos livros que de então para cá tenho dado á publicidade. Muitos jornaes, de sul a norte, transcreveram-no, chegando até a ser explorado, em folhetos impressos aqui e em Portugal, sem que os fraudulentos editores se dignassem de ouvir-me quanto aos

meus direitos de autor, pois a propriedade literaria, como espirituosamente disse ALFONSE KARR, é uma propriedade.

A minha PARISINA não é precisamente uma traducção; é a ampliação paraphrástica dos admiráveis versos de LORD BYRON, immortalizando os incestuosos amores da formosa prima de FRANCESCA DE RIMINI, também immortalizada, por criminosos amores, nos perduráveis tercetos do DANTE.

BYRON, depois da scena trágica, em que termina o meu poema, continuou o seu, descrevendo a viuvez e a solidão do justicador. Pareceu-me mais dramática a terminação no episodio principal, que é aquelle em que é executado o delinquente, aos olhos de sua cúmplice e do algoz de ambos.

O Conselheiro FRANCISCO OCTAVIANO, que viveu tão familiarisado com a musa byroniana, em carta que teve a amabilidade de dirigir-me, disse: — « Acabo de ler a sua *Parisina*, no *Jornal do Commercio*; e não podendo correr a abraçal-o, pois o Senado me desvia do Parnaso, mando-lhe nestas linhas os meus entusiásticos applausos. Você conseguiu, como traductor, o que ninguem mais havia alcançado: fez esquecer o autor... e o autor é BYRON ! »

Bem se vê que falou mais alto a amisade que a justiça. Mas, é tão prolongada e tenaz a *conspiração do silencio* levantada nestes últimos annos contra o meu obscuro nome, que me vejo obrigado a procurar a sombra dos amigos de outr'ora, para não morrer — de tédio e náuseas...

#### A CASACA NEGRA — *Págs. 299 a 301:*

Ha nestes versos a coincidência de uma notavel prophécia. A 2ª, a 3ª e a 4ª estrophes da página 296, pintam ao vivo o que se tem passado no Brasil desde 15 de novembro

de 1889 até agora; e estes versos foram escriptos um anno antes daquella data, a 2 de dezembro de 1888, e nesse mesmo dia recitados na festa literaria offerecida aos illustres poetas de Venezuela, em retribuição a uma outra, que por elles me fôra offerecida, a 15 de novembro de 1888...

#### TODAS ELLAS — *Págs. 337 e 338:*

O terceiro verso da primeira estrophe da página 338 deve ser substituido por este:

Mas por Ellas... as Lauras e Iracemas, etc.

#### BALLADA DE GÓNGORA — *Págs. 339 a 341:*

O verso assonantado, que os espanhões cultivam com tanto esmero, ja foi usado em Portugal e no Brasil até á primeira metade do século XIX. Pareceu-me opportuna esta restauração de um característico exclusivo dos idiomas ibéricos, que os allemães e inglezes tanto apreciam e invejam, agora, que os symbolistas se voltam para as chácaras, rimances e villancetes.

A dedicatória ao mais poderoso poeta da nossa lingua na actualidade, é o pagamento tardio de uma dívida de coração, que nunca prescreve, na falta de melhor meio de poder abraçal-o atravez das longas aguas que nos separam.

#### O SERMÃO DA MEIA-NOITE — *Págs. 443 a 458:*

A victoria do Mal, no devastado campo da civilização do Occidente, consequencia lógica da falta absoluta de crenças tanto nos que governam como nos que são governados, faz-me

acreditar que são chegados os tempos de que rezam as prophcias...

Na minha tristeza mystica de sincero religioso, na quixotesca impotencia de um sombrio Cavalleiro da Fé, lavrei este protesto de sagrada indignação, pintando com as tintas mais vivas da ironia um inferno que não é mais do que o nosso meio social.

Atravessamos o terrivel momento histórico de que fala BALZAC: — « o *successo* passou a ser a razão suprema de uma época atheista. Assim, a corrupção das esferas elevadas, apesar dos resultados deslumbrantes do ouro e das suas razões especiosas, é infinitamente mais hedionda que as corrupções ignóbeis e quasi pessoas das esferas inferiores... e o livro está sendo a arma, menos rápida, porém mais segura, dos poetas ».

POEMA CHINEZ — Págs. 459 a 504 :

Os mythos gregos emanaram espontaneamente da imaginação e do sentimento popular, da mesma forma que as fulgurações do iris irrompem das facetas de um diamante lapidado. Não é possível modifical-os na essencia, para synthetisal-os na allegoria ou no symbolo, sem a intervenção da philosophia, tomando por base algum factu histórico.

CESAR CANTU observa criteriosamente que não se lhes pode applicar a série chronológica, desde que as suas personagens são deuses, heróes e homens em constante justaposição e recíproca sympatia; principalmente porque muitos desses homens são fictícios, sem que nos seja possível determinar os que podem ter existido realmente. As genealogias de seme-

lhantes personagens não podem servir de base para cálculos chronológicos.

O *Novo Edipo* que vem decifrar os *Tres Enigmas* formulados pela Princeza, não é aquelle sombrio heróe do cerco de Thebas, fadado para os crimes e desventuras commemorados na tragedia antiga; inspirei-me de preferencia na fantasia allemã, admiravelmente synthetisada nos bellos versos de SCHILLER, fonte inspiradora deste poema, livremente ampliado nos moldes de uma forma original e nova, a que procurei dar a acção dramática para mais accentuar o cunho da minha individualidade, mesmo em assumptos que ja tenham passado pela mente de outros poetas.

E' tal o adiantamento moral da China, desde a mais remota antiguidade, que, perguntando CONFUCIO um dia a seu filho si fazia progressos na poesia, como este lhe respondesse que não se occupava nisso, replicou-lhe o philósopho: — « Pois si não aprenderes a poesia, si não te exercitares em escrever versos, nunca saberás falar bem ».

« E um Imperador, a despeito da lei que prohibe aos príncipes o conhecimento do que se escreve na sua historia, quiz saber como o julgava o seu chronista. Tendo visto com que franqueza e verdade se narravam os seus erros e as suas fraquezas, queixou-se ao historiador. — « E' verdade, replicou este, mas eu escrevi tudo isto para instrucção dos vindouros, e vou agora mesmo, assim que deixar Vossa Magestade, registrar as queixas e as ameaças que acaba de me dirigir ».

O Filho do Céu ficou como que assombrado: — « Pois vai, retorquiu, e escreve o que quizeres; eu me portarei de sorte que, a contar de hoje, a posteridade não tenha nada de que me arguir ».

— As chinezas têm vivacidade, são amáveis, e até bellas ; têm os olhos negros, o nariz pequeno, a physionomia doce. A corpulencia é um merecimento no homem, como indício de vida bem passada. Com excepção do soberano, que é o único a usar o cabelo e as longas barbas ( a que allude o verso 17 da página 478 ), rapam o cabelo á navalha, deixando apenas uma trança, ou rabicho, nascida do alto da cabeça, que cobrem com um bonet de fôrma cônica.

A publicação deste *Poema Chinês*, precisamente depois da vergonhosa victoria das potencias européas ( alliadadas ao abutre norte-americano ) é o meu protesto contra mais uma infamia da pseudo-civilisação occidental.

*Mucio Teixeira.*

## INDICE

Dedicatoria . . . . .	VII
Câmara Ardente. . . . .	XI

### LIVRO I

#### AMULETOS

Virilidade. . . . .	3
O Amor. . . . .	5
Tres enigmas . . . . .	11
Torneio fatal . . . . .	13
Monólogo do Cavalleiro. . . . .	19
A—O—U—M . . . . .	21
Na escuridão . . . . .	25
O Niagara. . . . .	27
O Aeronauta. . . . .	31
O Propheta Elysio. . . . .	35
Alerta ! . . . . .	39
O Soberano Proscripto . . . . .	41
Metempsychose . . . . .	45
A Cidade do Bem . . . . .	47
A Alegria e a Dor. . . . .	51

Altas cavallarias . . . . .	53
Passeio a cavallo. . . . .	59
O último sonho do Dante. . . . .	61
O Inferno . . . . .	71
O bergantim ideal . . . . .	73
Vida não vivida . . . . .	77
A Cruz . . . . .	79
A Virtude e a Liberdade . . . . .	81
O Nomarcho. . . . .	83
Dia e noite . . . . .	97
Paizagem gaúcha. . . . .	99
A Virgem Pampeana. . . . .	103
Minh'alma. . . . .	111
Os Emigrantes. . . . .	113
Amor e ciúme . . . . .	119
Dona Infanta . . . . .	121
A confidencia d'Ellas. . . . .	127
Graziella. . . . .	129
Byron em Veneza . . . . .	133
Diante de um berço . . . . .	135
Saudade materna. . . . .	139
Solilóquio de Colombo . . . . .	143
No anniversario de Rachel . . . . .	151
Banho real... ideal . . . . .	153
Tua mão . . . . .	157
A uma Poetisa. . . . .	159
No leque de uma Embaixatriz . . . . .	163
Rimance do Triste Pagem. . . . .	165
O meu amor. . . . .	173
Parisina. . . . .	175

## LIVRO II

## PARANYMPHOS

Dedicatória . . . . .	207
I — O gozo intenso e rápido, as carícias . . . . .	209
II — Ninguém sentiu jamais tudo que sinto. . . . .	210
III — Querer o proprio mal, que de ti venha. . . . .	211
IV — Diziam todos (e eu sem conhecer-te). . . . .	212
V — Amar é o hymno d'alma, repetido . . . . .	213
VI — Debruçado nos límpidos espelhos . . . . .	214
VII — Reflectindo o fulgor dos teus olhares. . . . .	215
VIII — Despe-te o meu olhar a cada instante. . . . .	216
IX — Quando tua alma geme no teclado . . . . .	217
X — Quando sorrindo me apontaste lânguida. . . . .	218
XI — Sosinhos, alta noite, no terraço . . . . .	219
XII — O teu olhar, de fluidos mysteriosos . . . . .	220
XIII — Dos meus versos na púrpura esmaltada . . . . .	221
XIV — Si ousei ferir-te escrúpulos sagrados . . . . .	222
XV — Entre umas plantas que envenenam tudo . . . . .	223
XVI — Tremeu, ao ver-me ; depois, num riso . . . . .	224
XVII — Não te apavore o meu olhar nostálgico. . . . .	225
XVIII — A morte não é mais que a porta aberta . . . . .	226
XIX — O transformismo, ultrapassando a cova. . . . .	227

## LIVRO III

## AURÉOLAS

Dois de Dezembro . . . . .	233
Libello a França. . . . .	237

El-Rey Niño. . . . .	243
Ode a Bahia. . . . .	245
A Pinheiro Machado . . . . .	249
O Incomparavel . . . . .	253
Arthur de Oliveira. . . . .	257
A Lord Byron. . . . .	273
Augusto Alvares Guimarães. . . . .	275
Hymno da Paz. . . . .	281
Ao Barão do Rio Branco . . . . .	287
A casaca negra ( a D. Pedro II ). . . . .	293

## LIVRO IV

## AMAVIOS

Necrópolo de insectos. . . . .	307
Rimas. . . . .	319
A Alma e a Pedra . . . . .	323
Meu harem . . . . .	329
Vibrações do cérebro. . . . .	331
Tcdas Ellas! . . . . .	337
Ballada de Góngora . . . . .	339
Sêde de vingança. . . . .	343
O canto do Odio . . . . .	345
No album de João Bruno . . . . .	351
Res non verba. . . . .	353
Como se vê o Céu. . . . .	257
Madona . . . . .	359
Toda nua!. . . . .	367
O diabo. . . . .	369

Velha historia . . . . .	379
<i>Doloras e Humoradas</i> de Campoamor . . . . .	381
De profundis. . . . .	399
Flores do Abysmo . . . . .	403
O Pagem . . . . .	407
Febre. . . . .	409
Mulheres e ondas. . . . .	413
Eidaldéa. . . . .	415
<i>Algo</i> de Bartrina. . . . .	421
Quadrinhas . . . . .	429
O Piano. . . . .	431
Le Iorgnon du diable. . . . .	435
Sol de inverno. . . . .	439
O Sermão da Meia Noite . . . . .	443

## LIVRO V

## POEMA CHINEZ

Canto I — A Princeza. . . . .	459
Canto II — O Imperador . . . . .	471
Canto III — O Príncipe. . . . .	485
Canto IV — O novo Edipo . . . . .	491
Notas. . . . .	505

## OBRAS DE MUCIO TEIXEIRA

### Livros de poesias:

*Vozes trêmulas*, 1 vol. ; — *Vio'etas*, 1 vol. ; — *Ondas e Nuvens*, 1 vol. ; — *Sonoras e Clarões*, 1 vol. ; — *Novos Ideaes*, 1 vol. (3 edições) ; — *Prismas e Vibrações* 1 vol. ; — *Ilugonianas*, 1 vol. (2 edições) — *Poesias e Poemas*, 1 vol. (2 edições) ; — *Celajes* (em lingua castelhana) 1 vol. ; — *Semblanzas Venezolanas* (em lingua castelhana) 1 vol. ; — *Brasilênas y Lusitanas* (em lingua castelhana) 1 vol. ; — *Poesias de Don Mucio Teixeira*, vertidas al castellano por Poetas da Venezuela, 1 vol. ; — *Poesias escolhidas* (edição feita em Paris pela casa Garnier) 2 vols. ; — *Brazas e Cinzas*, 1 vol. ; — *Campo Santo*, edição illustrada.

### Poemas:

*Cérebro e Coração*, 1 vol. (2 edições) ; — *Fausto e Margarida* (4 edições) 1 vol. ; — *Contos em Cantos*, 1 vol. ; — *Intermedio Lyrico*, 1 vol. ; — *Um Sonhador do Século*, 1 vol. ; — *O Inferno Politico*, 1 vol. ; — *O Triunfo-Rei* (3 edições) ; — *Pequenos Poemas de Campoamor*, 2 vols. ; — *Mulheres do Evangelho* (2 edições), 1 vol. ; — *O Girafa*, 1 vol. ; — *O Pato* (em elaboração) 1 vol. ; — *O Mestre de Santiago*, 1 vol. ; — *A Visão de Frei Martim* (traducção de NUÑEZ DE ARCE), 1 vol. ; — *Os Minuanos*, 1 vol. ; — *Os Inconfidentes*, 1 vol. ; — *Vera Cruz*, 1 vol.

### Dramas:

*O Filho do Banqueiro* (5 actos) ; — *Alvaro—o Farrapo* (5 actos) ; — *A flor de um dia* (4 actos, em verso) ; — *Tempestades moraes* (3 actos) ; — *A Virtude no Crime* (5 actos) ; — *O Sobrinho pelo Tio* (comedia, 3 actos) ; — *Montalvo* (3 actos) ; — *Chimica Conjugal* (em verso, 1 acto).

### Obras em prosa:

*Memorias dignas de memoria*, 5 vols. ; — *Poetas do Brasil*, 3 vols. ; — *Synthese histórica da Literatura Brasileira*, 3 vols. ; — *Poetas de Venezuela*, 1 vol. ; — *Poetas do México*, 1 vol. ; — *Poetas da Bolívia* 1 vol. ;